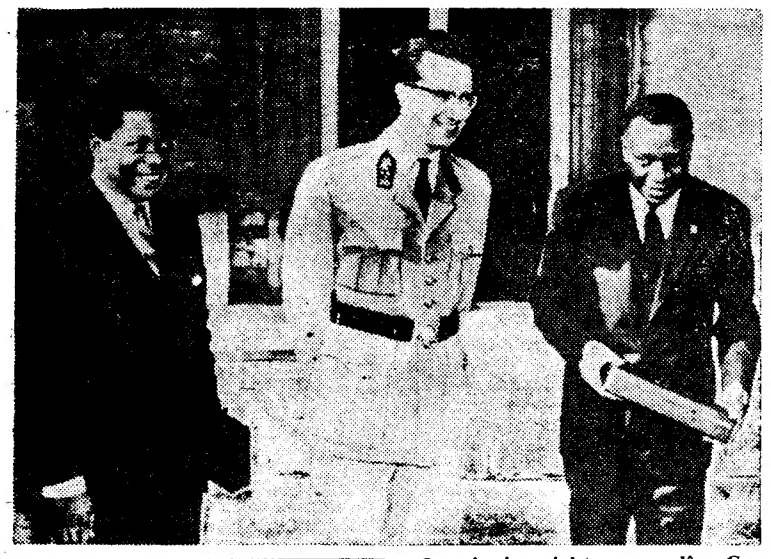
FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 28 DE FEVEREIRO DE 1963 ANO 42.º — NÚMERO 14 442

Diário de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO



O primeiro-ministro congolês, Cyrille Adoula (á direita), acompanhado do ministro dos Negócios Estrangeiros, Bomboko, que se encontram na Bélgica, em visita oficial (a primeira dum chefe do Governo depois da independência do Congo, em 1960), após a apresentação de cumprimentos ao rei Balduíno

Um casal europeu foi assassinado perto de Nova Lisboa

LUANDA, 28. — Na periferia de Nova Lisboa, no local denominado Bomba, foram assassinados, á facada, o comerciante europeu, Constantino Augusto Claro, de 64 anos, e sua mulher Otília Prazeres Couto.

A ocorrência causou grande emoção em Nova Lisboa, visto tratar-se do quarto assassinato que se regista nos ultimos meses naquelas imediações.

A Polícia investiga, embora seja provável que se trate de crime baseado em relações comerciais ilícitas, visto que Claro emprestava dinheiro a altos juros. (L.).

O rapto de Argoud em Munich é comparado ao de Eichmann pela Imprensa francesa

que se inclina mais para a hipótese de ter sido obra de agentes secretos da França

PARIS, 28.—A Imprensa francesa manifesta hoje incredulidade quanto á versão de que o coronel Antoine Argoud teria sido entregue á Polícia pela própria O. A. S., acusado de traição.

Os observadores inclinam-se mais a crer que Argoud foi na realidade raptado por agentes secretos franceses em Munich, que fizeram esta encenação para se evitarem complicações diplomáticas com o Governo alemão.

Argoud afirma que foi preso no seu hotel de Munich por dois homens que se apresentaram como agentes da Polícia alemã, o que levanta a hipótese de cooperação secreta entre agentes franceses e alemães, que assim ladearam as dificuldades legais de um pedido de extradição e apresentaram o rapto como tendo sido obra da O. A. S.

A Imprensa compara o rapto de Argoud com o de Eichmann, na Argentina, por agentes secretos israelitas.—(A. N. I.).

UM JORNAL ALEMÃO SUGERE QUE O EX-CORONEL SEJA «DEVOLVIDO» PELOS FRANCESES

BONN, 28.—Os jornais alemães de hoje pedem um inquérito oficial ás notícias de que o ex-coronel Antoine Argoud, dirigente extremista francês, fora raptado em Munich por agentes franceses disfarçados, antes de ter sido encontrado numa furgoneta em Paris, na terça-feira passada.

O jornal independente «Frankfurter Algemeine» diz, em artigo de fundo, que, se Argoud foi capturado por agentes franceses, ou «mesmo com a sua aprovação», os franceses têm de o devolver á Alemanha. «Compete á Alemanha Federal julgar se deve ou não continuar a dar-lhe asilo».

O jornal pró-social-democrático (oposição) «Neue Rhein Zeitung», de Essen, diz que o caso Argoud pôs a amizade franco-alemã «numa situação embaraçosa. É essencial

(Continua na 16.ª página)

Manifestações contra os E. U. A. durante a investidura do presidente dominicano

SÃO DOMINGOS, 28 — Manifestações antinorte-americanas e antivenezuelanas interromperam ontem o desfile militar comemorativo da tomada de posse do presidente Juan Bosch e obrigaram ao cancelamento do resto do programa.

A Polícia Militar dispersou á coronhada uma multidão de manifestantes que gritavam «slogans» antinorte-americanos e insultavam o presidente Rómulo Betancourt, da Venezuela, que assistia ao desfile na tribuna oficial, ao lado de Juan Bosch e do vice-presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson.

(Continua na 16.ª página)

Nota do dia

ASPECTOS

O grave problema da saúde mental e da assistência psiquiátrica foi discutido ultimamente na Assembleia Nacional, e aprovada uma proposta de lei que procura dar satisfação às necessidades do País nesse importante aspecto da saúde pública. O que a proposta de lei não podia prever nem evitar, por inconcebiveis, são os excessos que se cometem por vezes na maneira de tratar com doentes mentais e que partem, em geral, de pessoas ignorantes e desumanas, porque esses estão previstos e são punidos pela lei penal, que tanto protege os que estão no uso das suas faculdades mentais como aqueles que tiveram a infelicidade de as perder. Isto vem a propósito de uma notícia publicada no nosso prezado colega «O Século», em que se dava conta da perseguição feita a um louco numa localidade do concelho de Tomar, por «se ter recusado, em face de intimação judicial, a apresentar-se a um tratamento a que é sujeito todos os meses». Tendo sido pedido o auxílio da Polícia, esta foi recebida à pedrada pelo doente irresponsável, que chegou a ferir um guarda. Parece que o caso se devia ter procurado resolver por outros processos menos violentos. Recorreu-se, porém, ao pior. Diz o correspondente do «Século»: «Em face disto, a Polícia viu-se na necessidade de fazer fogo para o ar, mas de nada serviu, tendo sido necessário dar-lhe um tiro nas pernas. Só assim conseguiu dominá-lo e conduzi-lo ao hospital, onde ficou internado». Salvo o devido respeito pela autoridade, parece-nos que não será este o processo mais aconselhado para tratar com doentes mentais, para os quais seria mais útil, em vez da intervenção da Polícia, a presença de um enfermeiro. Requere-se um mínimo de consideração pela dignidade da pessoa humana, que deve partir, acima de tudo, da autoridade que tem o encargo de a respeitar e defender. Só assim se pode viver em segurança numa sociedade legalmente organizada.

A Alemanha Ocidental contribuirá para a força nuclear multilateral mesmo sem participação da França

— teria garantido Von Hassel em Washington

WASHINGTON, 28.—O ministro da Defesa alemão, Von Hassel, termina hoje a sua visita de três dias a Washington, durante a qual conferenciou com o presidente Kennedy e com diversos membros do Governo sobre questões relacionadas com a defesa.

Num comunicado oficial publicado pelas secretarias de Estado e da Defesa confirma-se que Von Hassel discutiu com Robert MacNamara e outros altos funcionários norte-americanos a compra de armas aos Estados Unidos, os problemas logísticos da N. A. T. O. e a criação de uma força nuclear multinacional, na qual a Alemanha está disposta a participar.

Círculos bem informados dizem que Von Hassel garantiu ao presidente Kennedy que a Alemanha contribuirá com dinheiro e homens para essa força nuclear, mesmo que a França se mantenha afastada.

O ministro teria garantido também que o pacto franco-alemão não prejudicará a cooperação entre a Alemanha e os Estados Unidos nem enfraquecerá a participação alemã na N. A. T. O. — (A. N. I.).

O Brasil enviou contratorpedeiros ao encontro de uma força naval francesa

RECIFE, 28 — Dois contratorpedeiros brasileiros, o «Paraná» e o «Pará» partiram deste porto ao encontro da frota naval francesa que se encontra perto da costa do Rio Grande do Norte, onde um porta-aviões, um cruzador e contratorpedeiros franceses foram ontem assinalados — anunciou um informador oficial, acrescentando que permanecem no Recife mais dois contratorpedeiros e que outro contratorpedeiro e duas corvetas se vão juntar ao «Pará» e ao «Para-

(Continua na 16.ª página)

HOJE 24 PÁGINAS
nas quais se inclui
«VIDA LITERARIA E ARTISTICA»

Assinatura do novo contrato entre o Ministério do Ultramar e o Banco Nacional Ultramarino

No gabinete do sr. ministro do Ultramar procedeu-se esta manhã á cerimónia da assinatura das novas bases a que se refere o artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 44 891, do contrato entre aquele Ministério e o Banco Nacional Ultramarino, e pelas quais este deixa de ser banco central nas províncias onde existam fundos, passando a ser agente desses fundos.

Estavam presentes, além do ministro sr. comandante Peixoto Correia; os subsecretários do Fomento e da Administração do Ultramar srs. drs. Mário de Oliveira e Silva Cunha; e muitas outras entidades.

Finda a leitura do contrato, procedeu-se á sua assinatura, após o que o ministro do Ultramar usou da palavra para dizer que, no período de labor intenso em que decorreu a vida do Ministério do Ultramar no que respeita á prepara-

(Continua na página seguinte)

O ministro do Ultramar e o subsecretário do Fomento Ultramarino ouvem a leitura do contrato

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA TAP

De ontem para hoje

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Prosseguiu ontem á tarde a assembleia geral do Banco Nacional Ultramarino para apreciação dos resultados do estudo da comissão nomeada na assembleia anterior a fim de dar o seu parecer acerca do projecto de contrato com o Governo. Essa comissão era constituída pelo prof. Marcello Caetano, dr. Humberto Pelágio e Joaquim Ribeiro da Cunha. Sobre a ordem do dia usaram da palavra o governador do Banco, dr. Francisco Vieira Machado, o delegado do Governo, dr. Dias Rosas, e o dr. Acácio de Gouveia. A assembleia aprovou depois o parecer da comissão sobre o projecto de contrato. Nesse parecer se diz: «Não compete a esta assembleia geral pronunciar-se sobre o novo sistema de compensação e de pagamentos interterritoriais do espaço português. Consta de diplomas que são já lei do País, e que, por conseguinte, os cidadãos devem acatar. O interesse nacional está em que esta tentativa de resolução de problemas da maior importancia para o conjunto da Nação portuguesa seja coroada de êxito: façamos votos para que esse êxito não falte. E certamente que o Banco Nacional Ultramarino colaborará em tudo quanto lhe seja possível para que assim suceda. O governo do Banco não se furtou ás responsabilidades que lhe eram impostas e limitou-se a, nas negociações indiscutivelmente delicadas do presente contrato, ressalvar os legítimos interesses do estabelecimento que lhe cumpria defender. A comissão não viu que se tivesse podido fazer mais, nem melhor».

GASOLINA EM CHAMAS

Ontem á tarde viveram-se horas ansiosas na Garagem Hércules, da Avenida Cinco de Outubro. Um camião-cisterna com 4 mil litros de gasolina transferia o carburante para um depósito subterraneo. Perto estava ligado um radiador. Os vapores da gasolina incendiaram-se e ameaçaram provocar enorme explosão. O camião pôs-se em movimento para fugir para a rua, rebentando a mangueira, entornando-se o líquido e originando chamas alterosas. Vieram os bombeiros, que montaram duas agulhetas de espuma. Grande alarme em toda a vizinhança. Finalmente os bombeiros conseguiram dominar as chamas, tendo ficado muito chamuscadas a fachada do prédio e a entrada da garagem.

NA CADEIA DE MONSANTO

A Cadeia de Monsanto comemorou ontem o 7.º aniversário da sua autonomia. A data foi comemorada com cumprimentos do funcionalismo que ali presta serviço ao director, dr. David Augusto Fernandes, tendo falado em nome de todos o secretário, sr. José Aurélio Pereira de Andrade. Foram visitadas as dependências que sofreram beneficiações recentemente.

●

AUTOMÓVEL CONTRA A ÁRVORE

Foi perto de Almeirim. O automóvel guiado pelo sr. Luís José Braamcamp Sobral, de 50 anos, empregado de escritório, despistou-se e foi embater numa árvore que se perfilava ao lado. Os ocupantes do carro ficaram todos feridos: o condutor, sua esposa, D. Maria Teresa Cabral Braamcamp Sobral, de 45 anos, e seus filhos, Isabel Maria, de 16 anos, e Luís de 17. Deram todos entrada no Hospital de Santa Maria.

OS LOBOS

Vai por esse País fora um coro de lamentações contra as alcateias de lobos que descem ao povoado para matar a fome, já que nos montes não topam cabeça de gado a que possam deitar a dentuça. As feras parecem apostadas em celebrar condignamente o cinquentenário literário do seu vero cronista. Há meio século que lhes contou as primeiras Áfricas no «Jardim das Tormentas», saído neste mês de Fevereiro friorento e molhado. Pois dessas mesmas terras em que nasceu Aquilino Ribeiro chegam notícias de assaltos de lobos. De Peva, no concelho de Moimenta da Beira, que figura nas «Terras do Demo», dizem que duas corpulentas lobas apareceram nas ruas a passear e a atacar os próprios cães. E, bem perto dali, em S. Martinho, um zagal de sete anos guardava o seu rebanho que foi atacado por três lobos. O pequeno Augusto não hesitou e á pedrada atirou-se ás feras, mas elas filaram-lhe dois cordeiros e foram-se embora.

TRUCIDADO PELO COMBOIO

Na passagem de nível da Reboleira, perto da Amadora, foi trucidado por um comboio o pedreiro sr. José Bispo, de 49 anos, que vivia na Rua Fernão Lopes, na Venda Nova. O corpo deu entrada no Instituto de Medicina Legal.

PALÁCIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu no Palácio de Belém, os srs. subsecretário de Estado da Presidência do Conselho; embaixador dr. Marcus de Fontes Pereira de Melo Fonseca; coronel Kaulza Oliveira de Arriaga; eng. Francisco Gonçalves Cavaleiro de Fereira, e drs. Aureliano Felismino e Agostinho Pires, do Montepio Geral; e dr. João Nuno Serras Pereira.

A CIDADE

Pelos hospitais

DA JANELA À RUA — Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José, em estado grave e sem fala, a sr.ª D. Maria da Piedade Jesus, moradora na Rua Saraiva de Carvalho, 134, 3.º, que caiu á rua, da janela da residência.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados ontem e entregues na P. S. P. (Governo Civil): dois relógios de pulso de senhora; estojo de plástico com o bilhete de identidade de Armando José Ceia Simões; bilhetes de identidade de José Alberto Lobato Viegas e de Maria Isabel da Silva; duas pastas de cabedal, uma com livros escolares e outra com merenda; par de óculos graduados; bota de borracha; chapéu de homem; tampão de roda de automóvel; luvas desirmanadas; e argolas com chaves.

Também se encontram depositados no Sindicato dos Motoristas: capa de plástico; chapéu de homem; par de luvas; chaile; guarda-chuva; sombrinha; livro de missa; par de óculos graduados e porta-moedas com dinheiro.

Diário da Outra Banda

Cinemas

BARREIRO—*Ginásio*—Às 21: «O vingador mascarado» (12 anos).

TRAFARIA — *Pavilhão Jardim*— Às 21 e 15: «O misterioso dr. Satan» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137).

ALMADA — *Nuno Álvares* — Av. Nuno Álvares Pereira, 39-C (Telef. 270504).

BARREIRO — *Santa Marta* — R. do Lavradio, 76 (Tel. 227214).

COVA DA PIEDADE — *Castro Rodrigues* — P. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025).

MONTIJO — *Montepio* — R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035).

SEIXAL — *Soromenho* — R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

SESIMBRA — *Lopes* — R. Candido dos Reis, 67 (Tel. 229028).

SETUBAL — *Marques* — Rua Arronches Junqueiro (Tel. 22783).

ALHOS VEDROS — *Portugal* — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).

Os novos contratos
assinados hoje entre o Estado e dois bancos emissores

(Continuação da página anterior)

ção de todos os diplomas a entrar em vigor em 1 de Março para o novo sistema de pagamentos no quadro da integração do espaço económico português teve especial relevancia o contrato que acabava de se assinar.

O ministro pôs em relevo a acção do subsecretário do Fomento que — disse — com tanta distinção, proficiência e interesse específico interveio no assunto, e salientou o espírito de compreensão que em todas as conversações a administração e os accionistas do B. N. U. deram provas.

Desejo ainda salientar — acrescentou — que está bem presente no espírito do ministro do Ultramar a necessidade de promover a economia das várias parcelas que integram o Ultramar português numa política económica de conjunto, para o que muito poderá contribuir o regime de transferências agora instituído.

Falou depois o dr. Vieira Machado, governador do B. N. U. e, por ultimo, o procurador sr. dr. Fernando Santos, proferiu também algumas palavras, dando ambos a sua adesão ás novas directrizes do Ministério do Ultramar.

AS NOVAS FUNÇÕES do Banco de Portugal foram reguladas por um contrato hoje assinado

No gabinete do sr. ministro das Finanças, procedeu-se hoje á assinatura de um contrato celebrado entre o Estado e o Banco de Portugal, que regula, por parte deste, o exercício das funções de Banco Central e de Reserva da zona do escudo. Autorgaram, por parte do Estado, o sr. prof. dr. Pinto Barbosa, ministro das Finanças, e por parte do Banco de Portugal, o sr. prof. dr. Manuel Jacinto Nunes, governador, em exercício. Esteve presente o sr. dr. Furtado dos Santos, procurador-geral da Republica

Assistiram ao acto os srs. subsecretários de Estado do Orçamento e do Tesouro.

O sr. ministro das Finanças proferiu breves palavras, referindo-se em termos elogiosos á acção do sr. ministro de Estado adjunto do Presidente do Conselho, sob cuja orientação foram criadas as condições legais do novo sistema de pagamentos. Acentuou, também, a valiosa colaboração dada pelo Banco de Portugal e o qualificado trabalho realizado pelos técnicos.

Agradeceu o sr. prof. dr. Manuel Jacinto Nunes. O sr. dr. Furtado dos Santos congratulou-se pelo conteudo do contrato celebrado.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Brigadeiro Manuel Holbeche Correia de Freitas

Faleceu no pavilhão militar do Hospital da Estrela o sr. brigadeiro Manuel Holbeche Correia de Freitas, de 75 anos, antigo inspector da Arma de Artilharia, combatente em Angola e em França, que possuia várias condecorações e muitos louvores.

Amanhã, ás 10 horas, na capela do Hospital Militar da Estrela, onde se encontra depositado, será celebrada missa de corpo presente, realizando-se o funeral, ás 11 horas, para o cemitério do Alto de S. João. Os serviços funebres estão a cargo da Agência Barata.

D. Felismina Augusta da Costa Cordeiro

Faleceu a sr.ª D. Felismina Augusta da Costa Cordeiro, de 84 anos, natural de Felgar (Torre de Moncorvo).

O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, ás 10 horas, da igreja dos Anjos para o cemitério do Alto de São João.

Manuel Filipe Afonso

Faleceu o sr. Manuel Filipe Afonso, de 69 anos, natural de Lousa (Loures), comerciante. Era casado com a sr.ª D. Helena Maria Afonso.

O funeral realiza-se amanhã, ás 15 horas, da residência, no Casal do Forno, para o cemitério de Lousa. Os serviços funebres estão a cargo da Agência Salgado.

D. Noémia dos Santos Gameiro

Na sua residência, Rua Dr. Luís de Almeida e Albuquerque, 3, faleceu a sr.ª D. Noémia dos Santos Gameiro, solteira, proprietária. O funeral realiza-se amanhã, ás 12 horas, da igreja do Sacramento, onde será celebrada missa de corpo presente, ás 11 horas, para jazigo de família, no cemitério do Alto de S. João.

SUFRÁGIOS

Pelos reis da Espanha

A Embaixada de Espanha, a exemplo dos anos anteriores, promoveu, hoje, pelas 12 horas, na igreja de S. Roque, exequias solenes em sufrágio das almas de D. Afonso XIII e de todos os outros reis de Espanha. Foi oficiante o rev.º padre Eliseu Maia, acolitado pelos padres Antunes e Lurbink.

Publicaram-se hoje
importantes diplomas sobre operações financeiras entre a Metrópole e o Ultramar

Foram hoje publicados no «Diário do Governo», para entrarem em vigor a partir de amanhã, os importantes diplomas que fixam as novas normas para pagamentos e transferências interterritoriais, operações cambiais nas províncias ultramarinas, etc.

Operações cambiais

Pelo Ministério das Finanças, um despacho ministerial estabelece os princípios reguladores a que ficam sujeitas as operações cambiais realizadas no continente e nas ilhas adjacentes.

Operações sobre ouro — A compra ou venda de ouro, amoedado ou não, quando efectuada entre o continente e ilhas adjacentes e o estrangeiro, fica sujeita a autorização especial e prévia do Banco de Portugal sempre que nela intervenha ou tenha interesse um residente no referido território nacional. Fica igualmente sujeita a autorização especial e prévia do Banco de Portugal a importação, exportação ou reexportação de ouro, amoedado ou não.

Compra ou venda de moeda estrangeira (Aquisição ou alienação de meios de pagamento sobre o estrangeiro que não sejam notas e moedas metálicas) — Os bancos comerciais autorizados a exercer o comércio de cambios no continente e ilhas adjacentes podem efectuar, sem necessidade de autorização especial e prévia do Banco de Portugal, nas condições estabelecidas nas instruções a que se refere o artigo 28.º do Decreto-Lei n.º 44 698, de 17 de Novembro de 1962, e tendo em conta o disposto no artigo 38.º do Decreto-Lei n.º 44 699, da mesma data, compras ou vendas de moeda estrangeira para liquidações de operações que o despacho descrimina.

Fica sujeita a autorização especial e prévia do Banco de Portugal a compra ou venda de moeda estrangeira em casos especificados.

Taxas de cambio — Os bancos comerciais autorizados a exercer o comércio de cambios no contnente e ilhas adjacentes, quando adquirirem ou alienarem meios de pagamento sobre o estrangeiro que não sejam notas e moedas metálicas, aplicarão as taxas de cambio que o Banco de Portugal estabelecer de conformidade com o disposto na legislação aplicável e nos acordos de compensação e pagamentos ou outros de natureza monetário-cambial celebrados pelo Estado ou pelo Banco por conta e ordem do Estado.

Transferências de capitais

Em anexo (A), sobre *operações de invisíveis correntes*, incluem-se as que se referem a *transportes* e *seguros* e ainda: em relação ao *turismo* — recebimentos ou pagamentos relativos a despesas de turistas e relativos a viagens de negócios, de estudo, de saude ou por motivos familiares; *rendimentos de capitais* — lucros das sucursais e agências de empresas transportadoras, dividendos e outros rendimentos das participações no capital social de empresas, juros de títulos de dívida publica ou privada e de empréstimos ou créditos de qualquer natureza, rendas de prédios rusticos ou urbanos e lucros resultantes da execução de contratos de empreiteiras construtoras; *salários e outras despesas por serviços pessoais* — salários, vencimentos, honorários e gratificações devidos por empresas em virtude de serviços prestados, quotização de seguros sociais, indemnizações de seguros sociais, pensões e rendas devidas por instituições de previdência social; *outros serviços e pagamentos de rendimentos* — assinaturas de revistas, jornais e outras edições, quotizações para sociedades culturais, desportivas e de recreio, prémios e ganhos desportivos; *transferências privadas* — pensões e rendas estabelecidas a favor de ou por quaisquer residentes em território nacional, transferências de salários e outras remunerações de migrantes, a favor de familiares seus, subsídios e remessas de auxílio familiar, com carácter acidental; *serviços publicos e transferências por pessoas de direito publico* — emolumentos e despesas consulares, encargos com representações diplomáticas, contribuições periódicas ou acidentais para instituições e organismos nacionais, estrangeiros ou internacionais de qualquer natureza, impostos, taxas, multas, despesas judiciárias e indemnizações legais, pensões e rendas, despesas de carácter militar e de aluguer, reparação e conservação de imóveis.

Pagamentos interterritoriais

Pelos Ministérios das Finanças e do Ultramar, despachos ministeriais estabelecem os princípios reguladores a que fica sujeita a realização das operações de pagamento interterritoriais, definidas no artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 44 701; e autorizam a publicação das listas de operações de invisíveis correntes e de importação e de exportação de capitais privados entre territórios nacionais liberalizados.

Transferências de capitais privados

Em relação a *movimentos de captais de carácter pessoal*, as transferências serão autorizadas desde que o *de cujus* residisse na província ultramarina em causa e o herdeiro ou legatário fosse, ao tempo da morte daquele, residente noutro território nacional. Quando, porém, o valor d aparte do herdeiro ou legatário exceder 100 000$00, as autorizações só serão obrigatóriamente concedidas para transferência ou transferências anuais até á referida importancia estabelecem-se normas quando a *transferências de capitais inerentes a contratos de seguros directos de vida*.

Operações cambiais no Ultramar

Pelo Ministério do Ultramar — Direcção-Geral de Economia, com despacho ministerial estabelece que, em conformidade com o § 2.º do Decreto-Lei n.º 44 698, de 17 de Novembro de 1962, e tendo em consideração o estatuído no Decreto-Lei n.º 44 700, da mesma data, ficam as operações cambiais realizadas nas províncias ultramarinas sujeitas aos princípios reguladores contidos no presente despacho, em que, por parecer mais conveniente á sistematização geral, se incluíram também algumas disposições já constantes do segundo dos citados decretos-leis.

Edouard Molinaro fala-nos de cinema

Edouard Molinaro, que veio até ao Carnaval do Estoril e assistiu ontem, no Império, á apresentação do seu ultimo filme, teve, num hotel da cidade, uma conversa amena com os jornalistas sobre a sua obra e alguns aspectos da Sétima Arte.

Homem novo, de trinta e cinco anos, Molinaro não adere bem áquele cinema de vanguarda, de intenção político-social, antes, renegando também um tanto a «nouvelle vague», se fica por um cinema de entretenimento, muitas vezes divertimento puro, de que, realmente, é exemplo frizante «Arséne Lupin contra Arséne Lupin».

Atraído pela comédia, não raras vezes a tem misturado com o policial, ou com situações de mistério — e daí resulta um certo desequilíbrio, quase atenuado em «La mort de Belle», filme, aliás, da sua predilecção. Admirando os nomes de Truffant, Vadim, Chabrol e Resnais, não é indiferente ás suas mensagens e admira em extremo a linguagem do ultimo. Em suma: considera importante a «nouvelle vague».

— E que diz dos críticos, que com alguma coisa também contribuiram para a formação desse movimento?

— O mais sério é George Sadoul: preciso, concreto, inteligente, intuitivo. Também admiro Claude Mauriac. Os restantes, com raras excepções, são falsos críticos: constroem frases, jogam com um vocabulário aprendido nas rodas chamadas intelectuais...

● Welles e Bresson

— O Cinema, para mim — prosseguiu Molinaro — principia com Welles. Precisamente com «Citizen kane» («O mundo a seus pés») — o filme da recordação da infancia longínqua. Welles é a generosidade da invenção, o barroco, a prodigalidade. «Citizen Kane» é um marco, uma lição, uma fonte. O cineasta com sede deve debruçar-se sobre esse filme

— E depois de Welles?

— O oposto. Quer dizer: Bresson. Bresson é a síntese, o rigor, o cálculo, o esquema. Bresson é o depuramento dos «vocábulos» que nada dizem: um primeiro plano, um outro primeiro plano — e é tudo. Só não é pobre porque os temas são ricos. Bresson, na verdade, situa-se quase no limite do anticinema.

— Qual dos dois prefere?

— Welles.

—Quais, para si, os seus melhores filmes?

— «La mort de Belle», «Une fille pour l'Été» (este não visto em Portugal) e «Arsène Lupin contra Arsène Lupin».

● Excelente escola: a curta metragem

— Sem duvida: a curta metragem é a melhor escola para um cineasta. Os bons realizadores passaram pela curta metragem. A curta metragem é a tentativa, a experiência, e, muitas vezes, a obra-prima.

● A forma ou o conteúdo?

— Interesso-me pela história, quando a história é boa. Quando ela me é imposta, ou é fraca, procuro, então, «fazer» estilo. O mercado, aliás, é mau — e só uma produção com vedetas de projecção logra os centros internacionais. O meu próximo filme, por exemplo, «Une ravissante idiote», tem como intérpretes Brigitte Bardot e Anthony Perkins. Mas é difícil — e caro — reunir duas vedetas de semelhante projecção. Mas quando se consegue tal, a colocação nos mercados estrangeiros fica assegurada.

● Mal visto? Bem visto?

— A crítica jovem francesa é me desfavorável. Acusam-me de ser um «puro». Isto é: não tenho filiação, brinco com a objectiva, agrupo planos... Há, no entanto, o problema da censura. Qual o cineasta francês que actualmente poderá fazer um filme sobre a guerra da Argélia? Impossível. Pode desnudar-se uma rapariga no «écran», apresentar situações ambíguas — mas não tocar em assuntos políticos. Daí, uma certa fuga...

E Molinaro, já no fim, considerou que também o filme necessita de ser educado: literatura cinematográfica e cursos sobre a história de cinema nos estabelecimentos de ensino oficiais. E pronto: talvez Molinaro, como deu a entender, ainda realize um filme em co-produção com Portugal. Satisfeitos os cinéfilos portugueses?

A ESTREIA
de «Meu Amor é Traiçoeiro» no Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 28 — No Teatro Ginástico, desta cidade, estreia-se no próximo dia 6 de Março a famosa peça portuguesa «Meu amor é traiçoeiro», que tem como intérpretes a mais popular actriz portuguesa, Laura Alves, e Artur Semedo. A receita do dia da estreia da famosa revista reverterá a favor de duas instituições portuguesas, tendo como patrona a embaixatriz de Portugal.

Os artistas portugueses são esperados nesta cidade no próximo dia 2. No dia 3 haverá uma recepção á Imprensa, realizando-se no dia 6 a noite de gala e na noite de 7 a estreia para o publico. — (L.).

Atrás do reposteiro

● De entre as composições de Eugénia Lima que vão reunir em disco, pela primeira vez, Maria de Lourdes Resende e Fernanda Maria, salientam-se a canção «Longe de ti» e o fado «Olha para mim!»

● A companhia de revistas do Teatro ABC representará «O gesto é tudo!» nos dias 4 de Março no Montijo; 5, em Cascais; 6, em Santarém e 8, em Portalegre.

DO BRASIL

● O imitador Lilico gravou, há pouco, um disco de grande êxito onde é caricaturado o artista José de Vasconcelos, presentemente em Lisboa. Título: «Eu sou um grande espectáculo!»

NO D. MARIA II

Despedida de «Os Maias», um êxito excepcional e inesquecível

«Os Maias», o êxito máximo dos ultimos anos nos anais do teatro

REGRESSAM
as companhias de revistas

As companhias de revistas do Maria Vitória e do Avenida regressaram, ontem, a Lisboa. A do Maria Vitória, como se tem noticiado, fará uma curta série de representações no Coliseu dos Recreios, antes de se intensificarem os ensaios da próxima revista. Com o regresso das companhias, o Parque Mayer retomou o habitual movimento.

declamado português, estão a despedir-se do publico de Lisboa e transferem-se para Londres. Não é do espectáculo que se trata, mas da edição do célebre romance de Eça de Queiroz. Depois dos triunfos sensacionais de «O Primo Basílio» e «O Crime do Padre Amaro», a mesma editorial, a Max Reinhard, lança, por estes dias, nas livrarias de Inglaterra e dos Estados Unidos aquela famosa obra do glorioso romancista português.

Hoje e na tarde de sábado, ultimas da magnífica peça «Os Maias», a preços populares, no D. Maria II.

(Continua na 6.ª página)

BIBI FERREIRA
pretende trazer a Lisboa a peça musical «My Fair Lady»

RIO DE JANEIRO, 28. — «Pretendo levar a Lisboa a peça «My Fair Lady», grande sucesso do Brasil, para mostrar àquele grande público de «lá de lá», o muito que fiz no Brasil, depois de ter deixado o saudoso Portugal» — declarou á Imprensa a «actriz do ano», Bibi Ferreira, que ganhou o mais alto galardão do teatro, graças ao seu excelente desempeiho naquela peça

A excelente actriz disse reconhecer que Portugal lhe deu nova alma, depois de ali ter permanecido três anos.

«Sou hoje a artista mais bem paga do Brasil e isso prova o meu triunfo. O tempo de estágio em Lisboa, dentro de um teatro de tradição, muito me ajudou para o rápido salto que dei após o meu regresso». — (L.).

Acontecimento sensacional!

a única, a sublime

SARA MONTIEL

na joia do cinema espanhol que pelo seu fausto, luxo e grandeza é um dos mais belos filmes europeus!

a Bela Tola

viveu um desesperado amor, ela que em cada um dos seus amores deixava sempre a labareda de uma paixão

as mais famosas canções do fim-de-século pela voz mais romântica do mundo!

com **António, Cifariello** e **Frank Villand**

AMANHÃ

EXTRAORDINÁRIA ESTREIA

EDEN

Eastmancolor

MAIORES 12 ANOS

Exclusivo ASTÓRIA FILMES

CASINO ESTORIL

APRESENTA TODAS AS NOITES

DEVIDO AO ÊXITO OBTIDO DURANTE O CARNAVAL

BALLET

Marina e Alberto

DIRECTAMENTE DO OLYMPIA DE PARIS

E, AINDA, NUM MAGNÍFICO «SHOW»

CECILY FORDE

FAMOSA VEDETA INGLESA

SAMY BROTHERS

PRODIGIOSOS ANTIPODISTAS

MÚSICA PARA DANÇAR, PELO CONJUNTO E ORQUESTRA SOB A DIRECÇÃO DO MAESTRO VÍTOR CAMPOS

No CINEMA, às 21.30: «CRIME E SILÊNCIO»

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo, 60$00. Nos outros dias, consumo mínimo, 40$00. Todos os dias, jantar, 65$00. Domingos, á tarde, chá completo. 25$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

OS MESMOS ARTISTAS QUE ACTUAM NO CASINO ESTORIL, EXIBEM-SE TAMBÉM, TODAS AS NOITES, NO

TERRAÇO DAS ESTRELAS do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

Cartaz dos Cinemas

Maiores 21 anos — **LUSO** — **T. Queimada Tel. 362889**

Fados e Canções das 21 á 1,30 por: Armando Dias, Alice Magina, Natalino Duarte, Amélia Maria e Domingos Pereira.

Guitarristas: Ildefonso Frade e Miguel Silva.

SÁBADO: BAILE DA PINHATA

ANGKOR — CIDADE PERDIDA DA SELVA

Na quase impenetrável selva do Camboja erguem-se os mais grandiosos e perfeitos monumentos que o passado nos legou. Até hoje paira sobre essas fantásticas ruínas um mistério impressionante: que aconteceu ali? Leia este e muitos outros interessantes artigos na edição de Fevereiro de *Selecções*. Adquira sem demora este palpitante número de *Selecções* — uma distribuição exclusiva da Livravia Bertrand

---

TIVOLI — Telefone 50595

A's 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite (M. 17 anos)
A famosa comédia parisiense de extraordinário êxito!

COMO SER FELIZ NO AMOR
com **Dany Saval** e **Jean Poiret**
A's 18.30—Sessão clássica (M. 12 anos)
A VERDADE EM PRIMEIRA MÃO

EDEN — Telefone 320768

A's 15.30, 18.30 (M. 6 anos) e 21.45 (M. 12 anos)
O filme de elevada fantasia em Tecnicolor

NO REINO DAS MARAVILHAS
Amanhã, ESTREIA (M. 12 anos)
A BELA LOLA
com Sara Montiel

ALVALADE — Telefone 763086

A's 15.45 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)
Uma comédia extraordinária

DINHEIRO E SÓ DINHEIRO
com **Jerry Lewis — Joan O'Brien — Zachary Scott**

TRINDADE

(F. N. A. T.)

2.º MÊS DE ÊXITO!

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

MARIA JOSÉ

ESCOLA DE MÁ-LÍNGUA

de **Sheridan** pela **COMPANHIA NACIONAL DE TEATRO**

HOJE E TODAS AS NOITES, ÀS 21.30 H.
SÁBADO, às 17 h., última tarde para ESTUDANTES **a 5$00**
PARA TODO O PUBLICO, **10$00**

PREÇOS para beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, dos C. A. T., dos C. R. P. e familiares: Plateia 5$00; Balcão 5$00, 4$00; Galerias 1$50; Frisas e Camarotes 25$00.

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE — "JESSICA" — SÃO JORGE

SÃO JORGE — Telefs. 54153/4

A's 21.30
ESTREIA (M. 17 anos)
«JESSICA»
c/ **Maurice Chevalier—Angil Dickinson**
Panavision — Technicolor
A's 18.15 — Ultima (M. 12 anos)
A CAMINHO DE HONG-KONG

CAPITÓLIO — Telefone 327493

A's 15 e 21 horas (M. 12 anos)
A alegria continua no «écran»

TOUREIRO IMPROVISADO
com **Tommy Steele**
Em complemento:
AQUI SÓ CABEM OS BRAVOS

ODEON — Telefone 326283

A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e ás 21.30
O filme que encheu o mundo de maravilhoso espanto:

FREI VASSOURA
Genial criação de **René Muñoz**
A história de um homem que se tornou imortal por ter conseguido ser mais e melhor que os outros (M. 12 anos).

TERRASSE — Telefone 320917

A's 21 horas (M. 12 anos)

ALAMO
com John Wayne — Linda Cristal

ROYAL — Telefone 865037

As 21 horas (M. 17 anos)
OS INIMIGOS
HELENA E OS HOMENS

IMPÉRIO — Teatro Moderno de Lisboa

As 18.30 (Adultos)
reaparece com a famosa peça de **John Steinbeck**

«RATOS E HOMENS»
com **Fernando Gusmão** e **Tomás de Macedo** nos principais papéis
UM ESPECTÁCULO DE RARO NÍVEL ARTÍSTICO

SÃO LUIZ — Telefone 327172

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.15 (M. 15 anos)
Um filme de constante gargalhada

DINHEIRO E SÓ DINHEIRO
com **Jerry Lewis — Joan O'Brien**
IVON CURI
com novas histórias, novas canções e «BOSSA NOVA», LUCAS VIEIRA, integrado no conjunto MÁRIO SIMÕES
AVISO IMPORTANTE: o acto de variedades inicia-se ás 21.45 e sómente no espectáculo da noite.

CONDES — Telefone 322523

A's 15.15 (p. red.) e 21.30
Marcelo Mastroianni e **Belinda Le**
na engraçadíssima história de fantasmas... á italiana

FANTASMAS EM ROMA
(M. 17 anos)
A's 18.15 — OS GRANDES ROMANCES DE AMOR
PECADO DE AMAR

MONUMENTAL — Telefone 555131

A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)

TOTÓ VIGARISTA, com Totó
NO PALCO: (em todas as sessões)
JOSÉ DE VASCONCELLOS

AVIS — Telefone 47163

A's 15.30 (M. 6 anos) e 21.45 (M. 12 anos)
Um filme optimista, alegre e com alguns problemas

A CANÇÃO DA JUVENTUDE
com **Rocio Durcal — Carlos Estrada — Helga Liné**

ROMA — Plateia 727778 — Balcão 729192

A's 15.30 e 21.45
Uma extraordinária comédia

FANTASMAS EM ROMA
Marcello Mastroianni — Belinda Lee — Vittorio Gassman — Technicolor

---

IMPÉRIO — Telefone 555134

A's 15.15 e 21.30 (Adultos)
O original filme de Edouard Molinaro

ARSÈNE LUPIN CONTRA ARSÈNE LUPIN
com **Jean-Claude Brialy** e **Jean-Pierre Cassell**
NO PALCO (só á noite)
G E L Ú
nas canções que mais a celebrizaram

POLITEAMA — Telefone 326305

A's 15.15 e 18.15 (p. red.) (6 anos) e 21.30 (12 anos)
5.ª SEMANA DE ENCHENTES!

CANTINFLAS em O ANALFABETO
com **Lilia Prado** e **Sara Garcia**
SÁBADO, ás 15.15, 18.15 e 21.30
(PARA MAIORES DE 6 ANOS)

RESTELO — Telefone 610375

A's 21.15 (M. 12 anos)

CARTOUCHE
com **Claudia Cardinale**

LIZ — Telefone 48560

A's 15 e 21 horas (M. 17 anos)

A SEGUNDA MULHER
AS AVENTURAS DE HAJJI BABA

CINEMA IDEAL — Telefone 324194

A's 21 horas (M. 12 anos)
O MILAGRE DOS LOBOS
O REI DA PRADARIA

CASINO ESTORIL

A's 17 e 21.30 (M. 17 anos)
CRIME E SILÊNCIO
com Allen Baron

A VOZ DO OPERÁRIO — Tel. 86 21 55

A's 21 horas (Adultos)
O ULTIMO PISTOLEIRO
A MINHA VERDADEIRA HISTÓRIA
Sábado, 2 — **O ESPIÃO DO CAIRO**
(Adultos)

ANDA NO AR UMA NOVA CANÇÃO...

a Canção da Juventude

NA VOZ DE

ROCIO DÚRCAL

A ÚLTIMA GRANDE REVELAÇÃO DO CINEMA ESPANHOL

NUM FILME OPTIMISTA, ALEGRE E COM ALGUNS PROBLEMAS QUE SÃO OS PROBLEMAS DE UMA JUVENTUDE SEM COMPLEXOS QUE CANTA E RI

com CARLOS ESTRADA — JULIO SANJUAN — HELGA LINÉ

2.ª semana

Um filme em EASTMANCOLOR
Exclusivo TALMA FILMES

AVIS

À TARDE - M/ 6 ANOS
À NOITE - M/ 12 ANOS

Telef. 47163-7323007

DAQUI FALA O MORTO!

MONUMENTAL

ÀS 21.45 H.

MAIORES 12 ANOS

RIA

COM GOSTO!
MAIS UM ÊXITO

DA NOVA COMPANHIA
TEATRO ALEGRE
de VASCO MORGADO
COM
HENRIQUE SANTANA
NO PROTAGONISTA
IRENE ISIDRO

ROGER HANIN

O ESPANTOSO "GORILA",
O TEMERÁRIO LUTADOR,
O "DURO" IMPLACÁVEL
... E CHEIO DE ESPÍRITO

VEM AÍ!

FILMES CASTELLO LOPES APRESENTA

A VOLTA DO GORILA

(LE GORILLE A MORDU L'ARCHEVEQUE)

UM CASO APAIXONANTE,
UMA ACÇÃO DIABÓLICA,
UM FILME DE TÉCNICA SURPREENDENTE!

Realização de MAURICE LABRO

AMANHÃ
ESPECTACULAR ESTREIA
NOS CINEMAS CONDES E ROMA

Maiores de 12 anos

NACIONAL

HOJE, 21 e 30
17 anos
ULTIMA, À NOITE
OS MAIAS

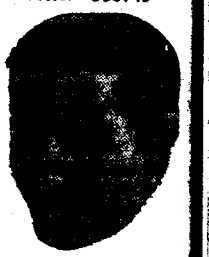
SÁBADO, 15 e 30
ULTIMA TARDE

AMANHÃ, SÁBADO e DOMINGO
21 e 45 (17 ANOS)
O DIA SEGUINTE
de L. F. REBELO
e
O SR. BIEDERMAN E OS INCENDIÁRIOS
de M. FRISCH

NO ABC

Telef. 366745

Em 2 sessões ás 20.45 e 23 horas
JOSÉ MIGUEL
apresenta em ULTIMAS e DEFINITIVAS REPRESENTAÇÕES!



C. DE OLIVEIRA

EM LISBOA A GRANDE REVISTA POPULAR DO ANO

O GESTO É TUDO!

que sai de cena em pleno triunfo com todo o seu colossal elenco!!!

P.ª M/ 17 anos

Sábado ás 16 h.
Domingo ás 18 h.

Ultimas representações da encantadora peça infantil

O INDIOZINHO RAIO DE LUAR

Dia 4 no Montijo — a 5 em Cascais — a 6 em T. Novas — a 7 em Santarém

Recintos de diversões

Eugénia Lima, Artur Ribeiro, Maria de Lurdes Resende, Manuel Fernandes, João Viana (Vianinha), Maria Marise, Carlos de Oliveira, Carlos Ramos, Macedo e Brito, Lina Esteves, Joaquim Cordeiro e Manuel Bogalho tomam parte na festa de despedida da vida artística de Aurora Silva, que será apadrinhada pelos artistas Hermínia Silva e Filipe Pinto. O espectáculo realiza-se no dia 7 de Março, ás 21 e 30, no Pavilhão dos Desportos.

— A secção de beneficência do Grupo Desportivo da Mouraria, em colaboração com o declamador António dos Santos e o poeta Francisco Radamanto, realiza, no dia 30 de Março, no Pavilhão dos Desportos, um festival com várias atracções, entre as quais, a entrega dos prémios aos vencedores do Concurso, Primavera no Fado.

A PARTIR DE
AMANHÃ
ÀS 21,30 H.
Em espectáculo inteiro

NO COLISEU

Emp.ª Ricardo Covões (Herd.)
Telef. 31997

HERMES PORTELA APRESENTA EM

10 ÚNICOS DIAS!

(Maiores de 17 anos)

PARA QUE NINGUÉM DEIXE DE VER O MAIOR ÊXITO DE TODOS OS TEMPOS!!!

A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS 10 ANOS!!!

PÕE-TE A PAU!

COM TODOS OS SEUS NUMEROS E INTÉRPRETES DA 1.ª NOITE
COM TODOS OS SEUS MOTIVOS DE ESTRONDOSO SUCESSO!!!

A PREÇOS POPULARÍSSIMOS!

GERAL a 7$50
PLATEIA desde 20$00
CAMAROTES de 80$00

A PARTIR DE HOJE BILHETES À VENDA

COM
AIDA BAPTISTA
COSTINHA
JOSÉ VIANA
LUISA DURÃO
MARIA DO ESPÍRITO SANTO
MARIA ALICE FERREIRA
EMÍLIO CORREIA
LUCINDA AMARAL
MARIA VITÓRIA
OCTÁVIO DE MATOS, FILHO
BARROSO LOPES
no «compère»
e as grandes atracções internacionais!
MAY AVRIL
do «Folies Bergère» de Paris
MARIA HELENA
a rainha da canção do Brasil
ALBERTO GRAZIANO
e o cantor MANUEL SEIA

Em BEJA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se por intermédio de EDUARDO & ALVARO, P. dos Duques.

DIVERSÕES — TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ T V ★ RÁDIO

(Continuação da 3.ª página)

E' a despedida de um espectáculo que deixa imensas sáudades.

Amanhã, sábado e domingo, «O dia seguinte» e «O sr. Biederman e os incendiários»

A' desconfiança dos primeiros espectáculos, sucedeu um vivo interesse pelo cartaz de teatro eminentemente moderno e da grande valia que a Casa de Garrett apresenta: «O Dia Seguinte», de Luís Francisco Rebelo, e «O Sr. Biederman e os Incendiários», de Max Frisch. Para corresponder a esse subito e merecido interesse do publico, hoje, amanhã e domingo, ás 21 e 45, três ultimas representações. Uma admirável, corajosa e brilhante realização teatral encenada por Pedro Lemos e desempenhada por um elenco de enorme classe.

NO COLISEU

Reaparição sensacional da revista «Põe-te a pau!»

Toda a gente poderá ver a famosa revista «Põe-te a pau!», que vai ser apresentada, a partir de amanhã e durante dez dias, no Coliseu, por amável aquiescência do empresário Américo Covões. Reaparece assim, depois do seu retumbante triunfo no Porto, a popular revista «Põe-te a pau!», o feliz original de José Galhardo e João Nobre, com musica de João Nobre e João de Vasconcelos, autêntico prodígio de graça, ritmo, alegria e cor, numa brilhante realização de Rosa Mateus, com todos os seus numeros e intérpretes da primeira noite, entre os quais Aida Baptista, Costinha, José Viana, Luísa Durão, Maria do Espírito Santo, Maria Alice Ferreira, Emílio Correia, Lucinda Amaral, Maria Vitória, Octávio de Matos (Filho), Barroso Lopes, inexcedível de graça no «compère»; e ainda as grandes atracções internacionais: May Avril, a estonteante «vedeta» do «Folies Bérgere» de Paris; Maria Helena, a rainha da canção do Brasil; Alberto Graziano, extraordinário musicista argentino e o já popular cantor português Manuel Seia.

«Põe-te a pau!» representa-se no Coliseu, ás 21 e 30, durante esta sua curta reaparição na capital, a preços popularíssimos, acessíveis a todos. Para maiores de 17 anos. Bilhetes á venda a partir de hoje.

No Variedades

Grande êxito com a revista «Ena, tantas!»

No Variedades prossegue na sua carreira triunfal a revista «Ena, tantas!», interpretada por uma excepcional companhia. Apenas dois actores, e os restantes artistas todos do sexo feminino. Assim, ao lado de Carlos Coelho e de Spina, o publico aplaude a «vedeta» italiana Patrizia, Leónia Mendes, Maria Adelina, Lily Neves, Ausenda Miranda, a atracção nacional Helena Tavares; e a colaboração da distinta actriz Elvira Velez e a presença do «Ballet Roany Dancers» constituído por 12 esculturais ballarinas francesas. Original de Anibal Nazaré, António Cruz e Paulo da Fonseca e musicada por Fernando de Carvalho, Carlos Dias, Ferrer Trindade e Carlos Rocha, esta revista é um alucinante espectáculo de gargalhada, com uma montagem modernissima e musica moderna. Duas sessões, sempre com enchentes, ás 20 e 45 e 23 horas.

TERMINARAM AS FILMAGENS

de «Cleópatra», que custou um milhão e cem mil contos

LONDRES, 28 — A ultima volta de manivela de «Cleópatra», o filme que custou 40 milhões de dólares (1 100 000 000 escudos), foi dada ontem, nos estudios de Pinewood, perto da capital britanica, onde a filmagem começou, vai em três anos.

A equip de «Cleópatra», dirigida por Darryl Zanuck, filmou sucessivamente em Inglaterra, Itália, Espanha e Egipto, regressando finalmente a Pinewood, para concluir esta superprodução, a mais dispendiosa até hoje empreendida por Hollywood. — (F. P.).

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Arséne Lupin contra Arséne Lupin», no Império

Edouard Molinaro, ontem á noite presente no palco do Império para apresentação de «Arsène Lupin contra Arsène Lupin», seu ultimo filme, não nos iludira quando, á tarde, nos dissera que esta sua realização oscilava entre o policial puro e a comédia pura. Com efeito, «Arsène Lupin contra Arsène Lupin», situado em 1925, é um filme entre o golpe de audácia, próprio dos romances de suspense», e o traço fino e subtil da caricatura, propício ao eclodir do riso e da gargalhada. Cinema de divertimento, elástico, sincopado por vezes, não se lhe encontra um propósito firme, um objectivo, enfim, que ultrapasse essa brejeira finalidade — e sómente determinadas sequências, de pura comédia, logram atingir válido significado de caricatura, de sátira e desenho inigualável de figuras e situações.

De antologia, realmente, podemos classificar as sequências iniciais — estilização impecável de um funeral, dado num ritmo solene, irónico e reticente. Surgem, no decorrer do filme, outros momentos idênticos, que bem evidenciam uma faceta de que Molinaro é já mestre: a caricatura cinematográfica. Estão-nos na lembrança, por exemplo, o grande plano dos chapéus de coco dos polícias, filmados ao nível inferior do «écran», partindo do meio destes para os extremos do mesmo — invenção, em suma, de linguagem que muito depõe, á semelhança de outros instantes, a favor de «Arsène Lupin contra Arsène Lupin», muito embora sejamos *contra* certo tom arrastado da própriamente dita aventura policial...

Interpretado por Jean Claude Brialy, Jean Pierre Cassel, Michel Vitold, Geneviève Grand, Françoise Borleac e Anne Vernon, este filme de Molinaro, embora desequilibrado, merece, todavia, a atenção de todos quantos apreciam a Sétima Arte: filme lembrando a época de 1925 (ritmo acelerado, fusões em «iris» e legendas intercalares), não deixa de ser, contudo, uma obra jovem, ginasticada, senhora dos recursos ultimos do cinema e promessa de que Molinaro ainda muito nos terá a dar de óptimo e positivo. — *P. A.*

«Frei Vassoura», no Odeon

A produção mexicana ontem estreada no Odeon conta-nos a história maravilhosa do primeiro beato negro da Igreja católica, frei Martin de Porres, que foi canonizado santo na basílica de S. Pedro, no Vaticano, pelo Papa João XXII.

«Frei Vassoura», um filme cheio de interesse e que merece a pena ser visto, mostra-nos a epopeia de um humilde frade mulato, que, com a sua bondade e ternura e uma simples vassoura, varre o ódio das almas, é o amparo dos pobres e funda orfanatos e asilos.

Todos o conheciam por *Frei Vassoura*, pois o bondoso frade não tinha outras armas para exercer o seu apostolado. Tudo ele sacrificou ao bem-estar dos que necessitavam, para os estimular a viver com alegria, numa total renuncia a todas as limitações e incompreensões humanas.

A película, rodada em Lima, onde o santo viveu numa época remota, foi realizada por Ramon Torrado, que soube focar, com poderoso interesse e grande dramatismo, os momentos culminantes da vida de frei Martin de Porres, que, no cinema, é revivido por René Muñoz, o notável actor negro que tem, no seu papel, uma criação extraordinária.

Noutros papeis distinguem-se Esther Zulema, Jesus Tordesillas, Juan Calvo, Alfredo Mayo, Mariano Azana e Roberto Rey. Complementos agradáveis. — *R.*

EDUARDA MARIA

vai ao Brasil e à Venezuela

A cantadeira Eduarda Maria continua a afirmar os seus méritos, aliando á sua figura gentil um conjunto de faculdades artísticas que a tornaram uma

EDUARDA MARIA

das mais apreciadas intérpretes do fado. Com as suas actuações na Adega Mesquita e as ultimas gravações, Eduarda Maria atingiu um ponto alto da sua excelente carreira. A confirmá-lo está o facto de ter sido de novo convidada a deslocar-se ao Brasil e á Venezuela, para uma demorada digressão.

AS ESTREIAS DE HOJE

No S. Jorge

Título em português — «Jessica».
Título original — «La Fascinadora».
Produção — Americana.
Realização — Jean Negulesco.
Intérpretes — Maurice Chevalier, Angie Dickinson, Noel-Noel, Sylva Koscina e Agnes Moorehead.
Argumento — A história de uma rapariga que era uma tentação...
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Panavision e technicolor.
Classificação — 17 anos.

«A GUERRA DOS BOTÕES»

Um filme que bate todos os «records» de exibição em Paris

Anuncia-se para breve a estreia em Lisboa de um dos filmes franceses de maior êxito da actualidade. É justamente o filme que bateu todos os «records» de exibição em Paris onde, como se sabe, existe o publico mais culto e de mais bom gosto do Mundo. O filme chama-se «A Guerra dos Botões» («La Guerre des Boutons»), e a primeira exibição, em exclusivo, em Paris, foi um acontecimento triunfal. Registou, desde a estreia, em Janeiro de 1962, o numero «record» de 733 368 entradas. «A Guerra dos Botões», realização de Yves Robert, é uma produção Delorme-Yves Robert e foca um assunto totalmente inédito no cinema. Deve ser apresentado, brevemente, num dos principais cinemas de Lisboa.

MAY AVRIL no ABC

A artista francesa May Avril assinou já contrato com o empresário José Miguel para actuar como «vedeta» da próxima revista do ABC, que, como noticiámos, se intitulará «A' grande e á francesa» e é original de César de Oliveira, Augusto Ramos, Ferro Rodrigues e Santos Fernando.

NO SÃO CARLOS

A estreia em Portugal da ópera «Ariana e Barba Azul», de Paul Dukas

É aguardada com invulgar interesse a apresentação em Portugal da ópera «Ariana e Barba Azul», de Paul Dukas, a primeira estreia da presente temporada de ópera no São Carlos, na récita de amanhã. Justifica-se tal nos meios artístico e musical, não só pela categoria desta obra que pela primeira vez vai ser cantada entre nós, mas também pelo nível do elenco que a interpretará.

Estreada na Ópera Cómica, de Paris, em 1907, «Ariana e Barba Azul» foi a primeira obra lírica terminada por Paul Dukas, depois de duas tentativas não acabadas. Dukas, seduzido pelo libreto de Maeterlink, pôde, nesta obra, abordar o teatro lírico sem renunciar inteiramente ao seu estilo musical, mais declaradamente sinfónico do que lírico. Apesar disso, conseguiu atingir um nível de superior categoria, dando-nos uma ópera que continua presente nos repertórios de todos os grandes teatros líricos do Mundo. Pela pureza da sua musica e pela beleza do libreto, extraído de um poema do grande poeta btlga Maeterlink. «Ariana e Barba Azul» é não só uma das mais belas obras do teatro lírico francês de todos os tempos, mas uma das aplaudidas óperas do reportório contemporaneo.

Um elenco de excepcional categoria internacional deslocou-se a Lisboa para interpretar a ópera de P. Dukas: Inge Borkh, cantora que dispensa adjectivos, tão conhecida e aplaudida é entre nós, e Xavier Depraz, o famoso cantor francês, serão os protagonistas. Hélène Bouvier, Andrée Gabriel, Hélia T'Hezan, Nadine Sauterau e os cantores portugueses Natália Viana, Alvaro Malta, Fernando Serafim e Luís França completam o elenco do qual faz parte, também, a bailarina Violette Quenolle.

Um grande maestro, Jean Fournet, figura de prestígio internacional, dirigirá a Orquestra Sinfónica Nacional.

VIDA MUSICAL

Concurso para a atribuição do prémio «Guilhermina Suggia»

Para estimular os artistas portugueses, o Secretariado Nacional da Informação vai organizar, novamente, no ano corrente, o Concurso de Interpretação Musical para atribuição do prémio «Guilhermina Suggia», da importancia de 8000$00. O juri escolheu o piano como instrumento musical para aquele concurso e decidiu atribuir, também, menções honrosas aos candidatos que provarem merecê-las. A inscrição deverá ser feita, em carta dirigida á Repartição de Cultura Popular do S. N. I., até 15 de Abril e o programa constará das seguintes provas: I — Preludio e fuga em dó sustenido maior do primeiro «Cravo Bem Temperado», de J. S. Bach; II — «Sonata op. 53», de Beethoven (Aurora); III — «Estudo em fá maior op. 10 n.º 8», de Chopin; IV — Uma obra á escolha do concorrente, cuja duração não exceda dez minutos, de Albeniz, de Debussy, de Ravel, de Prokofieff ou de Vila Lobos; V — Uma obra de autor português, cuja execução não exceda dez minutos, á escolha do concorrente.

Banda da G. N. R.

A Banda da Guarda Nacional Republicana dá no domingo um concerto publico, com início ás 14 horas, no Pavilhão dos Desportos, promovido pela presidência do Município. O programa compreende as seguintes peças: «3.ª Sinfonia» (Heróica), de Beethoven; «L'Arlesienne» (2.ª suite), de Bizet; «Bailado lusíada» (sobre o fandango), de Custódio R. Gouveia; e «O navio fantasma» (abertura da ópera), de Wagner.

«AS CIOCONDAS», por LEÓNIA MENDES e SPINA

ÊXITO TOTAL NO VARIEDADES

Às 20.45 e 23 h. (Adultos—M/17 anos)
GIUSEPPE BASTOS
apresenta
A MELHOR REVISTA DO ANO!

ENA, TANTAS!

2 SESSÕES ÀS 20.45 e 23 HORAS
Adultos — M/17 anos

A REVISTA DAS 50 MULHERES!

«O CONJUNTO COM NOMES», por LILY NEVES, LEÓNIA MENDES, MARIA ADELINA e ELVIRA VELEZ

NO AVENIDA ÀS 21.45 H.
Maiores 12 anos
Tel. 327273

o milagre de ANA SULLIVAN

Original de WILLIAM GIBSON

O MAIS APLAUDIDO E PREMIADO ESPECTÁCULO DA ACTUALIDADE...

ENCENAÇÃO de LUÍS STTAU MONTEIRO

NUM DESEMPENHO NOTÁVEL DE EUNICE MUÑOZ em ANA SULLIVAN

FERNANDA BORSATTI
ISABEL DE CASTRO
FERNANDA DE SOUSA
CARLOS JOSÉ TEIXEIRA
BATISTA FERNANDES
JOÃO LOURENÇO

A GRANDE REVELAÇÃO
A PEQUENA ACTRIZ
GUIDA MARIA
em HELEN KELLER

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

O treinador do Dukla aguarda confiante o jogo com o Benfica

MÉXICO, 28. — «A minha equipa tem possibilidades de classificar-se para a fase final do Campeonato Europeu de Futebol, ao vencer o Benfica», declarou á Imprensa o técnico Vejvoda, da equipa do Dukla de Praga, que no próximo dia 6 de Março, no Estádio da Luz, em Lisboa, perante mais de 60 000 espectadores defronta os bi-campeões europeus.

Ao referir-se sobre as actuações da sua equipa pelas Américas, disse: «Sem duvida alguma, esta nossa digressão, serviu de preparação para o nosso encontro contra o clube português. De Janeiro a Fevereiro é impossível realizar treinos no meu país, em virtude do frio, que normalmente chega a muitos graus abaixo de zero.

Por isso fizemos esta viagem para a nossa preparação e mantermos a nossa equipa em melhor forma e assim chegarmos á fase final do Campeonato Europeu.

Temos alguns veteranos na nossa equipa e outros novos valores que estão a cumprir. Entretanto, a condição actual da equipa é muito boa. Nessa parte, tenho dado bastante atenção ao meu clube. Existe sempre uma oportunidade para um jovem jogador. Acredito que poderemos voltar a participar no Mundial de 1966, com igual brilhantismo como no Chile».

Para Vejvoda a conquista da Taça dos Clubes é o seu maior desejo. Sua equipa joga o 4×2×4 como fazem os grandes clubes da Checoslováquia.

Ao perguntarem-lhe qual o melhor futebol disse:

«O brasileiro joga o melhor futebol do Mundo. Óptima técnica e forma física, num país onde é difícil formar uma selecção, pois os candidatos são muitos e sómente 11 podem actuar. Essa é sem duvida alguma a grande arma dos brasileiros. Está sempre surgindo um grande valor e com condições de chegar á selecção». — (L.).

Ghiggia, o famoso futebolista uruguaio encontra a felicidade

ROMA, 28. — «Encontrei o sossego e a tranquilidade que tanto buscava. Aqui em Sora, há carinho e compreensão, coisas que eu não tinha há muitos anos», declarou á Imprensa o homem que deu ao Uruguai o título de campeão mundial de 1950 e que acaba de voltar á actividade, mas agora como técnico.

Alcides Ghiggia, o autor do histórico golo que proporcionou á selecção do seu país a vitória na partida contra o Brasil, rompeu a promessa que fizera de nunca mais pisar um campo de futebol. O pequeno Ghiggia, o endiabrado xetremo-direito que veio do seu país para Itália há oito anos, está mais feliz do que quando era adorado pelas grandes multidões dentro e fora dos estádios.

O famoso jogador afastara-se do Roma e desde então ninguém mais ouviu qualquer comentário a seu respeito. Para ganhar a vida, empregara-se numa firma de automóveis preferindo. assim, passar da glória ao anonimato. Antes, recusara numerosas propostas de se tornar treinador, ainda que com os seus 36 anos pudesse continuar a jogar. Finalmente, Ghiggia foi procurado pelos dirigentes de um modesto clube da pequena localidade de Sora e, depois de ter pensado durante bastante tempo, acabou por concordar em treinar os rapazes da equipa.

Ao referir-se ás suas novas funções, disse: «A equipa possui jovens de grande valor. Vou revelá-los ao futebol italiano». — (L.).

Árbitros para domingo

A Comissão Central nomeou os seguintes juizes para os jogos do próximo domingo do Campeonato Nacional da I Divisão: Pena da Silva (V. Setubal-Olhanense), João Calado (Atlético-Académica), Manuel Lousada (Leixões-Belenenses), Francisco Guerra (Guimarães-Barreirense) e Marcos Lobato (Sporting-F. C. Porto).

O encontro de sábado entre a C. U. F. e o Benfica será dirigido por Renato Santos.

Justiça federativa

A Federação Portuguesa de Futebol, na sua reunião de ontem, puniu os seguintes jogadores:

Repreensão por escrito — Angel Diaz Oñoro, do Seixal F. C., por desacordo com as decisões do árbitro.

Três jogos — Fernando da Conceição Cruz, do Benfica e Francisco Torrão Pires, do Belenenses, por jogo violento; Edmundo Viegas Cava, do Académico, e Francisco Alberto Nunes Pinto, do Alhandra S C., por agressão a um adversário, e Helder Francisco dos Santos, co Silves F. C., por injurias graves ao árbitro.

O Sport Clube União Torriense foi multado em 250$00, por comportamento incorrecto de uma parte do publico — arremesso de objectos sem molestar os componentes da equipa de arbitragem.

DESPORTOS

ATIRADORES moçambicanos num torneio na Suazilândia

LOURENÇO MARQUES, 28. — A fim de participar num torneio de tiro, com pistola de guerra, á distancia de trezentos metros, partiu para a Suazilandia a equipa do Sporting de Lourenço Marques.

A equipa de atiradores é constituida por António Marques, Rogério Santos, Carlos Cunha, Lopes, Ferreira e Vitor Meneses. — (A. N. I.).

HANDEBOL

Dois jogos de emoção no Campeonato Regional de Sete

O inesperado interesse que o decorrer do encontro Sporting-Oriental proporcionou, veio animar a jornada de ontem do campeonato da 1.ª Divisão, de handebol de sete, que parecia restringido á expectativa pelo despique entre «azuis» e almadenses.

E se, de facto, este ultimo jogo confirmou o que se aguardava, a emoção veio também a residir na resistência imposta aos «leões» pela equipa do Oriental, que, aos 12 minutos da segunda parte ainda se encontrava em vencedora, situação de que vinha a desfrutar desde quase o início do jogo. O Sporting actuou até ao intervalo, um tanto desarticulado, perdendo então por 4-5, depois por 5-7 e só acabando por se superiorizar após ter alcançado a igualdade a sete golos, aos citados 12 minutos.

A entrada de Pardal na equipa e a rectificação do sistema defensivo valeu aos «leões», um triunfo justo e difícil, mas tardio, se bem que a equipa também tivesse sido tocada pela infelicidade e tenha sido a mais prejudicada pela renuncia do árbitro na marcação dos castigos máximos, aliás faceta que foi peculiar em todos os encontros da jornada.

Valdemar, José Manuel e Luz, no Oriental; Pardal e Teixeira, no Sporting, foram os melhores.

No encontro principal, o Belenenses começou bem, mas cedo a melhor ordenação de jogo dos almadenses se fez sentir e a saída, por lesão, de Arlindo, principal rematador dos «azuis» fez pender vantagem para a equipa que viria a ganhar com justiça, apesar da boa reacção do vencido num período da segunda parte — já com Arlindo — que parecia ir modificar a feição do encontro, o que não se verificou, por nos ultimos cinco minutos, voltarem os almadenses ao seu bom período anterior.

Sem primores tácticos e técnicos, foi um jogo interessante e emotivo e onde se distinguiram no vencedor, Eugénio — um bom guarda-redes — Aires e Pires, este muito infeliz no remate. Rogério, Sena Belo e Costeira, nos vencidos.

Por ultimo, o Benfica não teve quaisquer dificuldades em derrotar o Monte Pedral, que deu menor réplica que a habitual.

Os resultados foram os seguintes: Sporting, 13-Oriental, 9 (4-5); Almada, 12-Belenenses, 8 (7-3) e Benfica, 18-Monte Pedral, 2 (8-1). Entre parêntesis os resultados ao intervalo.

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
BENFICA	4	4	—	—	70-33	12
Sporting	4	3	—	1	59-32	10
Almada	4	3	—	1	53-39	10
Técnico	3	3	—	—	76-41	9
Belenenses ...	4	1	1	2	66-68	7
Madre Deus...	3	—	1	2	40-70	4
Monte Pedral	4	—	—	4	28-79	4
Oriental (*)...	4	—	—	3	44-74	3

(*) tem uma falta de comparência.

Próxima jornada, em 5 de Março: Técnico-Madre Deus, Sporting-Belenenses e Benfica-Oriental.

VOLEIBOL

UM CONGRESSO FANTASMA deu novos rumos à modalidade

Verdadeiramente inconcebível. Ainda hoje, passadas quase vinte e quatro horas sobre o acontecimento, nos custa a crere que pessoas idóneas, naturalmente conhecedoras da modalidade (de outro modo não se justificaria a sua presença há tanto tempo em posições de comando) tenham sancionado resoluções que podem contribuir decisivamente contribuem, não tenhamos duvidas, para a morte do voleibol em Portugal.

Um congresso fantoche é o que se pode denominar o que ontem se realizou na sede da Federação de Voleibol para aprovação (!) de um projecto de novos regulamentos que «á priori» fora condenado por todas as pessoas de bom senso e que têm pela modalidade um rudimentar conhecimento.

Esse congresso que foi presidido pelo delegado da Associação do Funchal (uma associação onde há muito deixaram de haver competições oficiais) teve ainda a presença do delegado do Porto e de Lisboa aprovou com ligeiras alterações o citado projecto do qual damos os passos principais:

1 — Todos os campeonatos nacionais são disputados a duas voltas, sendo apurados, pelo Norte e pelo Sul, dois clubes de cada uma das regiões. A obrigatoriedade da comparência de dois apurados é, sómente, extensiva á categoria de seniores. Para a de aspirantes, juniores e senhoras pode, apenas comparecer o campeão regional.

2 — No «Nacional» da I Divisão tomam parte os representantes das Ilhas e Ultramar.

3 — No «Nacional» da II Divisão, não podem participar os clubes da Divisão de Honra (Norte ou Sul) que não tenham sido apurados para o «Nacional» da I Divisão.

4 — O período do defeso passa a ser durante todo o mês de Setembro.

5 — Os campeonatos nacionais das diversas categorias têm de estar resolvidos nas seguintes datas: Aspirantes e juniores, de 1 a 31 de Maio; senhoras, de 1 a 15 de Agosto, I Divisão, de 5 de Julho a 5 de Agosto; e II Divisão, de 20 de Julho a 10 de Agosto.

A «Taça de Portugal», deverá realizar-se entre 1 e 31 de Agosto.

6 — O seleccionador masculino não pode ser nenhum jogador inscrito. No caso da selecção feminina ela só pode ser conduzida por uma senhora, não importando que seja jogadora.

Uma autêntica calamidade como se pode constatar.

Feliz iniciativa da secção do Sporting

Dando mostra de uma clarividência que infelizmente parece não haver entre os dirigentes associativos e federativos, a secção do Sporting resolveu levar a efeito um torneio em moldes inéditos o que permitirá ás quatro equipas convidadas (Lisboa Ginásio, Belenenses, Nacional de Ginástica e Sporting) regressar á actividade após um largo interregno muito embora a época oficial já há tempo tenha sido inaugurada.

A prova disputar-se-á nos moldes da «Taça Latina» tendo cada um dos encontros a duração de 30 minutos (dois períodos de meia hora). Com o intuito de completar um estudo já iniciado em França e que se está a prolongar a outros países será permitida a passagem das mãos a quando da efectivação do «bloco».

O clube organizador que previu os mínimos detalhes para a efectivação de cada jogo convidou a manifestar-se sobre esta inovação todos os dirigentes, técnicos e jogadores.

O torneio principia no próximo sábado com os encontros: Nacional de Ginástica-Lisboa Ginásio (18 e 30 horas) e Belenenses-Sporting (19 e 40) e prosseguirá no dia 5 com os encontros entre os vencidos e os vencedores da primeira jornada.

Ao vencedor da interessante competição será atribuida a «Taça Escola Nuno Gonçalves».

NUNO MOTA

A selecção de Lisboa de hóquei em campo treina-se amanhã

O seleccionador de Lisboa, sr. Rodolfo Serpa, marcou para amanhã, no campo do Palmense, ás 21 e 30, o ultimo treino da equipa lisboeta que no próximo domingo enfrentará a do Porto.

Foram convocados os seguintes elementos:

F. BENFICA — José Ferreira, Carlos Alberto, Fernando de Sousa, José Manuel, Jaime Figueiredo, Jorge Nunes, Rogério Ramos, Vítor Perna e Carlos Silva.

BELENENSES — António Polido e Luís Fonseca.

S. L. BENFICA — Alvaro Santos e Belarmino Bento.

ATLÉTICO — Carlos Alberto .

PALMENSE — José António Costa.

O seleccionador de ciclismo vai observar no domingo os corredores nortenhos

Idalino de Freitas, seleccionador nacional de ciclismo, que tem seguido a forma dos corredores do Sul, desloca-se no domingo ao Porto, a fim de observar os elementos nortenhos, alguns dos quais de valor desconhecido.

O «responsável» está a dedicar particular atenção aos amadores, com o pensamento na constituição da equipa nacional, daquela categoria, que há-de participar na Volta á Inglaterra — uma novidade no nosso ciclismo.

● No próximo domingo, em 75 concelhos do País, principiam as eliminatórias da «Grande Prova Iniciação», sem favor a mais importante iniciativa da Federação, sabendo-se que movimenta umas quantas centenas de jovens, dos quais alguns hão-de por força revelar-se como ciclistas do futuro. Cada uma das provas será de 50 kms, aproximadamente.

● Também no domingo, realiza-se a segunda prova do campeonato da Associação de Ciclismo de Faro, na distancia de 104 quilómetros, com partida e chegada a Faro e passagem por Poço de Boliqueime, Parragilo, Benafim e Barranco Velho.

● O Ginásio de Tavira leva a efeito, no domingo, na sua pista, um festival para apresentação das equipas do Benfica e do Tavira, que participaram na Volta á Andaluzia. De manhã, haverá uma prova-treino e, á tarde, várias corridas na pista.

NOTÍCIAS SOLTAS

— Na secretaria do Clube Naval de Lisboa encontra-se aberta a inscrição para os interessados na prática do remo. O ensino funciona em turnos, de manhã, e ao fim da tarde, conforme as conveniências dos inscritos.

Entretanto, o clube continua a admitir sócios com isenção do pagamento da jóia.

— A estafeta pedestre Santarém-Pontével e com o patrocínio da F. N. A. organização da Casa do Povo de Pontevel e com o patrocínio da F. N. A. T. O percurso compreende 18 500 metros, dividido em quatro estafetas. As inscrições fecham no dia 16 de Abril.

— Os «Colóquios de Futebol», iniciativa da A. F. L., serão inaugurados no dia 4 de Março, pelas 21 e 30, na sede daquele organismo, na presença do director-geral dos Desportos, sr. dr. Valadão Chagas.

— As inscrições para os campeonatos de Lisboa, individuais de juniores, infantis, senhoras e meninas, em ténis de mesa, foram prorrogadas até 15 de Março.

— Futebol: em Pedrógão Grande, o Real. de Pedrógão Grande venceu, por 5-0, a Velha Guarda da Sertã.

— Para o Torneio de Abertura, organizado pela Associação de Patinagem de Lisboa e cujo começo está marcado para o dia 4, inscreveram-se 17 equipas.

— Sábado e domingo próximos, no «stand» de tiro do Clube Português de Tiro a Chumbo, disputar-se-ão as taças «D. Vasco da Cunha», «Brandão de Melo», «Jerónimo Carneiro» e «Filipe Gomes Pereira».

— As classificações oficiais do «Rallye» das Camélias, notável organização do Arte e Sport e que contou com a preciosa colaboração da Camara Municipal de Sintra e da sua comissão de Turismo, foram as seguintes:

Vencedor absoluto: Horácio Macedo, Arte e Sport.

Vencedor em Turismo: Manuel Gião.

Classe 1—Sarmento Rebelo, Benfica.

Classe 2 — Alfredo Cesar Torres, Sporting.

Classe 3 — Manuel Lopes Gião, Sporting.

Classe 4 — José Baptista dos Santos, Arte e Sport.

Classe 5 — Cipriano Flores, 100 á Hora.

Classe 6 — António Peixinho, 100 á Hora.

Grande Turismo: Horácio Macedo.

Classe 1 — Manuel Martins Teixeira, Arte e Sport.

Classe 2 — Rui Martins Silva, Sporting.

Classe 3 — Fernando Basílio Santos, Arte e Sport.

Classe 4 — Horácio Macedo, Arte e Sport.

Por equipas, venceu o Arte e Sport, seguido do Sporting.

O ciclista Rik Van Looy e a sua equipa participam na «Vuelta»

BILBAU (Espanha), 27 — O ciclista belga Kik Van Looy assinou o contrato para participar, com a sua equipa na Volta á Espanha em Bicicleta, que se inicia, em Gijon, no dia 1 de Maio — foi hoje anunciado nesta cidade.

A equipa belga será constituída

(Continua na 10.ª página)

XADREZ

Principia na terça-feira o I Campeonato Nacional por correspondência

Começa no próximo dia 5 o I Campeonato Nacional de Xadrez por correspondência, da iniciativa do Ginásio Clube Figueirense, sob a égide da F. P. X. A grande prova, aberta a todas as equipas oficializadas ou não, principia com as partidas respeitantes á 1.ª Série de equipas, assim constituída: *Peão Branco* (da Carris de Ferro de Lisboa), Ginásio C. F., A. G. X. de Coimbra, G. X. dos Amadores de Pesca de Angola (Benguela) e G. X. de Portimão-B.

O Comissariado Nacional da M. P., num gesto muito simpático de compreensão, enviou uma circular ás suas delegações distritais, subdelegações regionais e centros de formação geral, dando conhecimento da realização do campeonato e condições de inscrição.

Angola está já presente com duas equipas (Benguela e Nova Lisboa), mas espera-se a inscrição de outras, tanto desta como das restantes províncias do Ultramar.

O general Mira Delgado discursando antes da entrega das condecorações

Foram hoje entregues
as primeiras medalhas de ouro
de Comportamento Exemplar da Força Aérea

Efectuou-se esta manhã, na Secretaria de Estado da Aeronáutica, a habitual reunião da Comissão Técnica da Força Aérea.

Antes da reunião, o sr. general Mira Delgado, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, procedeu á imposição das medalhas de ouro de Comportamento Exemplar aos srs. majores António Luís de Carvalho e António Maria Dias dos Santos e capitão Joaquim Francisco da Fonte, todos do Serviço Geral.

As medalhas, concedidas por aqueles militares terem atingido 36 anos de serviço exemplar, são as primeiras a ser entregues na Força Aérea. Foram impostas na presença dos srs. generais Corte Real e Pinto Resende, 1.º subchefe do Estado-Maior da Força Aérea e comandante da 1.ª Região Aérea; e brigadeiros Simão Portugal e João Viana, 2.º subchefe do mesmo Estado-Maior e director do Serviço de Material da Força Aérea.

Ao proceder á entrega das condecorações, o sr. general Mira Delgado felicitou os agraciados, tendo para todos palavras do maior apreço pelos relevantes serviços prestados á Força Aérea.

Em nome dos agraciados usou da palavra o sr. major António de Carvalho, que agradeceu a distinção conferida e a presença dos oficiais-generais naquela cerimónia.

DR. BORDALO E SÁ

mudou o seu consultório para
P. Marquês de Pombal, 3, 1.º, Dt.º
Telfs. 59158/9

Professores universitários de Coimbra
na Fundação Gulbenkian

O corpo docente da Faculdade de Ciências de Coimbra — o director prof. dr. Andrade Gouveia, professores e assistentes num total de 42 pessoas — visitou hoje o Centro de Cálculo Científico da Fundação Gulbenkian, para o que todos se deslocaram em autocarro á capital.

Foram recebidos pelos srs. drs. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação, e José Ribeiro dos Santos, director do serviço de Ciência, e pelo prof. dr. Alves Martins.

A visita, que se prolongou até ao fim da tarde, começou pela biblioteca, onde o sr. prof. dr. Alves Martins fez uma exposição sobre a organização do Centro.

Seguidamente, o sr. prof. dr. António Gião, director científico do Centro, descreveu os processos de investigação. Seguidamente, foi exibido um filme sobre o funcionamento e mecânica dos calculadores electrónicos, após o que todos seguiram para um restaurante da cidade onde a Fundação lhes ofereceu um almoço ao qual presidiu o sr. dr. Azeredo Perdigão.

De regresso á sede do Centro, os visitantes visitaram outras instalações nas salas dos ordenados e das máquinas complementares, para o que foram divididos em três grupos a fim de mais fàcilmente poderem apreciar a organização. Acompanharam os grupos os srs. profs. Alves Martins e António Gião e dr. António Cadete.

Terminada a visita foi servido um chá, após o que os visitantes retomaram o autocarro que os conduzirá a Coimbra.

JÓIAS

ANTIGAS E MODERNAS
Compra, cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 324564

Quase 120 mil animais e 70 000 contos de p
—são os resultados da peste su
apesar do uso da vacina
cujos efeitos não são ain

Os criadores e proprietários de gado suíno vivem uma hora de extrema dificuldade, devido á peste africana, que lhes tem dizimado alguns milhares de cabeças, com prejuízos económicos de toda a sorte. A' volta deste momentoso assunto, têm sido expendidas as mais variadas hipóteses, quer em defesa da vacina há tempo descoberta por um cientista português, quer em considerações que lhe imputam efeitos secundários, embora ninguém ponha em causa, ao que parece, o seu valor específico. Seja como for, a verdade é que surgiram, entretanto, acidentes vacinais de graves consequências, não sendo poucos os que acreditam (veterinários do campo, práticos da criação de suínos e donos dos rebanhos) numa íntima ligação entre o vírus da peste suína africana, a vacina e os processos de pneumonia nos animais, ultimamente verificados.

A ansiedade é, portanto, notória nos círculos veterinários e agropecuários, tanto mais que superior-

Caiu a uma ribeira
na noite de Carnaval e morreu afogado

MONCHIQUE, 28. — Na noite de Carnaval, ao voltar de um baile, onde estivera na companhia de um irmão, o sr. António Joaquim Teles, de 34 anos, casado, filho do sr. Joaquim António e da sr.ª D. Maria Francisca, natural do sítio da Foz do Farelo, desta freguesia, e residente na de São Teotónio, caminhando junto á Ribeira Grande, no sítio de Selão, desequilibrou-se e caiu, rolando sobre uns pinhascos, precipitando-se nas águas que o arrastaram no redemoinhante caudal.

O irmão, que o acompanhava, gritou por socorro, mas não foi possível valer ao infeliz.

Foram feitas pesquisas, durante toda a noite e o dia de ontem, no curso da ribeira, até que o corpo foi encontrado preso a um arbusto, já distante deste concelho. O funeral realizou-se hoje

MORREU AFOGADO
na casa de banho um cadete-aviador

SÃO FACUNDO (Abrantes), 28.— Quando tomava banho, em casa de seus pais, pereceu afogado na banheira, o cadete-piloto-aviador, sr. Luís António Andreia de Figueiredo, de 19 anos, filho unico do sr. dr. Luís António Simões de Figueiredo, médico nesta localidade, e da sr.ª D. Maria Andreia de Figueiredo, pessoas muito conhecidas e estimadas na região, onde o inditoso rapaz, gozava, também, das melhores simpatias, pelo que o trágico acidente causou profunda mágoa.

O jovem cadete, que era natural de S. Tomé e residia em Lisboa, estava colocado na Base Aérea de Tancos. Foi encontrado morto, ontem, á tarde, na banheira, em consequência das emanações de gás, das quais o infeliz não se apercebeu a tempo.

O funeral, com grande acompamento, veio para Lisboa, onde o ataude fica depositado no cemitério dos Prazares.

Sophie Desmarets
que vem actuar no São Luiz chegou hoje a Lisboa com a sua companhia

De avião, procedente de Casablanca, chegou hoje a Lisboa a companhia de teatro francesa que vem representar no São Luís a quinta e penultima peça integrada no Festival de Teatro Parisiense: «...Adieu Prudence!», de Leslie Stevens.

Da companhia fazem parte a artista Sophie Desmarets, intérprete principal da peça, que pela primeira vez actuará em Portugal, e o galã Jacques Morel.

No aeroporto da Portela, estiveram, a receber a companhia, além de outras individualidades, o sr. João Ortigão Ramos e seu filho, sr. João Belo Ortigão Ramos, pela Empresa do São Luís.

///

Foi nomeado presidente da Comissão do Plano Director da Região de Lisboa o engenheiro Alfredo Augusto Macedo dos Santos Junior, director-geral dos Serviços de Urbanização.

Movimento de tropas
de e para o Ultramar

A bordo do transatlantico «Vera Cruz», esperado esta tarde no Tejo, regressa a Lisboa, um pequeno contingente de militares, que estiveram em Angola, em missão de soberania. Trata-se de uma companhia de Infantaria e de dois pelotões da Polícia Militar, que permaneceram naquela província cerca de dois anos.

— A bordo de um navio da Marinha Mercante, seguiu esta tarde para o Ultramar outro contingente de tropas. No cais de Alcantara, os militares tiveram carinhosa despedida, por parte de muitos familiares e amigos.

Em nome do ministro do Exército apresentou-lhes cumprimentos um inspector da Arma de Infantaria.

LAVANDARIAS T

MARCAM O PROGRESSO EM TÉC
Telefone para 68 34 14... Dentro d
a roupa limpa e engomada com per
VALERÁ A PENA TER CANSEIRA
Experimente e encontrará:
Com economia
MA
MA

TEXAS o melhor am

as donas de casa recomendam receitas com caldos Knorr-Suíça

2

A Ex.ma Sr.ª D. ADA DOMINGOS
Vivenda Rosa — Feijó — Cova da Piedade

fez esta receita para si

ESCALOPES DE VITELA À TIA MARIA
receita com caldo de galinha knorr

1.º — Preparam-se escalopes de vitela, temperam-se de sal, pimenta e sumo de limão, e deixam-se macerar durante meia hora. Em seguida, passam-se por farinha e fritam-se em margarina.

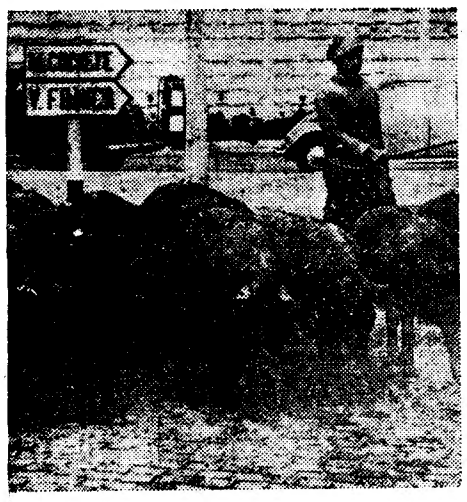
2.º — À gordura que resta na frigideira, adiciona-se 1 dl de água, e deixa-se ferver para deslassar o fundo do recipiente. Depois, junta-se 1 cubo de CALDO DE GALINHA KNORR, 0,5 dl de leite onde se diluiu um pouco de fécula de batata, e deixa-se ferver o molho por mais 10 minutos, em lume muito brando. O molho deve ficar com a consistência de um creme ralo. Verifica-se então o paladar, adicionando, se for preciso, mais sal, pimenta, sumo de limão, salsa picada e, se tiver à mão, 1 colher de sopa de cogumelos picados.

3.º — Servem-se os escalopes cobertos por este molho, rodeados por ninhos de batatas fritas, cheios de ervilhas e cenouras estufadas.

APROVADA PELO
INSTITUTO CULINÁRIO IRENE VIZI

com o caldo de galinha KNORR o que é bom ... fica melhor!

KN 6 exito



...mais mortos e... de prejuízos

...este suína africana ...acina ...io ainda seguros

...ocessos ...ultima- ...notória ...agrope- ...uperior- ...a ...al

...noite de ...le, onde ...irmão, o ...34 anos, ...António ...natural ...esta fre- ...leotónio, ...Grande, ...tou-se e ...cos, pre- ...rastaram ...ava, gri- ...possível ...nte toda ...curso da ...contrado ...nte deste ...hoje

...opas ...tramar ...» «Vera ...Tejo, re- ...contin- ...ram em ...ia. Tra- ...nfantaria ...Militar, ...província ...Marinha ...ra o Ul- ...opas. No ...tiveram ...de mui- ...Exército ...um ins-

mente se havia determinado a indemnização do valor dos animais abatidos compulsivamente, que estivessem vacinados contra a peste suína africana, e só estes, e ainda por se supor a vacina um meio eficaz para debelar o mal, o que aliás não se pode, por enquanto, desmentir. No entanto, com o aparecimento dos tais acidentes vacinais (sobretudo a pneumonia necrosante), a verdade é que, perante a lei em vigor, não há motivo para indemnizações...

O que se passa noutros países...

Noutras latitudes, de recursos económicos mais vastos, praticamente, não se aplicam vacinas contra as pestes dos gados. A erradicação é conseguida por processos bem mais dolorosos, mas drásticos: as cabeças são abatidas na sua totalidade, em determinadas áreas, ás vezes até por simples suspeição. Citam-se, por exemplo, os casos da Inglaterra, da Holanda e dos Estados Unidos, onde são frequentes esses abates de emergência.

Ainda há alguns anos os serviços oficiais dos Estados Unidos, a fim de defenderem os seus próprios interesses, não tiveram duvida em gastar alguns milhões de dólares com o sacrifício de milhares de cabeças de gado bovino, no México, atacadas (ou supostamente atacadas) de ruim maleita, na intenção de preservarem as suas próprias reservas de um possível contágio. Não quer isto dizer que, nesses países, não se empreguem vacinas, mas são vacinas *mortas*, de pequena potência.

Em Portugal, o panorama é diferente... Falta-nos potencialidade financeira para adoptarmos semelhantes disposições, procurando os nossos técnicos, por meio de vacinas as mais diversas, defender os gados até onde for possível. No caso particular da peste suína africana, atendendo ao *incêndio* que então lavrava, no Alentejo e noutras zonas, os serviços oficiais fo-

(Continua na 13.ª página)

Tony recusou um emprego de 3600 contos por ano...

WOLVERHAMPTON (Inglaterra), 28 — «Lord» Snowdon, marido da princesa Margarida, que trabalha para um jornal nacional com a circulação de um milhão de exemplares, rejeitou ontem um ordenado de 45 000 libras esterlinas (cerca de 3600 contos) por ano que lhe foi oferecido por um jornal local, que publica 30 000 exemplares.

«Lord» Snowdon é conselheiro artístico do suplemento colorido do «Sunday Times», pertencente ao milionário Roy Thomson, com um ordenado que é mantido secreto. O jornal «Wolverhampton Pride», que tem sómente três meses de existência, fez-lhe uma oferta como «conselheiro de fotografia». — (R.).

O presidente do Município

expôs largamente a acção e o pensamento no que se refere à resolução dos problemas da habitação em Lisboa

A reunião publica mensal da Camara Municipal de Lisboa presidiu o general França Borges, ladeado pelo vice-presidente, sr. Aníbal David. Assistiram nove vereadores, os directores dos serviços e chefes de repartições e de secções.

A acção cultural da Câmara

O engenheiro-agrónomo D. Segismundo de Saldanha enalteceu o valor da acção cultural desenvolvida pelo Município, falando: das bibliotecas, dotadas com dezenas de milhares de livros; da criação de museus nos palácios Pimenta e da Mitra; do gabinete de Estudos Olisiponenses; das exposições; dos concertos musicais; das representações teatrais; dos espectáculos infantis e das exposições de Floricultura.

Sugeriu que seria muito interessante «classificar» as árvores mais raras de Lisboa, colocando-lhes uma pequena tabuleta, com os nomes latino e vulgar, fazendo-se o mesmo nos canteiros de flores de estação; e pediu que se realize, o mais brevemente possível, o projecto de adaptação do edifício dos Corucheus, no Campo Grande, a biblioteca especializada, de artes plásticas e de aproveitamento da área circundante para a construção de «ateliers» destinados a artistas plásticos e de um parque infantil.

O sr. presidente disse que procurará realizar as sugestões apresentadas por aquele vereador e referiu-se depois ao voo inaugural da carreira Lisboa-Munich, em que tomou parte, informando de que esta tarde receberá as individualidades alemãs que participaram no voo Munich-Lisboa.

E acrescentou que, na segunda quinzena de Março, receberá a visita do alcaide de Las Palmas, em retribuição da que fez áquela cidade, quando do voo inaugural da carreira aérea de Lisboa, e que aquela autoridade espanhola será hóspede da cidade.

Anunciou o propósito de dar a várias ruas de Lisboa nomes dos herois caídos na defesa dos territórios nacionais da India e de Angola, bem como a resolução de conceder a duas importantes artérias os nomes dos sábios professores Egas Moniz e Nicolau de Bettencourt.

Por fim, deu informações sobre várias obras municipais em vias de conclusão, como a passagem sob a linha férrea na Buraca.

O problema da habitação

Fez uma longa exposição sobre o que tem sido a acção da Camara para ajudar a resolver o problema da habitação.

Disse, nomeadamente:

— A orientação municipal neste

(Continua na 11.ª página)

LUX OFERECE UM TUBO DE PEPSODENT

O GENERAL DESLANDES homenageado na Liga dos Combatentes

Na sede social da Liga dos Combatentes, realiza-se hoje o 99.º jantar de confraternização entre sócios desta colectividade e combatentes belgas, britanicos, franceses e italianos, num total superior a 60 convivas.

Além do general Afonso Botelho e do convidado de honra que será o general Venancio Augusto Deslandes, secretário adjunto da Defesa Nacional e antigo governador-geral de Angola, assistem os srs. brigadeiro Viana Rebelo, também antigo governador-geral daquela nossa província; prof. dr. Hernani Cidade; generais Santos Calado, Carvalho Viegas, Silva Domingues e Cotta de Morais; coronel Wattier, adido militar francês; drs. Borges de Pinho, Alfredo Filipe, Elias da Costa, Martins da Fonseca, Guilherme Alvellos, Mira Mendes, Sousa Carrusca e Xavier Pereira; comodoro Carlos Henrique; D. Francisco Estarreja; eng. Castro Pereira; e muitos outros combatentes e expedicionários, entre os quais o coronel Luís Rodrigues, que foi comandante do Corpo de Voluntários de Angola, que tão brilhantemente se tem comportado na luta contra o terrorismo.

...AS "TEXAS"

...SO EM TÉCNICA DE LAVANDARIA
...Dentro de 2 dias terá em sua casa
...ada com perfeição.
...CANSEIRAS E ARRELIAS?
...rá:

MAIS COMODIDADE
MAIS PERFEIÇÃO

...melhor amigo do seu vestuário

TAKY (DEPILATÓRIO) Francês
Agora o CREME é:
MAIS MACIO
MAIS RÁPIDO
MAIS PERFUMADO
Pelo correio, Esc. 22$00 em selos
COUTO, LDA. — PORTO

O muito é feito de poucos.
Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Linha de CASCAIS

Cinemas

OEIRAS — *Oeiras-Cine* — Às 21: «Agarrem essa loira» e «A janela indiscreta» (17 anos).

CARCAVELOS — *Vitória-Cine* — Às 21 e 30: «Um trono para Cristina» (12 anos).

PAREDE — *Royal-Cine* — Às 21: «Os três etc. do coronel» e «Uma aventura em Veneza» (17 anos).

ESTORIL — *Casino* — Às 17 e ás 21 e 30: «Crime e silêncio» (17 anos).

CASCAIS — *S. José* — Às 21 e 30: «O tesouro de Tarzan» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Branco* — Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — *Nova* — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho da Silva* — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039).

OEIRAS — *Central*—R. João Teixeira Simões, 17 (Tel. 2430058).

PAREDE — *Grincho*—Av. da Republica, 87-A (Tel. 2471204).

ESTORIL—*Suíça*—Cruzeiro (Tel. 260087).

CASCAIS — *Marginal* — Av. Marginal (Tel. 280078).

Duas conferências

do prof. André Chastel no Instituto de Política Ultramarina e no Museu de Arte Antiga

No anfiteatro da aula magna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Ultramarinas, o sr. prof. André Chastel, da Faculdade de Letras da Universidade de Paris, que se encontra em Lisboa, sob os auspícios do Instituto Francês em Portugal, proferiu, esta manhã, uma conferência intitulada «A Itália da Renascença e os Otomanos». Presidiu á sessão o sr. prof. Adriano Moreira, director daquele estabelecimento, que fez a apresentação do autor, ladeado pelo embaixador da França e pelo conferencista.

Esta noite, ás 21 e 45, o sr. prof. André Chastel, que é um reputado especialista de História da Arte, profere nova conferência, no Museu Nacional de Arte Antiga, ás Janelas Verdes, sobre o tema «Le Tableau dans le Tableau» (O Quadro no Quadro).

CASAL DO FORNO
VENDA DO PINHEIRO

+

Manuel Filipe Afonso

FALECEU

Helena Maria Afonso, Manuel Filipe Afonso Junior, mulher e filhos, Maria Helena Afonso, Maria da Ascensão Lopes Afonso Tomás, marido e filha, Carlos Alberto Lopes Afonso, mulher e filho, Emília Afonso Vera, Maria Helena Afonso Cortês e marido, Santos Gonçalves Marquês e mulher e demais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô, irmão, tio e parente, cujo funeral se realiza amanhã, dia 1, pelas 15 horas, da sua residência, Casal do Forno, para o cemitério de Lousa.

AGÊNCIA SALGADO

Nuno de Andrade Rodrigues

Missa do 30.º Dia

Lucinda Batista de Andrade, Pedro Ferreira de Andrade e mais família, mandam rezar amanhã, dia 1, pelas 10 horas, uma missa, na Igreja de S. José dos Carpinteiros, na Rua de S. José, por alma do seu querido sobrinho e primo.

+

Felismina Augusta da Costa Cordeiro

FALECEU

Manuel José Cordeiro Junior, Serafim Cordeiro Marques, Deolinda da Silva Gonçalves Marques e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida e extremosa mãe, avó e parente, cujo funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da igreja dos Anjos para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA SALGADO

CASAL DO FORNO
VENDA DO PINHEIRO

+

Manuel Filipe Afonso

FALECEU

CARVALHO & AFONSO, LDA. participa a todos os seus fornecedores, clientes e amigos o falecimento do pai dos seus sócios Manuel Filipe Afonso Junior e Carlos Alberto Lopes Afonso, cujo funeral se realiza amanhã, dia, 1, pelas 15 horas, da sua residência, Casal do Forno, para o cemitério de Lousa.

AGÊNCIA SALGADO

FRANQUEIRA
(PONTEVEDRA)

+

JESUS ANTON ALONSO

FALECEU

Rosa Gonzalez Perez, Benjamim Anton Gonzalez, Sérgio Anton Gonzalez, sua mulher e filho, Francisca Perez Gomes e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento do seu extremoso marido, pai, sogro, avô, genro, tio, cunhado e parente e que o seu funeral terá lugar, amanhã, dia 1, pelas 16 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto S. João.

P. N. A. M.

AGÊNCIA GIL

DESPORTOS

Foram eleitos os novos corpos gerentes da Associação de Atletismo

Na sede da Associação de Atletismo de Lisboa, realizou-se, ontem, á noite, a assembleia geral ordinária para a eleição dos novos corpos gerentes para o ano de 1963. Presidiu ao acto o sr. eng.º Valle Ribeiro, secretariado pelo sr. Frazão Ferreira, tendo servido de escrutinador o sr. Romeu da Silva Branco.

Antes da ordem dos trabalhos usaram da palavra, o representante do Sporting, sr. eng.º Marques de Almeida, que felicitou os dirigentes cessantes pelo trabalho desenvolvido em prol da modalidade, afirmando que a Associação de Lisboa a mais representativa da modalidade deverá continuar a praticar uma política de desenvolvimento pelo atletismo; e o eng.º Abreu Rocha, presidente cessante, que agradeceu as palavras amáveis do representante «leonino» e fez votos por que os novos corpos gerentes prossigam o trabalho encetado há anos não só pela sua direcção, mas por todas as que a antecederam.

Seguidamente procedeu-se ao escrutínio para eleição dos novos corpos gerentes, tendo as listas apresentadas sido aprovadas por unanimidade. Assim, foram eleitos:

Assembleia geral — Presidente, dr. António Barreto (C. D. U. L.); vice-presidente, António Frazão (A. Santarém); 1.º secretário, Manuel Ceia (Belenenses); 2.º secretário, Teófilo Aguiar (Benfica)

Direcção—Presidente, Jorge Pancada da Silveira (Bel.); vice-presidente, eng.º Valle Ribeiro (Spt.); secretário geral, Vasco de Lima (C.D.U.L.); secretário-adjunto, José Azevedo (Benf.); tesoureiro, Alberto Pereira (Benf.); vogais, José Franco (Carc.) e José Fernandes (Belenenses).

Conselho Técnico — Presidente, J. Arrais (Benf.); secretário, F. Amaro (Spt.); vogal, Cristiano Moreira (A. Santarém).

Conselho Fiscal—Presidente, Rogério Duarte (Spt.); secretário, Eurico Chalbert (Bel.); vogal, Octávio Catarino (Benf.).

No final o presidente da mesa congratulou-se pela forma como decorreram os trabalhos.

3800 esquiadores numa corrida célebre

ESTOCOLMO, 28 — Inicia-se no dia 3 a 40.ª Vasa, a tradicional corrida de esqui em que estão inscritos mais de 3800 esquiadores — um numero «record» da grande competição.

A origem da corrida, que mantém o nome d oseu iniciador, data de 1521. Nesse ano, Gustavo Eriksson — mais tarde, o rei Gustavo Vasa, da Suécia — percorreu em esqui toda a Dalecarlia, para levantar a população contra Cristiano II da Dinamarca, que ocupava então grande parte da Suécia.

A corrida actual cobre a mesma distancia percorrida então, cerca de 85 quilómetros.

Gustavo Eriksson seguia já a caminho da Noruega para fugir aos emissários de Cristiano, que procuravam prendê-lo, quando outros dois esquiadores percorreram a mesma distancia até o alcançarem: eram portadores da mensagem da população, que ficara hesitante por um momento, e que lhe pedia que regressasse para lançar a luta da Dalecarlia. Poucos meses mais tarde, Gustavo Eriksson entrava triunfalmente em Estocolmo.—(A. N. I.).

HIPISMO

Foram adiadas as «Poules» da S. H. P.

A Sociedade Hípica Portuguesa tinha marcado para depois de amanhã o começo das suas tradicionais «poules», que se não fora o mau tempo já deveriam ter-se iniciado. Mas, o mau tempo é «inimigo publico n.º 1» do hipismo e porque, ao contrário do que chegou a prever-se as pistas do Jóquei Clube, no Campo Grande, continuam a não oferecer condições de utilização, as provas marcadas para depois de amanhã e domingo tiveram de sofrer adiamento.

O «Rallye» Aniversário» do Benfica

A secção de motorismo do Benfica não esqueceu, este ano, os automobilistas iniciados, e quis começar as suas provas, dedicando-lhes o «Rallye» Aniversário», que se realiza no próximo dia 3 de Março com partidas de Lisboa e de Setubal e chegada áquela cidade.

A prova, cuja classificação conta para os troféus «Sic» e «Benfica» destinados respectivamente a senhoras e iniciados, tem a colaboração do Governo Civil, Camara Municipal e Junta Autónoma do porto de Setubal e, ainda, da Comissão Regional de Turismo da Serra da Arrábida e do Clube Naval Setubalense, contando com o patrocínio do jornal «O Setubalense», Rádio Clube Português, Vozes de Portugal, «Record» e da Imprensa diária.

O percurso de estrada é de 104 quilómetros convergindo em Alcochete e a partir daquela localidade o percurso é comum a todos os concorrentes por Montijo, Pinhal Novo, Palmela e Setubal onde está instalada a meta.

Serão realizadas três provas complementares, a primeira de maneabilidade e travagem, a segunda na já famosa Rampa da Arrábida e a terceira de inversão e maneabilidade, em Setubal. A entrega dos prémios, em grande numero e valiosos, será efectuada numa das instalações do Clube Naval Setubalense, cerca das 16 e 30.

Estamos certos de que a afluência será numerosa, pois a prova, pelo seu recorte bastante equilibrado, não deixará de entusiasmar dezenas de automobilistas que poderão assim evidenciar as suas qualidades.

HOJE, À NOITE

BADMINTON — Campeonato Regional de 2.ª categoria (singulares-senhoras), na Escola Eugénio dos Santos, a partir das 21 horas.

— Sorteio do torneio pares-mistos do Lisboa Ginásio, na sede do clube, ás 22 horas.

FUTEBOL — Torneio de Preparação da A. F. L.: D. Olivais-Loures e Sintrense-Vitória, nos campos dos primeiros, ás 21.45.

HÓQUEI EM PATINS — Treino da selecção nacional, no Pavilhão dos Desportos, ás 21.30.

TÉNIS DE MESA — Na sede da F. P. T. M., ás 22.30: sorteio da 3.ª eliminatória da «Taça de Portugal» (seniores).

SESSÃO SOLENE — No Benfica (secretaria), ás 21.30: distribuição de galardões a associados.

*

Pelas 21 horas, realiza-se, esta noite, a assembleia geral da Federação Portuguesa de Esgrima para apreciar o relatório e contas da gerência de 1962 e proceder á eleição dos corpos gerentes e do conselho técnico.

UMA VITÓRIA

do pugilista espanhol Luís Folledo

BARCELONA, 28 — O pugilista Luis Folledo, campeão espanhol dos «médios», venceu aos pontos o holandês Jan Dewes Voss num combate de dez assaltos, que terminou aqui esta madrugada. Ao prélio assistiram sete mil e quinhentos espectadores.

O campeão espanhol pesou 72,900 quilos e o holandês Voss 71.800. — (A. N. I.).

RIK VAN LOY

(Continuação da 7.ª página)

por Van Looy, Sorgeloos, Schroeders, Janssens, Van Geneugden, Roger Baens, Aerenhouts, Van Torgeloos, Zilverberg e Lauwers. — (A. N. I.).

Os mineiros paralisaram a corrida...

IGLESIAS (Sardenha), 28 — A quarta etapa da Volta á Sardenha em bicicleta, entre Oristano e Cagliari, foi hoje interrompida por uma grande multidão de mineiros que bloqueava a estrada e se recusou a deixar passar os corredores, a fim de chamar a atenção para as suas reivindicações.

A multidão não atacou os ciclistas não se registando qualquer violência mas frente á rígida atitude dos mineiros os organizadores da prova ordenaram aos corredores que voltassem para trás e completassem a tirada por outro caminho cuja extensão ainda se ignora. — (A. N. I.).

A sessão da Câmara

(Continuação na página central)

campo da administração concretiza-se deixando atingir duas finalidades concorrentes: 1.º — Contribuir para que se mantenha o preço actual das rendas de casa, uma vez que as mesmas não possam descer. 2.º— Contribuir para o conveniente alojamento do maior numero possível de famílias pobres e de fracos recursos, bem como de funcionários municipais e de desalojados de edifícios municipais que há que demolir, em consequência de obras de urbanização.

«Para atingir a primeira finalidade, pensa a administração que todo o esforço se deve concentrar no sentido de conseguir que a oferta de casas, seja superior á sua procura. É um propósito muito difícil, se não impossível, de conseguir, mas tal não obsta a que se promovam as medidas que permitam alcançar a desejada finalidade.

«As medidas que se encontram em execução são as seguintes: 1.º — Dar o mais rápido andamento a todos os processos de construção, reconstrução, ou ampliação que são presentes ou se encontram pendentes na D. S. S. E. U., facilitando, nos termos legais., o seu despacho definitivo, e, consequentemente, não demorando a possibilidade de construções que ponham á disposição da cidade novos alojamentos. 2.º — Promover a venda do maior numero possível de lotes de terreno para construção de prédios destinados a habitações, não esquecendo os destinados a cooperativas de construção, ou a grupos de pessoas que pretendam construir a sua própria casa. 3.º — Permitir que as alturas das edificações, a construir ou existentes, possam atingir o máximo possível permitido pelo Regulamento Geral das Edificações Urbanas, mas sem prejuizo de outras razões essenciais como sejam plano de urbanização, os aspectos tradicionais, aspectos panoramicos, transito, estacionamento de viaturas e apoio geral dos aglomerados.

«Para atingir a segunda finalidade (construção de casas para famílias pobres ou de fracos recursos, funcionários municipais e desalojados) foram tomadas as seguintes medidas: Conceder as maiores facilidades á execução do Decreto-Lei 42 454 de 18-8-959 que prevê a construção de grandes aglomerados habitacionais na região dos Olivais. Promover, através das disposições daquele decreto, a construção de prédios, por parte do Município. destinados ao alojamento de ocupantes de barracas e de famílias menos favorecidas. Construção, fora do ambito daquele decreto, por iniciativa municipal, de casas com igual destino e localizadas onde a sua construção esteja facilitada e recomendada. Utilizar ao máximo e ainda com o mesmo destino as casas do património municipal.

E, por fim, informou, já para que se possa abranger o conjunto da obra que se pretende realizar na região de Olivais-Beato, já para definir a disposição em que neste momento se encontra o Município, de contribuir para a intensificação da construção de casas de baixa renda: As construções previstas para a zona de Olivais-Chelas e que no conjunto de sete planos, totalizarão 23 000 fogos, só serão possíveis pela determinação em que o Município se encontra de solucionar o problema de habitação, o que faz com o sacrifício de outras realizações também consideradas importantes. A Camara Municipal está disposta a encarar a destruição do actual Casal Ventoso e a realojar as famílias que nele residem, uma vez que o Ministério das Obras Publicas lhe possa conceder um subsídio não reembolsável e um diploma que permita levar a efeito todas as expropriações necessárias. O Município aceitará todo o valioso concurso que lhe possa conceder o Ministério das Corporações, quando puder dispor de novas zonas urbanizadas e de terrenos seus, onde tal concurso se possa concretizar. Construir mais e mais casas, já para conseguir que os preços das actuais rendas não se agravem, já para pôr á disposição das famílias de fracos recursos casas de renda compatível com os seus salários — tal é a política do Município visando ao bem da população que V. Ex.as Senhores Vereadores tão dignamente representam e defendem. Só o alto espírito de civismo de V. Ex.as aliado á devoção de todos os chefes de Serviços Municipais, permitiu que já se fizesse alguma coisa de bom, que para todos nós, pouco representa, tendo em vista a resolução total de um problema pleno de dificuldades, mas que, estou certo, será em grande parte resolvido mercê da firme definição em que se encontra a Camara Municipal de Lisboa.

Apresentou várias propostas para hastas publicas de nove lotes de terrenos municipais, no arruamento projectado á Rua José Malhoa (Quinta dos Lagares d'El-Rei) e de um na Avenida de Roma, tornejando para o arruamento paralelo ao Caminho de Ferro.

Depois de palavras elogiosas dos vereadores dr. Gonçalves Lourenço e Mário Ávila, o presidente propôs: que a propriedade municipal denominada «Casa dos Bicos» se destine a um museu. onde se arquive tudo quanto se relacione com os territórios que constituem o Estado Português da India, e, especialmente, onde se registem os acontecimentos verificados nos mesmos territórios a partir de 18 de Dezembro de 1961, conforme plano a apresentar oportunamente; que esse museu, ainda que abrangendo tudo quanto se relaciona com os territórios de Goa, Damão, Dio, Dadrá e Nagar Aveli se denomine «Casa de Goa»; e que a Camara Municipal delibere insistir junto do Governo pelo pedido de declaração de utilidade publica, para efeito de expropriação judicial dos direitos de arrendamento e de subarrendamento que presentemente se verificam.

VIDA POLÍTICA

● Ministro do Interior

O governador civil do Porto, sr. eng.º Brito e Cunha, voltou hoje a conferenciar com o ministro do Interior, sr. dr. Santos Junior, sobre assuntos que interessam á vida política e administrativa daquele distrito.

● Ministro das Obras Públicas

O sr. eng.º Arantes e Oliveira, titular da pasta das Obras Publicas, recebeu esta tarde o governador do distrito autónomo do Funchal, sr. comandante Camacho de Freitas, com o qual apreciou vários assuntos de interesse para o arquipélago madeirense.

● Ministro da Educação

O presidente da Camara Municipal do Porto, sr. dr. Nuno Pinheiro Torres, avistou-se hoje com o ministro da Educação, sr. prof. Galvão Teles, a quem expôs vários problemas de interesse para a Cidade Invicta, afectos áquele Ministério.

● Ministro das Corporações

O sr. prof. Gonçalves de Proença titular da pasta das Corporações, recebeu esta tarde os dirigentes do Grémio dos Importadores e Armazenistas de Batata do Sul, que lhe foram apresentar cumprimentos.

● Governador civil

Com o chefe do distrito conferenciaram, sobre assuntos de interesse para os seus concelhos, os presidentes dos Municípios de Loures e Azambuja.

Academia das Ciências

Sob a presidência do prof. Moses Amzalak reune-se esta tarde a classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa.

O dr. Scarlati Lambrino lê a sua comunicação sobre «Os Guerreiros Lusitanos» e o coronel Costa Veiga faz também uma comunicação intitulada «Uma porta monumental, provávelmente romana, na cerca de Lisboa».

O dr. Gorjão Henriques enalteceu a proposta, que foi aprovada. depois de protestar contra o facto de durante tantos anos, um edifício tão histórico servir de armazem.

Foi também aprovada uama proposta no sentido de se erigir uma estátua do Santo António, no largo a poente da igreja que tem o seu nome, bem como outras, relativas a obras de pavimentos e esgotos, no valor total de mais de 20 000 contos.

TRIBUNAIS

Plenário da Boa Hora

Sob a presidência do desembargador dr. Silva Caldeira, reuniu-se esta tarde, o Tribunal Criminal Plenário da Boa Hora, para julgar o livreiro sr. Ezequiel Dionísio Vieira de Castro e Silva, de 40 anos, casado, natural do Barreiro e residente em Lisboa.

Segundo o despacho de pronúncia, é acusado de ter feito parte do Partido Comunista português e haver tomado parte em várias reuniões do comité central em 1948, 1949 e 1958.

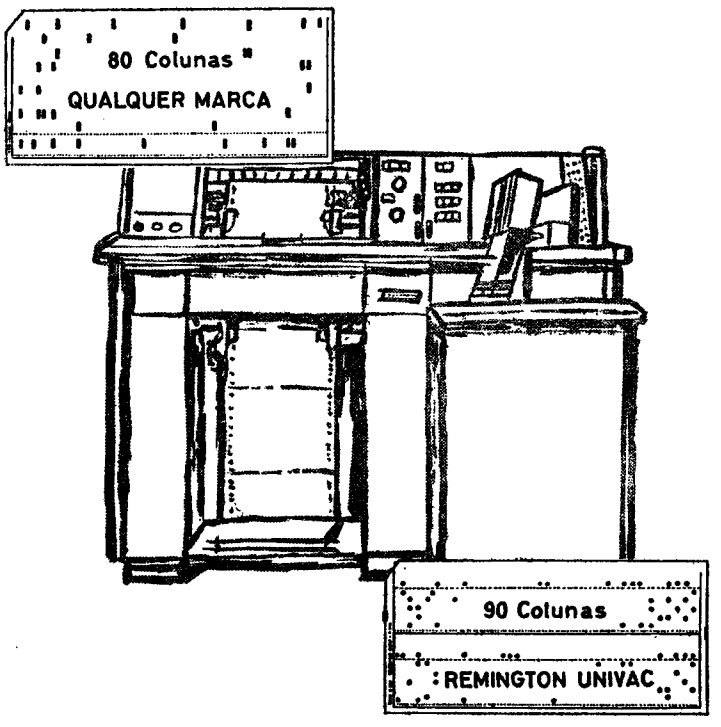
Figuram duas testemunhas de acusação e treze de defesa. O arguido é defendido pelo sr. dr. Mário Soares.

GADO OVINO para a Argélia

Chegou ao Tejo, procedente de Oran, o navio de carga holandês «Martinistad», que vem receber um carregamento de gado ovino, destino á Argélia.

UNIVAC 1004

Uma Nova Concepção no Processamento Electrónico por Cartões Perfurados



● Universal — Compatível com equipamentos de todas as marcas

● Alta Velocidade — Lê 300/400 cartões p/ min. Imprime 300/400 linhas p/ min.

● Muito Compacta — Circuitos de estado sólido extremamente seguros

● Extensa Memória — 961 posições de núcleos magnéticos (Ferrites)

● Simultaneidade Operacional — Lê, calcula, imprime e perfura numa só operação

● Elevada Produção — Equivale a 1 potente calculadora e 4 tabuladoras correntes

● Poderoso Rendimento — 4 vezes mais rápida do que os equipamentos convencionais

● Preços Competitivos — O mais económico processador electrónico

— Carece de mecanização?

— Possui instalação e deseja melhorá-la?

Consulte a DIVISÃO UNIVAC-TABULATING

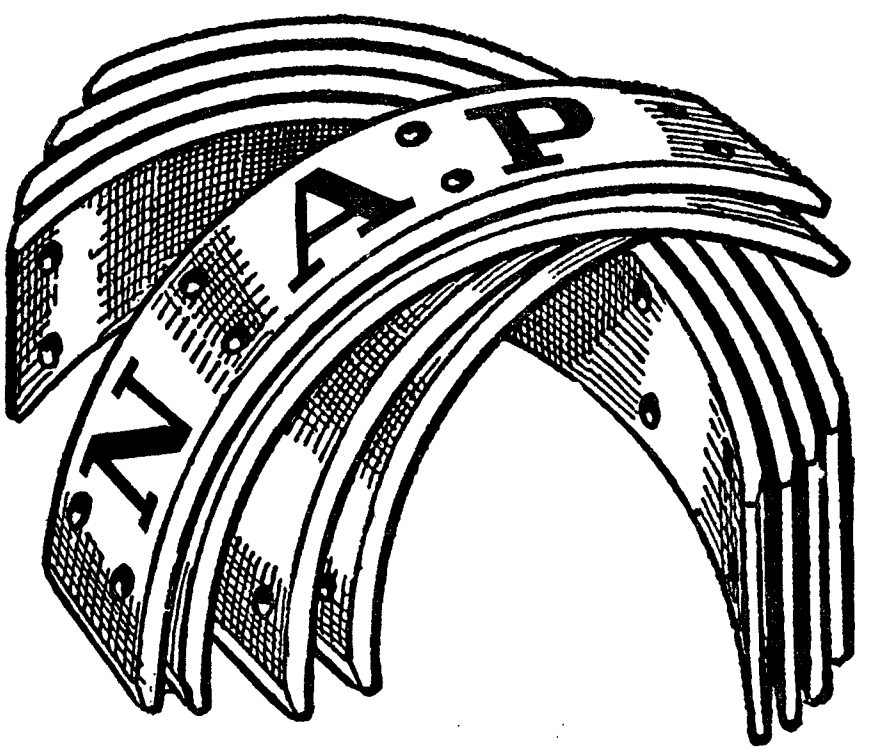
SOLOR — Agência Geral REMINGTON RAND

LISBOA — RUA DA MISERICÓRDIA, 20-1.º — TELEFS. 31426 - 369381/2

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 69-2.º — TELEF. 22276

CALÇOS PARA TRAVÕES E DISCOS PARA EMBRAIAGENS

PARA TODAS AS MARCAS E MODELOS DE AUTOMÓVEIS E CAMIONETAS



A MELHOR SEGURANÇA NO AUTOMOBILISMO E CAMIONAGEM

Êstes produtos podem ser adquiridos em qualquer casa do ramo

ARMAZÉM DE VENDAS E ESCRITÓRIO
Rua Particular, 1
Porta 5 — Alcântara — LISBOA
Telefone: 637770

ANTÓNIO PEDRO NOGUEIRA (Herds.), LDA. Nova instalação fabril — Abóboda

PARA PROTEGER A VELHICE

HYPERSEX

COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos, cansaço cerebral, astenias da idade senil, etc

Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2 142 — LISBOA

PEQUENO MAGAZINE

PEQUENO MAGAZINE — DIBOA
especial * especial * es

DE TRÊS EM TRÊS MINUTOS

★ **Os «Caravelle» em exploração, no fim do ano transacto, totalizaram 429 138 horas de voo — e descolaram de três em três minutos.**

PNEUS NA IRLANDA DO NORTE

★ **A sociedade francesa Michelin vai edificar uma fábrica de pneus na Irlanda do Norte. A futura unidade fabril empregará duas mil pessoas em 1965 — prevê-se.**

ALUMÍNIO

★ **A França produziu 219 400 toneladas de alumínio durante os 9 primeiros meses de 1962.**

Talvez não saiba que...

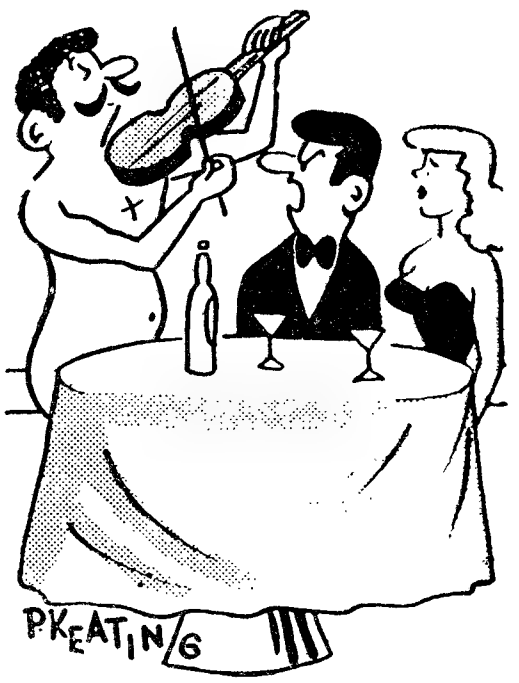
★ **A Alemanha Ocidental é o país que em todo o Mundo consome mais mel.**

★ **Há em Madrid 46 mil estabelecimentos comerciais, dos quais mais de 12 mil são de géneros alimentícios.**

★ **A Venezuela é o principal abastecedor de ferro dos Estados Unidos.**

★ **A produção de automóveis na Grã-Bretanha já atingiu, só num mês, 130 mil veículos.**

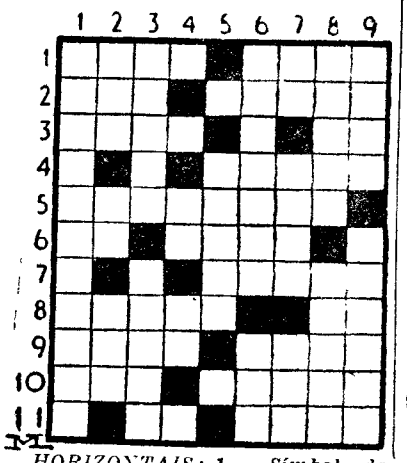
★ Oitenta e cinco por cento da população francesa beneficia dos seguros sociais.



— **Estupido e surdo! Esta senhora disse-lhe que tocasse o «Danubio» e não desnudo!**

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 2952



HORIZONTAIS: 1 — Símbolo da Aviação. Comer a refeição da noite. 2 — Maior. Barrete doutoral. 3 — Nojo. Nome de letra grega. 4 — Planta tiliácea, medicinal e ornamental. 5 — Óxido de ferro. 6 — Artigo (pl.). Bonança. 7 — Ferre. 8 — Prefixo que significa «sagrado». Preposição. 9 — Apre! Abasteci. 10 — Ofertar. Consome. 11 — Alternativa. País da Federação Indochinesa.

VERTICAIS: 1 — Amarrotado. 2 — Ermos. Pertences. Raiva. 3 — Arrostar. Ancora de navio. 4 — Escarnece. Acusada. 5 — Otomano. 6 — Reunir em colecção. Assim que. 7 — Símbolo químico do érbio. Prejudica. Gasta. 8 — Finalmente. Ar agitado. 9 — Fronteira. Receavas.

Resolveu completamente este problema?

Resolva agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

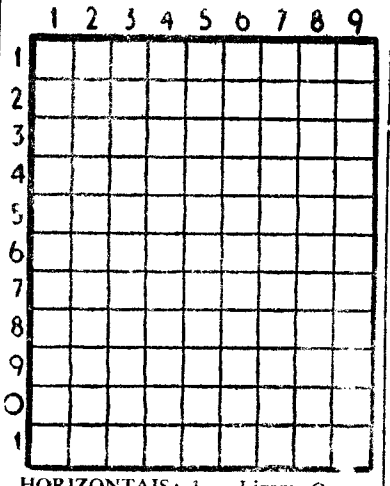
Solução do problema n.º 2951

HORIZONTAIS: 1 — BOI. VELHO. 2 — Aden. Ir. 3 — ENSINA. Pé. 4 — Ró. Aa. Sal. 5 — Visitar. 6 — Dom. Sanca. 7 — A. Im. Real. 8 — Litoide. 9 — Ícar. Aida. 10 — LAVRAR. Ai. 11 — Amais. Vir.

VERTICAIS: 1 — Boer. Dalila. 2 — O. NOVO. Icam. 3 — Ias. Imitava. 4 — Dias. Morri. 5 — Venais. As. 6 — Ena. Tardar. 7 — Saneei. 8 — Hiparca. Dai. 9 — Orel. Altair.

(PROVÉRBIO: BOI VELHO ENSINA A LAVRAR O NOVO).

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 4998



HORIZONTAIS: 1 — Ligam. O mesmo que gole. 2 — Alugara. 3 — Pertences. Laço. 4 — Seguia. Rema para trás. Nota musical. 5 — Anual. Navegador português que primeiro dobrou o Cabo da Boa Esperança. 6 — Diabo. Engano. 7 — Nome que se dá ao comboio expresso de Paris. Eiró. 8 — Faleça. 9 — Símbolo químico do amónio. Sadio. Isolado. 10 — Uma das ilhas Cíclades. Esteiro. 11 — Traçariam.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Beja. Ir para fora. 2 — Ilha francesa fortificada do Mediterraneo. Nome científico do pato. Tritura. 3 — Decametro quadrado. Peixe escombrida do Algarve. Abreviatura de Santíssimo. 4 — Variegados. 5 — A folhagem das plantas. 6 — Criador de gado. 7 — Rezo. Apre! Troça. 8 — Pelo de certos animais. Curo. Fecha as asas para descer mais depressa. 9 — Alegria. Ratem.

Solução do problema n.º 4997

HORIZONTAIS: 1 — Garibaldi 2 — Oriá. Ruia. 3 — Esmiuço. 4 — Ana. Ega. 5 — Rada. Aros. 6 — AC. Rn. 7 — Use. Mãe. 8 — Ar. Dia. Ru. 9 — Lave. Moer. 10 — Aterraras. 11 — Sora. Raso.

VERTICAIS: 1 — Gó. Arc. Alas. 2 — Arena. Urato 3 — Risadas. Ver. 4 — Iam. Acedera. 5 — Im. 6 — Aru. Armamar. 7 — Lucerna. Ora. 8 — Diogo. Éreas. 9 — Ia. Asi. Urso.

Cobrança fácil... de... dívidas difíceis...

O livro mais oportuno e util para comerciantes e industriais. Actualizado consoante os NOVOS CÓDIGOS: do Processo Civil, Imposto de Capitais, Fiscal e Selo, Custas Judiciais, etc. Esc. 50$00. Pedir nas livrarias ou a «Joamor» — R. Carlos Mardel, 98, 4.º. Dir. (Elevador). Telefone 720919 — LISBOA (1).

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE [illegible]A MARIA

Proc. 118-513-1-A

Concurso para o 1.º Semestre de 1963

Reagentes para Laboratório
Conc. Público n.º 62

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 às 12,30), na Secretaria dos Abastecimentos.

A abertura das propostas terá lugar nos dias e horas indicados nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1963.

O CHEFE DOS SERVIÇOS ECONÓMICOS

Manuel Brioso Pina de Jesus

O PORTO PELO TELEFONE

Homenagem a Delfim Ferreira

PORTO, 28 — Efectua-se esta noite, ás 21 e 30, na sede da Associação Industrial Portuense, uma sessão solene de homenagem á memória do saudoso industrial sr. Delfim Ferreira, durante a qual será recordada e exaltada a sua vida de inteligente e profícuo trabalho, bem como as realizações de grande valor que o País lhe ficou a dever, no domínio da industria, comércio e agricultura.

Na referida sessão será orador o prof. dr. Pacheco de Amorim.

Mortes por doença súbita

Na sala de observações do Hospital de Santo António, onde deram entrada por terem sido acometidos de doença subita, faleceram o sr. José Ribeiro Azevedo, de 33 anos, casado, residente na Rua de Requezende, 637; e o menor Joaquim Manuel Pinto de Oliveira, de 2 anos, morador com seus pais, na Rua do Gestal, em Campanhã.

Firma lesada em centenas de contos

No mesmo juizo foi também julgado o agente comercial sr. Celestino Carvalhal, de 37 anos, casado, residente em Pevidem, acusado de ter burlado a fima Sofite, da Maia, lesando-a em centenas de contos.

O tribunal condenou-o em três anos e 6 meses de prisão maior, 5 meses e 7 dias a 30$00 diários, dois mil escudos de imposto de justiça e 241 contos de indemnização á firma lesada.

Condenação a prisão maior

No 2.º Juizo Criminal, e em tribunal colectivo, foi julgado o pescador Luís da Silva, de 27 anos, solteiro, domiciliado no lugar de Ribeira de Abade, Valbom, que, na noite de 30 de Dezembro de 1962, na Estrada Marginal, encontrou uma rapariga sua conhecida, que é demente e fugira de casa dos pais, exercendo sobre ela violência física, furtando-lhe ainda todo o dinheiro que levava.

Foi condenado em 3 anos e 4 meses de prisão maior, 2 mil escudos de imposto de justiça e 3 contos de indemnização á ofendida.

Escola Superior de Belas-Artes

Na Escola Superior de Belas-Artes foi esta tarde inaugurada uma exposição de trabalhos de desenho, ceramica e pintura, da autoria de um grupo de alunos daquele estabelecimento de ensino.

Colhido por um automóvel

Ao princípio da tarde, na Rua de Sá da Bandeira, foi colhido por um automóvel o enfermeiro sr. Américo Fernandes, de 51 anos, casado, morador na Rua David Correia da Silva, em Rio Tinto, que sofreu fracturas do cranio e da perna esquerda, ficando por isso internado no Hospital de Santo António.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

Falecimento

Com 72 anos, faleceu a sr.ª D. Elvira Irene de Andrade Vieira Mendes de Carvalho, casada com o sr. Raul Mendes de Carvalho, residente na Rua de Santa Catarina, 1549. O funeral, a cargo da Companhia Funerária, efectua-se amanhã, ás 10 e 30, para o cemitério de Agramonte.

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — Ás 21 e 45 — «Todos eram meus filhos», de Arthur Miller (17 anos).
COLISEU — Ás 21 e 30: «Garotas, garotas, garotas!» (12 anos).
RIVOLI — Ás 21 e 30: «A princesa de Cléves» (17 anos).
SÁ DA BANDEIRA — A's 21 e 30: «Retalhos da vida de um médico» (12 anos).
TRINDADE — Ás 15 e 30 - ás 21 e 30: «O heroi da cidade» (17 anos).
OLIMPIA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «O clube do Diabo» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — A's 15 e 15 e ás 21 e 30: «A 7.ª viagem de Sindbad» e «Assim morrem os valentes» (17 anos).
VALE FORMOSO — Ás 21 e 30: «Depois do cuplé» (12 anos).
BATALHA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Cantinflas, o analfabeto» (12 anos).
AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «O mundo no meu bolso» (17 anos).
S JOÃO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «A mentirosa» (17 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30: «Paixões violentas» (17 anos).
NUNO ALVARES — Ás 21 e 30: «Mães perigosas» (12 anos).

DINHEIRO

COMPANHIA IMOBILIARIA AZO PORTUGUESA, S.A.R.L.

Tem o gosto de informar o Ex.mo Público interessado de que se incumbe da colocação de capitais, quaisquer que sejam as importancias, em empréstimos com garantia hipotecária e juros anuais de 8 % Os valores para garantia dos empréstimos realizados por seu intermédio, são prèviamente verificados por peritos idóneos, estando esta Companhia devidamente autorizada a exercer a actividade respectiva ao abrigo do Decreto-Lei N.º 43.767

COMPANHIA IMOBILIARIA AZO PORTUGUESA, S.A.R.L.

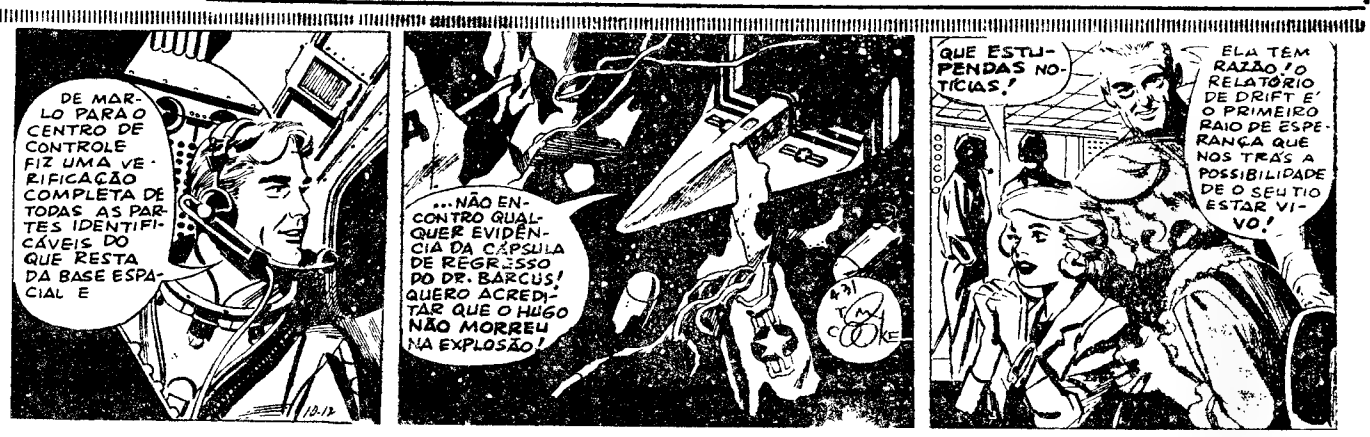
PARA MAIS ESCLARECIMENTOS CONSULTAR ESTA COMPANHIA
SEDE EM LISBOA: AVENIDA DA LIBERDADE, 3
SUCURSAL NO PORTO PRAÇA DA LIBERDADE 12
DEPENDÊNCIA EM COIMBRA: RUA FERREIRA BORGES, 15

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE
sob a orientação científica
do dr. I. M. LEVITT

430



O grave problema do gado suíno

(Continuação da página central)

ram colhidos não diremos de surpresa, mas pela necessidade de tomar deliberações por qualquer preço... Ou se acudia ao *incêndio*, com os recursos então ao dispor (e, por mera coincidência, a vacina do dr. Manso Ribeiro era um deles e o de mais fundadas esperanças), ou se deixava consumir tudo — ou quase tudo...

Deste modo, convém analisar a situação difícil em que nos encontramos, com uma certa prudência, para não sermos tentados pelas incidências económicas e sociais da tragédia que se abateu sobre a suinicultura portuguesa, principalmente a alentejana.

Os primórdios da peste suína africana

Não se conhecem antecedentes da peste suína africana na Europa. Pode dizer-se que é uma doença contagiosa característica de Africa, conforme a sua designação indica, provocada por um vírus, muito em especial nos países ao Sul do Sahara.

Em 1957, porém, não se sabe bem como, surgiu nos arredores do aeroporto da Portela e povoações limítrofes, nos animais criados em pocilgas, suspeitando-se que alimentados pelos restos das comidas consumidas nas grandes aeronaves das carreiras internacionais, que escalavam as cidades da região citada. A doença foi diagnosticada como sendo muito mortal, embora fosse pouco dispersiva.

Imediatamente, foram adoptadas disposições drásticas, pelos departamentos oficiais, para se exterminar a doença no Continente português. Assim, foi determinado o abate e a destruição de todos os animais doentes e suspeitos de estarem em contacto com aqueles, ainda que aparentemente bons. Proibiu-se de dar ao gado suíno restos de comidas, pois ficou logo definido, em relação á peste africana, que a principal via de contágio era a digestiva. E, finalmente, condicionou-se o transito de animais e rebanhos, nas áreas, entretanto afectadas.

A propósito, importa referir que essas zonas, a princípio, se limitavam, por assim dizer, e conforme já acentuámos, ao distrito de Lisboa e ás áreas vizinhas, com predomínio da margem esquerda do Tejo.

Este estado de coisas manteve-se durante 1957/58, mas com características definidas: no tempo quente, o surto aumentava, depois, durante as estações frias, decrescia. Em Julho de 1958, devido, por certo, aos cuidados profilácticos havidos, deixaram de se registar focos infecciosos, e a doença, depois disso, manteve-se em «silêncio epizoótico», até á Primavera de 1960.

O desenvolvimento da epizootia

Em conexão com o surto epidémico citado, principiaram os trabalhos científicos do Laboratório Nacional de Investigação Veterinária, de que é director o sr. dr. Manso Ribeiro, e a quem se deve a descoberta da vacina já assinalada, sem duvida alguma de grande repercussão em todo o Mundo. No entanto, quando o mal parecia erradicado ou, pelo menos, neutralizado, eis que, em Abril/Maio de 1960, a terrível doença reaparece, talvez em maiores proporções, voltando-se a adoptar os meios profilácticos anteriormente já referidos, também nas zonas já mencionadas.

Apesar dessas disposições, a epizootia alastrou, contudo, por alguns concelhos do distrito de Setubal e pela área alentejana de Elvas, de onde se expandiu por Espanha. As características da doença eram as mesmas, mas, todavia, embora continuando a demonstrar o mesmo poder mortífero, passou a ser excepcionalmente expansiva, tanto assim que, decorridos alguns meses, já era localizada noutras zonas dos distritos de Evora e de Portalegre, assumindo foros de maior gravidade.

Em Março do ano findo, verificaram-se novos focos, cada vez mais disseminados, parecendo inoperantes as disposições habituais, para combater tal maleita. Por outro lado, as características da doença modificaram-se e, a certa altura, grandes regiões do Alentejo estavam sujeitas á nefanda epizootia.

Mera coincidência...

Por volta de Maio de 1962, o Laboratório de Investigação Veterinária deu por concluídos os seus trabalhos sobre a vacina contra a peste suína africana, depois de aturados estudos e experiências laboratoriais e práticas que, ainda agora, não foram desmentidas, nos animais que se encontram em poder daquele departamento. Nada permite afirmar que os trabalhos referidos tivessem sido acelerados, devido á epizootia que grassava — e grassa — em boa parte do País, porquanto, se trata de investigações demoradas e bastante complexas, que têm os seus prazos devidamente referenciados.

As experiências de campo, nas herdades, principiaram e intensificaram-se a partir daquele mês, devidamente orientadas, calculando-se em mais de 30 mil os animais vacinados depois disso. Os serviços oficiais que conduziam essas vacinações verificaram, então, que uns animais não morriam, enquanto outros, não submetidos a esse método, sucumbiam á doença.

Com base nessas informações, foi a vacinação sendo intensificada, por forma a envolver as áreas mais afectadas, tendo terminado, praticamente, em fins de Junho. Foi então decidido aconselhar a vacinação em determinadas zonas do Alentejo, progressivamente, depois daquele período experimental.

Ocorrências secundárias

Deve, no entanto, acentuar-se que, após as primeiras vacinações, e mesmo depois, os técnicos observaram algumas ocorrências, aliás fáceis de tratar pelos métodos habituais, que não desaconselhavam a vacina que foi considerada como arma eficaz.

Atendendo a esses bons resultados (aparentes ou não?), foi determinado condicionar, entretanto, o transito dos porcos para criação ao certificado de vacinação contra a peste suína africana. Entrava-se, assim, num convite indirecto á vacinação em massa, que, aliás, se generalizou, a partir de Julho. Nessa altura, verdade se diga, morreram numerosos animais, vacinados, possívelmente já atacados do mal, embora sem sintomatologia aparente — no entender dos técnicos.

E' possível (e isto é um aspecto a atender) que a aplicação das vacinas, indiscriminadamente, a animais de todas as raças e idades (sem qualquer experiência anterior, que só o tempo decorrido pode fundamentar com segurança), muitos deles, por certo, já contagiados, tenha apressado o fim desses mesmos animais. No entanto, nem que seja por simples intenção estatística, devemos acentuar que a peste recrudesceu, no Verão do ano findo.

Tempo depois e coincidindo com as regiões onde se praticou a vacinação, apareceram também as chamadas ocorrências tardias: pneumonias necrosantes e outras lesões que levaram os serviços oficiais á intensificação dos seus estudos, a fim de definirem se esse novo surto se deve, ou não, aos efeitos secundários da vacina.

Primeira epizootia: 17 000 animais atingidos, 10 mil contos de prejuízos

Para se aquilatar dos enormes prejuízos a que a economia nacional tem estado submetida, desde o aparecimento da peste suína africana, como dissemos, em 1957/58, bastará afirmar-se que, só nesse período, os animais mortos e abatidos por doença totalizaram cerca de 17 mil, enquanto os danos ascenderam a quase dez mil contos. A esse conjunto designaremos a primeira epizootia de peste africana.

Segunda epizootia: 100 000 animais atingidos, 60 mil contos de prejuízos

A segunda epizootia, que abrange os anos de 1960 a 1962, assume carácter ainda mais alarmante, pois os animais mortos e abatidos ultrapassaram os 100 mil, rondando os danos a quase 60 mil contos. Estes dados, no que se refere a numerário, são susceptíveis de aumento, se atentarmos no circuito económico e industrial da vida dos porcos.

Por outro lado, há que atender aos prejuízos suscitados pelas pneumonias e outros ocorrências, ainda em numero indeterminado.

Julgava-se que a vacina seria eficaz durante um período prolongado

A vacinação maciça dos animais, contra a peste africana, foi decidida pelas razões já enunciadas, supondo-se que ela actuasse durante um período indeterminado, é certo, mas capaz de suprir a chamada vida industrial do suíno, que aliás é relativamente curta. E assim acontece nos animais propriedade do Laboratório de Investigação Veterinária, os quais, vacinados há nove meses, continuam imunes á doença, embora o seu «habitat» seja diferenciado, claro.

Nalguns casos, até, procede-se á revacinação dos animais, nas melhores condições sanitárias, sobretudo os mais jovens, com o fito de se alcançar uma maior imunidade.

Por todo o Alentejo, por ora, são mesmo milhares as cabeças já revacinadas, por determinação dos respectivos proprietários, com o parecer favorável dos veterinários. A vacinação, todavia, como todas as vacinas, aliás, não evita a doença, desde que o animal já se encontre atacado pelo vírus. Apenas imuniza, quando ministrada a tempo. O grande problema — e por certo, neste momento, o que é motivo de particular reparo — consiste no caso talvez precipitado da própria vacina, anunciado em termos retumbantes, não pelos círculos científicos, com todas as cautelas e verificações que caracterizam o seu labor, mas por um sector que quis tirar um efeito da descoberta, que não estaria ainda, porventura, suficientemente consolidado.

As consequências económicas

As consequências da peste têm sido calamitosas, sob o ponto de vista da economia agropecuária, havendo sérios receios de que o uso em larga escala da vacina tenha contribuído, em certa medida e em determinadas situações, ainda mal definidas, para agravar a trágica situação.

Antes de Janeiro do ano findo, os serviços oficiais só pagavam os porcos abatidos como disposição profiláctica, isto é, não se indemnizavam os proprietários dos suínos vitimados pela doença. A tabela era a seguinte: 10$00, 12$00 e 14$00, por quilo, respectivamente, os animais das raças alentejana, bizarro e cruzado, e pura precoce.

Depois disso, decidiu-se incluir no sistema de indemnizações, os vitimados pela peste africana, segundo outra tabela: 8$00, 10$00 e 12$00, conforme as raças já apontadas. A indemnização dos animais vitimados pela doença só é conferida a partir da data em que o respectivo proprietário ou proprietários manifestarem o aparecimento do foco.

Quer isto dizer: presentemente, e apesar dos grandes prejuízos observados nas varas de porcos, os serviços oficiais só indemnizam os lavradores cujos animais foram mortos ou vitimados pela peste africana. Em doutrina, e pela lei actual, as indemnizações só são assim possíveis nos casos específicos de extinção de focos por peste suína africana. Desde que a actual legislação não seja modificada, as ocorrências verificadas ou a verificar, no gado suíno, porventura relacionadas com a vacinação (que continua a não ser obrigatória, directamente), não têm direito a quaisquer indemnizações.

Por outro lado, nada de concreto se pode aventar, por enquanto, no que respeita aos resultados finais das experiências e estudos que estão a decorrer, em tudo quanto se relaciona com a peste suína africana e suas consequências.

Avultam no entanto, e por agora, os grandes e graves prejuízos a que foram sujeitos dezenas de lavradores, abastados ou não, a quem importa compreender e acudir. Estamos certos de que as entidades oficiais responsáveis pela orientação dos nossos serviços pecuários, que noutras emergências têm mostrado perfeito sentido do alcance dos problemas e desejo de os resolver com sensato realismo, não deixarão também agora de encontrar a adequada solução, que permita estabelecer o justo equilíbrio entre os interesses privados afectados e os interesses nacionais cuja defesa exigirá, porventura, corajosas decisões.

A visita das personalidades alemãs

Chegaram ontem, á noite, a Lisboa, conforme noticiámos, sessenta individualidades alemãs, entre as quais o sr. dr. Schell, ministro da Economia e das Comunicações da Baviera, que participaram no voo inaugural da carreira da TAP, entre Munich e a capital portuguesa.

Os nossos visitantes, que se encontram instalados no Hotel Ritz, efectuaram esta manhã, uma visita aos principais pontos turísticos de Lisboa, a Queluz (Palácio) e a Sintra (Castelo da Pena). Depois, almoçaram num restaurante da praia do Guincho, tendo participado no repasto o sr. Luís Forjaz Trigueiros, administrador da TAP e esposa.

Após aquela refeição, os convidados da TAP iniciaram o seu regresso a Lisboa, pela estrada marginal, admirando, então, a paisagem ribeirinha que os encantou.

Ao fim da tarde, as individualidades alemãs, que regressam amanhã ao seu país, são obsequiadas, nos Paços do Concelho, com um «cocktail» e, ás 21 horas, jantam no Restaurante Folclore, a convite do sr. eng.º Vaz Pinto, presidente do conselho de administração da TAP.

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — Ás 15 t ás 21 e 15: «As aventuras de Huekleberry Finn» (12 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — Ás 21 e 15: «O canal do crime» e «Nasci para bailar» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — Ás 21 e 30: «Aldeia dos Malditos» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Cavaca* — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); *Flama* — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); *Confiança* — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 931149).

QUELUZ — *Gil*—Avenida Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); *Simões Lopes* — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950103).

SINTRA — *Marrazes* — L. Afonso de Albuquerque — Estefania (Tel. 980058).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins*—R. António Ferro, M. A. D. (Tel. 931690).

MEM MARTINS — *Química* — Estrada de Mem Martins, 285 (Ttlef. 2910012).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

O concurso para especialista do Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Prosseguiram esta manhã, no anfiteatro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, as provas do concurso para especialista do mesmo organismo.

De manhã, o primeiro candidato foi o eng. Daniel Vera Cruz, que apresentou a tese «Propagação e rebentação das ondas», tendo como arguentes os engs. Fernando Abecasis e Armando de Lencastre, respectivamente, chefe de serviços e chefe de divisão do Laboratório.

Em seguida, prestou provas o eng. Luís Marta de Sequeira, cuja tese versa sobre «Medidas de frequências acusticas», sendo arguentes o prof. Abreu Faro, do Instituto Superior Técnico, e eng. Armando Cavaleiro e Silva, chefe de divisão do Laboratório.

De tarde, presta provas o candidato eng. Julio Barreiros dos Reis com a tese «Um estudo sobre a permeabilidade da madeira de pinho», intervindo como arguentes os engs. Ferry Borges, chefe de serviço do Laboratório, e Tomás Mateus, chefe de divisão do mesmo organismo.

A decisão deve ser conhecida ao fim da tarde, depois de o juri ter reunido para o efeito.

O juri, além dos arguentes, é constituído pelo eng. Manuel Rocha, director do Laboratório, que preside, e Afonso Fernandes, chefe do Serviço Técnico Geral do mesmo Laboratório.

INFRA-ESTRUTURAS da N. A. T. O.

em território português

Um decreto-lei, publicado pela Presidência do Conselho e pelo Ministério das Finanças, fixa as normas para a satisfação das despesas de primeiro estabelecimento, manutenção, funcionamento e fiscalização das infra-estruturas da N. A. T. O. em território nacional.

VIDA SOCIAL

EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM VIENA DE AUSTRIA

No «Sud-Express» seguiu hoje para Viena de Austria o novo embaixador de Portugal naquela capital, dr. Marcus de Fontes Pereira de Melo da Fonseca, que vai assumir o cargo.

DR. GUILHERME DE SOUSA GIRÃO

Segue amanhã para Marrocos, de automóvel, o sr. dr. Guilherme Manuel de Sousa Girão, que vai ocupar o posto de secretário da Embaixada de Portugal em Rabat.

As sessões do Curso de Tratamento do Grande Traumatizado

Hoje, ás 22 horas, efectua-se, no Hospital dos Capuchos, a segunda sessão do Curso sobre Tratamento do Grande Traumatizado, destinado a aperfeiçoamento de internos e organizado pelo Serviço de Internato dos Hospitais Civis de Lisboa.

São prelectores nesta sessão os srs. drs. Ramos Dias, cirurgião dos H. C. L., que dissertará sobre «Conceito e oportunidade do tema. Lesões frequentes de diagnóstico e terapêutica. Importancia e multiplicidade das lesões. Necessidade de um tratamento precoce e bem dirigido», e L. Leite Pinto, matemático, que se tem dedicado ao estudo destas questões, e falará sobre «A importancia social e económica da crescente incidência dos acidentes de viação e de trabalhos».

A KODAK APRESENTOU À IMPRENSA UMA INOVAÇÃO FOTOGRÁFICA REVOLUCIONÁRIA

Durante a reunião da Kodak com os jornalistas

Durante uma reunião de Imprensa realizada hoje num dos hotéis de Lisboa, e após um almoço oferecido a todos os representantes dos órgãos de informação, o sr T. C. Proper, director da Kodak Portuguesa, fez uma sensacional comunicação que, pode bem dizer-se, revolucionará o meio dos fotógrafos amadores de todo o Mundo. Trata-se de um novo sistema, rápido e instantaneo, de carregar com película as novas máquinas fotográficas «Instamatic», e que não leva mais tempo do que meter uma lampada num «flash»

Com qualquer dos cinco novos modelos de camaras Kodak Instamatic bastam apenas poucos segundos para carregar a máquina, avançar rápidamente a película, visionar e disparar. Estas camaras são de formato pequeno, aproximadamente do tamanho de um rádio de transistores, e cabem fácilmente na algibeira de um fato de homem ou na mala de mão de uma senhora. A chave deste novo sistema de fotografar, está num pequeno magazine que contém a película, e se denomina «Kodapak» e basta ser introduzido na máquina, e dela retirado quando todas as exposições estiverem feitas. As películas estão bobinadas neste magazine de plástico estanque, e á prova da luz, pelo que as camaras «Instamatic» podem ser carregadas mesmo á luz do sol.

Além disso, os magazines «Kodapak» são vendidos carregados com

(Continua na 15.ª página)

O CASO
da Lança Africana

por VINCENT STARRETT

FOLHETIM SEMANAL DO
Diario de Lisbôa

10

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — Um tiro soa no apartamento por cima daquele onde vive o casal Wicker, lançando o alarme. Wicker chama um policia, e juntos, os dois homens sobem as escadas. De subito, deparam com um rapaz branco como o cal da parede. É Anthony, o filho do casal Wicker, que conta 19 anos. Depois de arrombar a porta do apartamento de Tom Varges, um coleccionador de curiosidades, a Polícia depara com o cadáver de um desconhecido, morto por uma lança africana Desorientado, o detective Prendergast invoca o auxílio de Jimmie Lavender, que entra em contacto com o seu amigo Gilruth...

CAPÍTULO III

Neste ponto, entro eu em acção, porque a primeira coisa que Lavender fez, foi telefonar-me. Suponho que sentia a falta da sua assistência favorita.

— Anthony é, evidentemente, o principal suspeito — disse-me ele, após ter-me posto ao corrente dos acontecimentos — e Prendergast já me assegurou que o manterá a ferros enquanto não arranjar outro melhor. É essa a minha missão. Devo captar a confiança de Anthony e dos pais, para apurar o que sabem eles na verdade... se é que sabem alguma coisa. Contudo, tenho o palpite que o jovem Anthony não é culpado, e estou portanto na disposição de seguir àvante.

— Uma *assegai* — comentei, fascinado por aquele retoque bizarro. — De onde teria surgido essa lança, Jimmie?

— Julgo que deve ter vindo de uma loja de curiosidades. É verdade que estou grato a essa lança. Se esse desconhecido tivesse sido morto a tiro ou com uma faca de cozinha, a Polícia estaria menos confundida e tu e eu estaríamos a jogar o golfe.

— Vês realmente maneira de ilibar o jovem Wicker das suspeitas que recaem sobre ele? que estaria o rapaz a fazer na escada?

— Talvez o que ele já declarou na Polícia. A sua versão é perfeitamente plausível. Mas o que acima de tudo eu gostaria de saber, é porque motivo queria ele falar com Varges. É certo que isso pode ser mentira. Existem várias explicações para os movimentos de Anthony, ontem á noite. Podia encontrar-se no apartamento, no momento em que se deu o crime e nesse caso o rapaz estará a procurar proteger Varges. Talvez nunca tivesse sido sua intenção ir procurar o homem. Pode ter subido ao terceiro andar, na intenção de proteger um dos inquilinos. Talvez mesmo procure proteger o pai e a mãe. Tudo quanto sabemos é que foi apanhado na escada que conduz aos andares superiores. E é claro, não sabemos quem saiu pela porta de serviço.

— Não esqueças que o próprio Anthony pode ser o assassino — preveni á cautela.

— Seria essa a solução mais fácil — concordou Lavender. — O desaparecimento de Varges dá-lhe o benefício da duvida. É uma sorte para Anthony que o morto não seja o próprio Varges.

11

12

— Suponho que poderemos ter a certeza a esse respeito...

Lavender, que se preparava para acender um cigarro, levantou o olhar para mim.

— Que pretendes insinuar, Gilly? Adivinho algo de infernal na tua ideia...

— Não é exactamente uma ideia — disse eu, embaraçado. — Mas como é que a Polícia já apurou que o morto não é Varges? Porque os Wicker declararam não ser. Talvez porque a gente do terceiro andar, como se chamam eles? Neptune! Esquisito nome! — Porque os Neptune asseveraram não ser.

Lavender deu-me uma palmada no ombro.

— É uma teoria ousada, Gilly, mas reconheço a força do teu argumento.

— Deve haver mais pessoas, além dos inquilinos do predio, que conheciam Varges de vista.

— Sim, parece-me ser esse o primeiro passo — concordou Lavender. — Vamos dar uma vista de olhos pelo apartamento do homem.

O apartamento de Thomas Varges era justamente aquilo que eu supunha ir encontrar. Presumo que tenha sido a lança africana aquilo que me meteu tal ideia na cabeça. A verdade é que a lança era apenas um dos muitos instrumentos de morte e destruição que revestiam as paredes e armários de um antiquário, talvez de um recluso.

Havia uma «kris» malaio, uma espada escocesa autenticamente antiga, um estilete recamado de jóias, dois belos machetes, para não falar na colecção habitual de velhas pistolas, baionetas, que geralmente se encontra nas casas dos coleccionadores. Havia também armas modernas. Com grande surpresa minha a nota dominante do aposento era um quadro a óleo, de corpo inteiro, representando Walter Hampden no papel de Cyrano de Bergerac.

A pedido de Lavender, a lança fora devolvida pela Polícia, e bem assim o revólver encontrado ao lado do corpo do misterioso desconhecido. Tirando o cadáver que já fora removido para a Morgue, o apartamento apresentava-se tal e qual como

13

na véspera, quando MacFall e os assustados Wicker tinham arrombado a porta para entrar.

Rodando lentamente nos calcanhares, o olhar de Lavender deteve-se por fim num ponto da parede por cima de uma papeleira antiga, onde um orifício oblíquo assinalava talvez a entrada de uma bala. O meu amigo subiu para cima de uma cadeira, no intuito de examinar mais de perto o orifício.

— Prendergast não me falou disto — disse ele. — Claro que este detalhe não lhe escapou e foi gentil da sua parte não me ter falado dele nem das suas teorias a este respeito. Aqui está onde entrou a bala, Gilly. Um unico tiro foi disparado, Gilly, e a bala ou se perdeu no aposento contíguo ou continua embebida na parede. Bastante alto, não te parece? Está a 60 centímetros do tecto. A pessoa que disparou — Varges ou o desconhecido — deve ter tido o braço afastado. Ou talvez fosse mau atirador.

Continuou a examinar a parede sob todos os angulos, e por fim desceu da cadeira, com ar relativamente satisfeito, para se dirigir então ao aposento situado do outro lado da parede mutilada.

A bala, porém, aparentemente continuava embebida na parede. Lavender voltou a subir para a cadeira e com o dedo tacteou o orifício.

— Vai para cima — murmurou. — Tiro diagonal e oblíquo ascendente.

Durante minutos, procurou encontrar o local de onde fora disparado o tiro, chegando mesmo a estender-se no tapete.

— Creio — disse por fim — que o tiro foi dado daqui, junto da papeleira. No entanto estou convencido que a bala se dirigia a alguém que pretendia sair da sala. Quem poderia ter desviado o braço do camarada?

(Continua)

HERMES COLAS
MOTA & TEIXEIRA, LDA.
PORTO — LISBOA

VINHOS
DA
QUINTA DA CARDIGA

A partir de amanhã, dia 1, agradecemos que as encomendas sejam feitas pelo telefone

388561

Cooperativa «O Problema da Habitação»

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
CONVOCAÇÃO

De harmonia com os n.os 3.º e 4.º do art.º 55.º e § 1.º do art.º 56. dos Estatutos, aprovados em Assembleia Geral de 16 de Agosto de 1940, é convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Cooperativa, a reunir na sua Sede Social, sita na Praça da Republica, 210, desta cidade, pelas 21 horas e 30 minutos do dia 14 de Março p. f. com a seguinte:

ORDEM DA NOITE

a) — Apreciar, discutir e votar o Relatório e Contas da Direcção e o respectivo Parecer do Conselho Fiscal, referentes ao Exercício de 1962;
b) — Autorizar a Direcção a contrair um empréstimo na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, nos termos do Art.º 10.º dos Estatutos.

No caso de não reunir numero de sócios para que legalmente a Assembleia possa funcionar, fica desde já designado o dia 29 do mesmo mês, por igual hora, no mesmo local e com igual ORDEM DA NOITE, para segunda convocação, funcionando, então, com qualquer numero de sócios presentes.

Porto, 28 de Fevereiro de 1963.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL,
a) **Adriano Augusto Gonçalves Coutinho Lanhoso**

Até ao dia 29 de Março p. f., as contas, livros e mais documentos, encontram-se patentes na sede da Cooperativa, á disposição dos Senhores Associados, durante o horário do expediente.

Porto 28 de Fevereiro de 1963.

O SECRETÁRIO DA DIRECÇÃO,
a) **Manuel de Nápoles Afonso de Carvalho**

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
Visite a
ORCOSI
R. 1.º Dez., 45, 3.º — T. 367444
A FIRMA QUE RESOLVE OS SEUS PROBLEMAS FINANCEIROS NAS MELHORES CONDIÇÕES, RAPIDEZ E SIGILO

FOLHA-DE-FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA. - RUA D. JOÃO V, 7-1.º
LISBOA - TELEFS. 68 41 41/2/3

OCULISTA
Execução esmerada de todo o receituário e consertos aos melhores preços.
Descontos especiais para agremiações
Fotofilme, Rossio, 101—Tel. 323192
(Ao lado da Pastelaria Suissa)

Boletim do dia

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 28 de Fevereiro de 1933 publicava, sobre a guerra entre o Japão e a China:

«O enviado especial da United Press entrevistou o escritor inglês Bernard Shaw, actualmente na China, ácerca do conflito sino-japonês.

Shaw declarou que os japoneses encontrarão grande dificuldade em ocupar o território chinês. Se eles conseguirem dominar o Norte da China, volverão sem duvida os olhos para o Sul e poderão assim colocá-la numa situação análoga áquela em que se encontra a Irlanda.

Acrescentou que no seu entender, todos os esforços da China deviam ser feitos no sentido da sua unificação; Mas o povo parece não ter consciência nacional, apenas se preocupando com as lutas intestinas que inevitàvelmente conduzem ao aniquilamento.

Se não fossem essas guerras intestinas, o Japão nunca conseguiria triunfar nos seus ataques. De nada servirá á China — continuou Shaw — fazer um apelo ao Mundo. O Japão alega sempre o seu caso particular de defesa própria dos seus interesses na China, como agora fez quando atacou o Jehol.

Ás nações que têm problemas internos vitais a resolver, não podem dar ouvidos aos apelos da China— terminou Bernard Shaw.»

RÁDIO

EMISSORA — *Programa A* — 451 m — 655 kc/s — A's 17: Musica de teatro (E. R. N.); 17 e 30: Cançonetas (E. R. N.); 17 e 45: Orquestras ligeiras (E. R. N.); 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: O organista Mackenzie e conjunto; 19 e 10: Concerto, pelo sexteto de cegos; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Melodias, pela Orquestra de Stanley Black; 20 e 15: Jornal sonoro; 20 e 35: A nossa terra; 21: Noticiário — Varanda da Europa — Crónica de Angola; 21 e 10: Separador; 21 e 45: Teatro das comédias: Montes de Arminho», original de Ricardo Alberty; 22 e 30: Musica portuguesa; 22 e 45: Jornal sonoro, 2.ª emissão; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: Musica de Strauss, pelo organista Ray Coligmon e conjunto; 23 e 20: Onde a terra se acaba e o mar começa; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s — A's 18: Musica portuguesa (obras de Bomtempo); 18 e 45: Noticiário regional; 19: Intérpretes musicais; 20: Noticiário; 20 e 15: Concerto, pelo duo Pedro Corostola-Nella Maissa (violoncelo e piano); «Sonata em mi menor», de Vivaldi, e «Sonata n.º 2, em ré maior», de João Sebastião Bach; 20 e 45: Musica e poesia; 21 e 5: «Suite Ibéria», de Debussy, pela Orquestra Sinfónica da N. B. C.; 21 e 25: Horizonte, semanário de letras e artes; 22: O programa internacional A Voz do Ocidente»; 24: Encerramento.

Modulação de frequência de Lisboa e Porto — A's 22: Musica; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 17: Solistas; 17 e 15: Artista; 17 e 45: Noticiário; 18: Fados e guitarradas; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Cançonetas; 21: Noticiário; 22: Conjuntos; 22 e 15: Curso de língua inglesa; 22 e 30: Saude para todos; 22 e 45: Motivos portugueses; 23: Variedades; 23 e 15: Noticiário; 0 e 45: Noticiário; 1 e 15: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17 e 30: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Ritmos de baile; 19 e 15: Orquestras e vocalistas; 20: Noticiário; 20 e 10: Melodias; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 45: Programa jazz»; 22 e 30: Brasil; 23: Variedades; 23 e 45: Noticiário; 0 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Um apontamento sobre a Campanha Dominical; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: O seu programa; 20: França, Horizonte do Mundo; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 50: A hora do Concílio; 21: Variedades; 21 e 30: Recital de poesia; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — A's 18 e 15: Saudação da tarde; 18 e 30: Transmissão do terço da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Programa sobre a Campanha Dominical; 19 e 25: Boletins religioso e de filmes; 19 e 30: O seu programa; 20: França, Horizonte do Mundo; 20 e 15: Oiça, enquanto janta; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 45: Boletim de filmes; 20 e 50: A hora do Concílio; 21: Variedades; 21 e 30: Recital de poesia; 22: Calendário; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

RADIO UNIVERSIDADE — A's 17: «Gaudeamus Igitur», anuncio da estação e resumo; 17 e 2: Nota de abertura ou Um Disco — Um Ritmo; 17 e 5: Concerto; 17 e 30: Nova musica; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Os dois ultimos discos; 17 e 53: Resumo do programa do dia seguinte; 17 e 54: Anuncio de encerramento e marcha; 17 e 55: Fecho.

TELEVISÃO

Hoje — A's 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal; 19 e 45, Aventuras de «Rin-Tin-Tin»; 20 e 10, «Vida sã em corpo são»; 20,50, «Rosa dos Ventos»; 20,50, Episódio da série «Flintstones» (desenhos animados); 21 e 20, Telejornal; 21 e 45, Boletim meteorológico; 21 e 50, «Um quarto com vista para o mar» — 9.º episódio: «A Isabelinha», com Paulo Renato, Susana Prado, Maria Helena de Eça Leal, Fernanda Figueiredo e Andrade e Silva; 22 e 20, TV Mundo — «A Gata Borralheira», pelo Grupo Experimental de Ballet, subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian; 23 e 20, Moçambique de hoje: «A Ilha de Moçambique»; 23 e 40, Telejornal; 23 e 50, Fecho.

Amanhã — A's 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal; 19 e 45, Transmissão dos Estudios do Porto: «Poesia, Canto e Dança»; 20 e 10, Relatório do Progresso; 20 e 25, «Página 4» — programa feminino, com «Ambiente e Decoração» e «A Mulher Elegante»; 20 e 50, Transmissão dos Estudios do Porto: «António Pedro conversa sobre Teatro»; 21 e 20, Telejornal; 21 e 45, Boletim meteorológico; 21 e 50: Selecção policial; 22 e 20, «Show» com a Banda da Força Aérea Americana; 22 e 50, Programa filmado; 23 e 15, Desporto no Mundo; 23 e 30, Homens do Mar; 23 e 50, Telejornal; 24, Fecho.

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

AVENIDA — A's 21 e 45 — «O milagre de Ana Sullivan».
TRINDADE — A's 21 e 30 — «Escola de má-língua»
MONUMENTAL — Ás 21 e 45: «Daqui fala o morto».

CINEMAS

(Para maiores de 12 anos)

MONUMENTAL — «Totó vigarista».
SÃO LUIZ — «Dinheiro e só dinheiro».
EDEN — «No reino das maravilhas».
POLITEAMA — «Cantinflas o analfabeto».
S. JORGE — «A caminho de Hong-Kong».
ALVALADE — «Dinheiro e só dinheiro».
CAPITÓLIO — «Toureiro improvisado».
ODEON — «Frei Vassoura».
OLIMPIA — «Era uma vez dois valentes».
CHIADO TERRASSE — «Alamo».
AVIS — «A canção da juventude».
ARCO-IRIS — «Robin dos Bosques, o invencível».
RESTELO — «Cartouche».
IDEAL — «O milagre dos lobos».
PROMOTORA — «Os Homens morrem assim».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

VARIEDADES — A's 20 e 45 e ás 23 — «Ena, tantas!».
ABC — A's 20 e 45 e ás 23 — «O gesto é tudo!».
NACIONAL — Ás 21 e 30 — «Os Maias».

CINEMAS

TIVOLI — «Como ser feliz no amor».
IMPÉRIO — «Arséne Lupin».
CONDES — «Fantasmas em Roma»
ROMA — «Fantasmas em Roma».
CINE MOSCAVIDE — «Carne da minha carne».
ROYAL — «Os inimigos».
JARDIM CINEMA — «O assassino da voz meiga».
LYS — «A segunda mulher».
VOZ DO OPERÁRIO — «O ultimo pistoleiro».
CAMPOLIDE — «Em guarda contra a injustiça».
S. L. BENFICA — «Ceracella».

MARÉS

PRAIA-MAR

Dia 28 — Ás 6 e 01 (4,05 m); 18 e 25 (3,80 m).
Dia 1 — Ás 6 e 50 (3,81 m); 19 e 10 (3.60 m).
Dia 2 — Ás 7 e 49 (3,56 m); 20 e 19 (3,41 m).

BAIXA-MAR

Dia 28 — Ás 11 e 43 (0,91 m).
Dia 1 — Ás 0 e 10 (1,03 m); 12 e 31 (1,17 m).
Dia 2 — Á 1 hora (1.27 m); 13 e 33 (1,43 m).

FARMÁCIAS

TURNO F

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637318).
ALCÂNTARA — Probidade, R. Alcântara, 15-A-B (638589)
ALFAMA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360).
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-36 (845513).
AREEIRO — Belmar, Av. Roma, 53 776314 ✲ **Central do Areeiro**, Av. Paris, 2 e 2-A (720820).
ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (841912).
ALVALADE — Alentejo, Av. Igreja, 28-B (712682) ✲ **Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57 (765262) ✲ **Brasília**, Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) ✲ **Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, lote 373 (725859).
ARROIOS — Aliança, Av. Almirante Reis, 145 (50487).
AVENIDA DA LIBERDADE — Galénica, R. das Pretas, 12-14 (322588).
AVENIDAS NOVAS — Cardote, Lda., Av Visconde Valmor, 28 (772291) ✲ **Palma**, Aven Duque de Ávila, 25 (47088) ✲ **Arga, Lda.**, Av. Praia da Vitória, 53 (43938) ✲ **Latina**, Av. António Augusto de Aguiar, 17 (42312).
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida, 36-E (44000).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27-41 (389216).
BAIXA — Internacional, Rua do Ouro, 228-230 (32017-30203)
BEATO — Grijó, R. do Grilo, 25.
BELÉM — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Pedrouços) (610741).
BENFICA — Marques, Est. de Benfica, 648 (700096) ✲ **Vitex**, Est. de Benfica, 373-B (780548).
CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726) ✲ **Condestável**, R. Coelho da Rocha, 119 (666206).
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) ✲ **Rualto, Lda.**, Rua do Alto Carvalhão, 5-A/5-B (651721).
CAMPO GRANDE — Santa Maria, Av 5 de Outubro, 283 (763016 e 765635).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969).
CONDE DE REDONDO — Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26 (45048).
GRAÇA — Brito, R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125) ✲ **Progressiva**, R. de St.ª Marinha, 18 (863619).
ESTRELA — Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139 (661758)
JANELAS VERDES — Infante Santo, R. Olival, 290 (661003) ✲ **Marcos do Nascimento**, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (664238).
LUMIAR — Patuleia Herdeiros, R. Lumiar, 122-124 (790332).
MARQUÊS DE POMBAL — Vieira Borges, R Alexandre Herculano, 28 (40536).
OLIVAIS — Simão, Rua D, 1, lote K, á Av Entre Aeroportos (388581).
PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie, 15-A (778439).
PENHA DE FRANÇA — Dimar, R. Conde de Monsaraz, 17-B (842533).
PICHELEIRA — Mariuz, Calçada da Picheleira, 140-C (720703 e 728395).
PRINCIPE REAL — Oliveira, R. D. Pedro V, 123-125 (27880).
REGO — Prates e Mota, R. Benefiência, 91 (773728).
SANTO AMARO — Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (637070).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 % 1 10 ...	—	—	653$00
Cons 3 % T 10	—	—	685$00
Cons 3 1/2 % T 10 ...	—	—	804$00
Centenários 4 % 1940...	—	—	1.850$00
Obg Tes.2 1/2 % 1942	—	1.015$00	—
Obg Tes 2 1/2 % 1943	—	1.015$00	—
Obg Tes.2 1/2 % 1944	—	1.015$00	—
Externo 1 série	—	—	1.165$00
Ext 1 série car	1.165$00	1.165$00	1.170$00
Externo 2 série	—	—	—
Ext 2 série car	—	1.160$00	—
Externo 3 série	1.330$00	—	1.340$00
Ext. 3. série car.	1.360$00	1.350$00	1.400$00
Caut 3 série s/j.	—	220$00	—
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	496$00	501$00
Norte de Portugal 5 %	—	101$50	—
Gás Elect 3 3/4 % ...	915$00	910$00	—
Gás Elect 4 %	930$00	—	935$00
Gás Elect 4 1/2 % ...	—	960$00	—
Gás Elect - %	—	995$00	1.000$00
U. E. P 3 3/4 %	—	88$00	89$00
U. E P 4 % 1945	—	91$00	92$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	95$00	94$50	96$00
U. E P. 5 % 1951	97$50	—	98$00
U. E P 5 % 1952	—	—	—
U. E. do Douro	990$00	988$00	992$00
H. E. S. Est. 5 % ...	—	—	—
H. E. P 4 %	1.005$00	1.003$00	—
Metropolitano	971$00	973$00	975$00
Acções			
Bancos			
Angola	—	—	—
Alentejo	—	—	1.800$00
Espirito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	1.950$00	—
Portugal	1.750$00	1.720$00	1.780$00
Ultramarino	1.155$00	1.155$00	1.160$00
Agricultura	—	18$00	50$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	280$00	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	460$00	455$00	465$00
Ag das Neves	—	—	—
Agric. Colonial	—	—	—
Açucar de Angola	—	520$00	530$00
Boror	—	90$00	100$00
Cabinda	—	—	—
Cadá	—	—	750$00
Colonial do Buzi	—	63$00	65$00
Ilha do Principe	—	—	300$0
Incomati	—	—	900$00
Moçambique	—	31$00	33$00
Zambézia	—	40$00	43$00
Lobito	390$00	389$00	392$00
Diamantes	307$00	305$00	312$00

C.as Diversas	Efec.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	—	—
Cimentos Leiria	—	—	—
Crédito Predial	—	41$50	43$00
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias ...	—	575$00	590$00
Nacional Navegação ...	—	630$00	650$00
Colonial Navegação ...	—	430$00	450$00
Port. de Celulose	3.230$00	3.220$00	3.240$00
Portuguesa de Pesca...	—	850$00	875$00
Port. de Tabacos	220$00	220$00	221$00
Tabacos de Portugal...	—	—	—
Aguas. Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934.....	—	350$00	360$00
Aguas Lisboa 1936.....	—	—	350$00
Eléct. das Beiras	1.679$00	1.675$00	1.679$00
Gás e Electricidade ...	310$00	309$50	310$00
H. Alto Alentejo	152$00	151$50	152$00
H. E. Cávado	1.100$00	1.090$00	1.110$00
H. E. Zêzere	—	1.225$00	1.240$00
Nac. de Electricidade	1.240$00	1.230$00	1.240$00
União Eléctrica Port.	147$50	147$00	148$00
H. E. do Douro	1.075$00	1.075$00	—
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela 5 %...	—	—	—

BANCO BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
Notas:		
África do Sul	38$50	39$50
Alemanha	7$05	7$25
América:		
Dólares de 1 a 2	28$30	28$60
Dólares de 5 a 1000	28$50	28$80
Argentina	$19	$23
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$56.5	$58.5
Brasil	$03,9	$04,8
Canadá	26$20	26$70
Congo	$09	$13
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$47,2	$48,2
França (N. Franco) ...	5$77	5$92
Holanda	7$85	8$10
Inglaterra	79$75	81$25
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	5$25	5$55
Noruega	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suiça	6$58	6$73
Ouro:		
Inglaterra (Libra) ...	279$00	289$00
Portugal — Barra	32$30	33$00
Portugal — Barra fino	32$50	33$20

J. BURNAY, L.DA — Notas estrangeiras — Papéis de crédito — Telef. 321273 — RUA DO OURO, 72

A reunião da Kodak

(Continuação da 13.ª página)

ás várias qualidades de películas: «Kodak Verichrome Pan», «Kodachrome X», «Ektachrome X», e «Kodacolor X», que permitem obter respectivamente cópias a preto e branco, transparências a cores e cópias a cores em papel, servindo cada um para doze exposições com películas «Verichrome Pan» e «Kodacolor X», e para 20 exposições com películas «Kodachrome X» e «Ektachrome X».

A mais perfeita das camaras «Kodak Instamatic» é o modelo 500 que possui uma objectiva rápida f/2.8 e obturador com velocidades até 1/500 seg., fotómetro semiautomático, disparador e objectiva retrácteis e duas tomadas e uma sapata para o «flash» e acessórios, além da correia para pulso.

O caso Argoud ameaça tornar-se num escândalo político

que pode comprometer as relações franco-alemãs

(Continuação da 1.ª página)

uma explicação completa, por muito difícil que seja».—(R.).

PORMENORES DO RAPTO

MUNICH, 28.—Parece que o ex-coronel Argoud, de 48 anos de idade, foi raptado em Munich e que a operação se realizou num grande hotel perto da estação de caminho de ferro central desta cidade.

Com efeito encontraram-se no hotel vestígios de um misterioso Gilbert Marshal, parecido com as fotografias do ex-oficial publicadas por diversos jornais Esse viajante francês tinha chegado ao hotel há exactamente uma semana na companhia de três compatriotas, comportando-se todo o grupo muito discretamente. Não vinha com eles nenhuma mulher. Com efeito, não foi encontrado aqui nenhum indício da sr.ª Argoud.

Na segunda feira, pouco antes da meia-noite, dois clientes do hotel testemunharam a maneira como o pretenso «sr. Marshal» foi detido discretamente no vestíbulo: no momento em que ia tomar o ascensor foi enquadrado por dois homens que o tinham seguido do exterior e que lhe pediram — em alemão — os seus papéis. O interpelado deixou-se levar sem reagir.

Diversos jornais alemães consagram hoje amplo lugar ao caso.

O «Muenchner Merkur», órgão de tendência católica ligado aos círculos financeiros, crê no rapto por agentes dos serviços especiais franceses. «A O. A. S. não tinha interesse em entregar um homem que muito podia revelar sobre a organização» e escreve: «O caso Argoud ameaça tornar-se num escandalo político que pode comprometer as relações franco-alemãs».

Segundo o mesmo jornal, o foro de Munich abriu um inquérito para apurar se houve realmente rapto. —(F. P.).

MANIFESTAÇÕES NA REPÚBLICA DOMINICANA

(Continuação da 1.ª página)

Johnson e Betancourt foram levados sob a protecção da Polícia para um edifício próximo, onde se mantiveram em segurança, enquanto duraram as desordens na larga avenida George Washington.

As autoridades dominicanas revelaram que os manifestantes são elementos pró-comunistas, simpatizantes do movimento subversivo venezuelano «F. A. L. N.», que recentemente se apoderou do cargueiro «nzoategui» e tem praticado actos de terrorismo em Caracas. — (A. N. I.).

Iniciaram a volta ao Mundo numa jangada à deriva

SAN DIEGO (Califórnia), 28 — Dez homens, incluindo vários etnólogos, começaram ontem, numa jangada de oito metros, a «Leihi V», uma viagem sem governo á volta do Mundo que deve prolongar-se por seis anos.

A «Leihi V», que partiu de San Diego, no extremo sul da Califórnia, conta seguir paralelamente á costa americana do Pacífico até ao Sul do México, donde será transportada até ao golfo do México. Dali, as correntes devem levá-la a Nova York e, depois, através do Atlantico, até á Inglaterra. Seguirá para o Mediterraneo, Mar Vermelho e Indico, regressando ao ponto de partida em 1969, graças ás correntes do Pacífico.

Em cada escala, os tripulantes tarão conferências sobre «usos e costumes dos americanos». — (F. P.).

Mais dois elementos da O. A. S. foram presos em Paris graças a telefonemas anónimos

PARIS, 28.—A Polícia anunciou a prisão de um oficial da Marinha identificado como braço-direito do ex-capitão Pierre Sergent, chefe extremista que deve suceder ao ex-coronel Antoine Argoud no cargo de chefe da O. A. S. em França.

O homem, que é o tenente da Marinha Georges Buscia, foi preso durante uma rusga da Polícia feita na sexta-feira á noite.

A Polícia dirigiu-se para a Rua Tournefort depois de ter recebido um telefonema anónimo. Foram então presas cinco pessoas, incluindo Buscia e uma mulher nova.

Outro telefonema anónimo, também recebido na sexta-feira passada, levou á captura do legionário hungaro Gyula Sari, de 32 anos, um dos seis homens julgados á revelia por terem tentado assassinar o presidente de Gaulle em Agosto do ano passado.

O jornal independente «France-Soir» diz hoje ter recebido dois telefonemas misteriosos que se relacionavam com o modo como Argoud caiu nas mãos da Polícia, atado de pés e mãos numa furgoneta, em Paris.

Uma das pessoas que telefonou disse chamar-se «tenente Jean-Marie», do Conselho Nacional de Resistência (C. N. R.), e informou que Argoud tinha sido entregue pelo estado-maior do C. N. R., reunido actualmente em Paris.

Disse ainda que estava a ser preparado «um grande acontecimento» para a primeira quinzena de Março, e que entretanto, continuavam as represálias contra os traidores.

A segunda pessoa que telefonou disse ser um sargento da ex-Legião Estrangeira e ter tomado parte no rapto de Argoud feito pela O. A. S. num hotel de Munich, na segunda-feira.—(R.).

FOI DESCOBERTA UMA CONSPIRAÇÃO CONTRA POMPIDOU

PARIS, 28. — Círculos ligados á Polícia francesa revelaram hoje que foi descoberta uma conspiração para assassinar o primeiro-ministro Georges Pompidou e que nove extremistas estão a ser interrogados na Polícia de Investigação Criminal acerca da mesma conjura. — (R.).

O DIFERENDO ENTRE O BRASIL E A FRANÇA

(Continuação da 1.ª página)

ná», na costa norte do Brasil. — (A. N. I.).

PARIS DESMENTE QUE A ESQUADRA FRANCESA SIGA PARA O LITORAL BRASILEIRO

PARIS, 28 — O Ministério das Forças Armadas anuncia que a esquadra francesa procede actualmente ao largo da África, a um cruzeiro de exercício em zona tropical, como é costume, todos os anos, nesta época. As unidades partiram de Toulon em 11 do corrente e estão agora fundeadas em vários pontos africanos, devendo regressar á metrópole, depois de tocarem em Dakar, Port-Etienne e Casablanca.

Não tem, evidentemente, qualquer fundamento o rumor de que a esquadra segue para o litoral brasileiro. — (F. P.).

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● **A GREVE EM NOVA YORK — A greve dos jornais de Nova York dura há 83 dias e não há qualquer indício de acordo. As negociações entre os editores e o Sindicato dos Tipógrafos terminaram na terça-feira, depois de oito horas de discussões.**

● **A POPULAÇÃO DE TRISTÃO DA CUNHA REGRESSA A ILHA — O Governo britanico fretou um navio dinamarquês, o «Bornholm», para transportar de regresso á ilha de Tristão da Cunha os seus habitantes, exilados na Inglaterra desde Outubro de 1961, em consequência da erupção do vulcão que devastou a maior parte da ilha.**

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco, predominando de sudoeste, e o céu estava geralmente muito nublado por acção de uma massa de ar, transportada na circulação conjunta de uma depressão centrada a sudoeste da Islandia e de um anticiclone localizado a sul da Peninsula Escandinava.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS: Porto, 10°; Penhas Douradas, −0,1°; Coimbra, 9°; Lisboa, 10°; Faro, 8°; Funchal, 14°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 11°; na água do mar, 13°,5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 12°,2; mínima, 6°,8. No mesmo dia do ano passado: máxima, 15°,3; mínima, 6°,5.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu geralmente muito nublado; vento fraco, tornando-se moderado de sul, rondando para sudoeste, durante o dia de amanhã; períodos de chuva e chuvisco, a partir de hoje, em especial nas regiões a norte do Tejo; pequena subida de temperatura.

SÃO LUIZ:

AVISO AO PÚBLICO

O penúltimo espectáculo da actual temporada do
FESTIVAL DE TEATRO PARISIENSE

«...ADIEU, PRUDENCE!»

FOI ADIADO PARA 2.ª FEIRA

Em virtude dos temporais no estreito de Gibraltar não terem permitido a passagem do camião que traz os cenários e todo o material luminotécnico do espectáculo «...ADIEU, PRUDENCE!» **anunciado para amanhã — o mesmo espectáculo fica adiado para**

2.ª FEIRA, 4 DE MARÇO, ÀS MESMAS HORAS: 6,15 DA TARDE E 10 DA NOITE

Assim, IVON CURI continuará a exibir-se ININTERRUPTAMENTE, **todas as noites,** ATÉ DOMINGO, **dia em que actuará também à tarde**

TÉRMINUS

Amanhã: Sexta-feira

Lampreia á Moda do Minho
Bacalhau á Terminus
Arroz de Frango á Portuguesa
Chispe com Todos
Frango Assado no Espeto com Pirl-piri

Vendemos frangos para fora aos preços correntes

Rua Primeiro de Dezembro, 67-71
Telef. 324597

AMANHÃ ANDA A RODA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

O BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

tem o prazer de comunicar que abrirá amanhã uma

AGÊNCIA EM ALMADA

na Rua Luís de Queirós, n.º 4-A

A QUAL EXECUTARÁ TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Ronda

EM APOTEÓTICO ÊXITO:
O INIGUALÁVEL CONJUNTO VOCAL ITALO-ARGENTINO
«LOS TNT» e «OS DUQUES»
O QUINTETO DE SENSAÇÃO DO MOMENTO
M. DE 17 ANOS

INSTITUTO PARTICULAR DE SAÚDE

Av. Guerra Junqueiro, 14, 1.º, Dt.º — LISBOA — Tels. 728182 e 728183

SERVIÇOS MÉDICOS

Consultas de todas as especialidades, Análises Clínicas, Radiografias, Electrocardiografia, Fisioterapia e Transfusões — Preços de Policlínica

Serviço permanente (dia e noite) de Chamadas ao domicílio

Vida literária e artística

NÚMERO 239
28 - FEVEREIRO - 1963

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»

«...Prestes a cumprir os meus cinquenta anos de oficial num ofício de inglória matação... conservo ainda em relativa têmpera a enxada com que tenho virado a leiva literária».

Aquilino Ribeiro

50 anos de vida literária de Aquilino Ribeiro

Celebra-se neste ano, com a espontaneidade de uma larga homenagem colectiva de consagração nacional, o cinquentenário de vida literária de Aquilino Ribeiro. Foi no dealbar de 1913 que o portentoso escritor, então residente em Paris na sequência de demorado exílio, deu a público o primeiro dos seus livros — o volume de contos «Jardim das Tormentas. Em relação a escritores vivos é esta, sem dúvida, a mais relevante efeméride do mundo literário português neste século. Consagrado definitivamente como um dos grandes clássicos de toda a história da nossa literatura; autor de umas seis dezenas de obras em que refulgem os dons insuperáveis do prosador, do observador da vida e do ficcionista; homem varonil de um só rosto, que tem sido exempo cívico de sucessivas gerações; mestre de escritores e símbolo de cidadãos que não vergam no amor fiel da liberdade e da justiça — Aquilino Ribeiro é hoje uma altíssima figura nacional. A comemoração do seu cinquentenário literário, no decurso de 1963, vai reunir à sua volta, os mais calorosos e diversos preitos de saudação e de homenagem.

O **«Diário de Lisboa»**, que contou o glorioso homem de letras entre os seus colaboradores desde o primeiro número, honra-se de lhe consagrar na integra as páginas deste Suplemento ao iniciar-se o ano comemorativo. Damos assim, e desde já, a nossa adesão e contributo às celebrações que hão-de exaltar, em Portugal e no Brasil, esta figura cimeira da nossa literatura, prestando-lhe em vida a consagração que a posteridade há-de assegurar-lhe, enquanto houver memória da arte de escrever na língua portuguesa.

•

«Jardim das Tormentas»

— o livro que abriu o caminho duma carreira triunfal

A publicação dos contos de «Jardim das Tormentas», em 1913, constituiu acontecimento literário que logo deixou assinalada em êxito augural a trajectória vitoriosa da obra de Aquilino Ribeiro. Nesse livro encontram-se todas as virtualidades do autor admirável de quase sessenta obras que constituem a criação mais vasta e poderosa da nossa literatura neste século: o prosador de fulgente vigor estilístico, o romancista da gente rustica, bravia ou sofredora, o cronista dos contrastes e desacertos mundanos, o observador irreverente das realidades da natureza humana e da história. Um extraordinário escritor nasceu com esse livro. E foi ante a evidência que Carlos Malheiro Dias pôde acentuar no fecho da carta prefaciante que escreveu para a obra inicial mas logo reveladora. «As letras portuguesas possuem hoje mais um admirável artista, que se incorpora na dinastia dos grandes escritores».

Escrevia estas palavras um convicto antagonista político, que como tal se afirmava ante a «constancia inquebrantável da fé de revolucionário» de Aquilino Ribeiro; um escritor que a si mesmo se classificava de «esquecido novelista romantico» e não podia deixar de sentir-se muito distanciado ante o naturalismo irreverente do ficcionista no dealbar da sua obra. Era esse escritor, deslumbrado, que declarava: «*Acabo de voltar, lealmente,*

(Continua na página central)

Um monumento literário

Gostaria de ser menos lacónico sobre quem ha tanto para dizer; mas, quando se trata duma personalidade deste nível, as sínteses são, por vezes, mais eloquentes do que os longos ensaios. Recorro, pois, a uma que fiz há muitos anos e que continua e continuará a ser actual:

Aquilino Ribeiro é um dos cinco ou seis maiores escritores que Portugal tem tido e a sua obra um verdadeiro monumento literário, erguido não para desafiar a Posteridade, que já lhe está assegurada, mas para a honrar pelos séculos afora.

FERREIRA DE CASTRO

Colaborador do «Diário de Lisboa» desde o primeiro número

Desde o seu primeiro numero, publicado em 7 de Abril de 1921, o *Diário de Lisboa* contou Aquilino Ribeiro entre os mais brilhantes e

(Continua na 23.ª página)

Mestre Aquilino Ribeiro

Depois de sair do seminário — como ganhar a vida?

por AQUILINO RIBEIRO

PROPUS-ME aprender contabilidade comercial, de que me dava lições um guarda-livros estimado e muito conhecido, Pinto Ramos, com quem me relacionei á mesa da pensão. No quarto dia ainda não sabia discriminar a natureza das verbas que no livro Razão cabiam á coluna Deve ou que teria de lançar na do Haver. Desisti. O gosto pelas letras levou-me a ir bater á porta da gazeta mais lida e mais vulgar, na Rua dos Calafates.

Na redacção, uma estreita saleta que por uma porta, quase sempre aberta, comunicava com o vestíbulo, encontrei os três redactores principais: Eduardo de Noronha, Alberto Bessa e Eduardo Coelho. Em verdade, eram redactores, mas não redigiam coisa nenhuma; limitavam-se a rever, cortar, pôr uma penada de sua casa nas notícias mandadas pelos informadores e os correspondentes da província. Dois repórteres, que partiam de tipóia, com grande aparato de expedicionários quando caía telha ou uma rã não coaxava como as mais no pantanal, provocavam a todo o âmbito do inaudito paspalhão um vento de curiosidade. Mas facto sensacional ou insólito na inefável pasmaceira quando é que o havia?!

Acolheram a minha solicitação com amenidade e um leve sorriso de desfrute. Era depois do jantar e tinham-lhe tocado no vinho do carvoeiro, que ao tempo ainda em Braço de Prata se não fabricava a martelo. Que premunição para as altas funções do almofariz e da química respectiva não estava implícita no designativo precioso: braço de prata?

A confecção do jornal, como dissemos, dava poucas quebreiras de cabeça. Não obstante, lembro-me de um repórter, dobrado sobre a escrivaninha, a mão esquerda a amparar a fronte já calva, olhos no mar glacial do papel, pena ao alto, a murmurar com uma angústia que arrepiava:

— Não sei como hei-de começar... Nem á mão de Deus padre!

Eu devia ter expressado em termos atrapalhados a minha requesta. Noronha lá percebeu e, examinando-me dos pés á cabeça, proferiu:

— Então, quer ser jornalista? E' um ofício como outro qualquer, mas não é tão fácil como parece. E poderemos perguntar-lhe com que títulos se abona?

— Nenhuns.

— Nenhuns, é boa! Não tem o curso do liceu, ou de qualquer escola?

— Acabo de sair do seminário. Andava no 2.º ano de Teologia...

— Ah! ah! Saiu então do seminário? Por falta de vocação...?

— Sim, senhor, não tinha vocação absolutamente nenhuma.

— Mandaram-no embora?

— Quer V. Ex.ª dizer, expulsaram-me? Não. A bem dizer, expulsei-me eu...

Deram-lhe uma risada. Os outros jornalistas e repórteres olhavam para mim divertidos.

— E' capaz de me dizer em que consiste a prova ontológica da existência de Deus?—tornou Noronha.

— Se tem muito empenho, posso tentar...

— Vamos lá ver...

— Deixe ver se me recordo... A prova, ou melhor, o argumento ontológico da existência de Deus é uma espécie de desdobramento do argumento cosmológico. Pois que os nossos sentidos nos asseguram da existência duma realidade extrínseca a nós mesmos, realidade concreta, digamos táctil, tem necessàriamente de implicar uma causa. A essa causa chamam os filósofos causa primária. Somos pois levados a supor a existência dum ente infinitamente soberano e perfeito que se identifica com essa causa. Admitindo ago-

(Continua na página central)

Saúdam Mestre Aquilino Ribeiro:

Almeida Faria

POR vezes acontece que aqueles mesmos, como eu, a quem há quem trate por Vossa Irreverência, sentem o prazer (mais que o dever) de respeitar e admirar profundamente os que vieram antes, os chamados clássicos, aqueles que alcançaram o que nós pretendemos: a verdade, a beleza, o apaziguamento. Esse é o sentimento que me assalta perante a obra imensa de Aquilino Ribeiro. E quando se lê «A Via Sinuosa» e, paralelamente, em «Abóboras no Telhado», o seu autor nos conta da dificuldade e reacção postas diante daquele romance, que foi sem duvida uma renovação feita á língua e que apesar disso ou talvez até por isso então «não tinha publico», a gente sorri uma vez mais dos tradicionalistas que, como exemplo para a sua triste falta de imaginação, vão buscar Aquilino.

•

Fernando Lopes Graça

DUAS palavras sobre Aquilino Ribeiro, ao cumprirem-se os seus cinquenta anos de vida literária? E que mais posso ou sei eu dizer senão duas palavras, palavras de simples leitor, a respeito de um vulto de tanta eminência nas nossas letras? Outros dissertarão a seu talante sobre a obra e a arte do mestre do *Jardim das Tormentas* e da *Casa Grande de Romarigães*. Eu só tenho que me curvar perante essa obra e essa arte, admirando-as como soberbos testemunhos e padrões que são da ficção e da prosa portuguesas, rendendo do mesmo passo preito de muito respeito ao trabalhador, ao artesão que a todos, e a cada qual em seu ramo de actividade, tem dado exemplo altíssimo, e que deverá ser estimulador, de porfia oficinal e de virtudes profissionais, — coisas de que, em boa verdade, tanto carecemos.

•

Fidelino de Figueiredo

LITERATURA e musica são artes inespaciais, porque as palavras e as notas da escala não ocupam espaço, por mais que os poetas e os compositores as sobrecarreguem de retórica. Mas esses artistas, seus criadores, ocupam sempre um conglomerado de espaço-tempo, porque pertencem a uma época e enraizam-se nalgum trato de terra. Não há literaturas vivas sem pátria e sem data. Do seu enraizamento lhes vêm a força criadora, a matéria que elaboram e as ansiedades e os problemas que despertam o impulso de expressão no idioma que se fala nesse trato de terra e em certo instante da história. O pronto definhamento das literaturas emigradas por causas políticas e religiosas o confirma.

Nos anos já distantes em que eu devia e podia seguir o movimento literário nacional, menos intenso e variado que o de hoje, vi no romancista Aquilino Ribeiro um prosador portuguesíssimo, de estatura camiliana, por seu enraizamento profundo, sua virtuosidade magistral do idioma, sua obstinação fiel aos costumes e modos de expressar certa zona do espaço e certo falar nele reinante, e também pela simplificação psicológica dos tipos. E com tudo isso humaníssimos ambos — o Camilo de além Douro e o Aquilino de aquém, porque Portugal é o que a terra bem possuída e sentida determina que ele seja e o universo literário ainda se compõe de pátrias.

Isto, hoje, perante o conjunto de uma longa carreira, é um juizo banal, como sentença de «juiz da Beira», de Gil Vicente ou do próprio escritor — um «juiz da Beira» redivivo a comentar coisas estranhas ao seu quadrante de compreensão.

•

Gastão Cruz

O extenso conhecimento das possibilidades de utilização artística da língua, que encontramos em Aquilino Ribeiro, bastaria para justificar o interesse das gerações recentes pela sua obra. Cada vez mais, de facto, o domínio técnico do material linguístico se impõe como condição do trabalho literário.

Aquilino com os seus amigos Gualdino Gomes e Abel Manta, em 1919

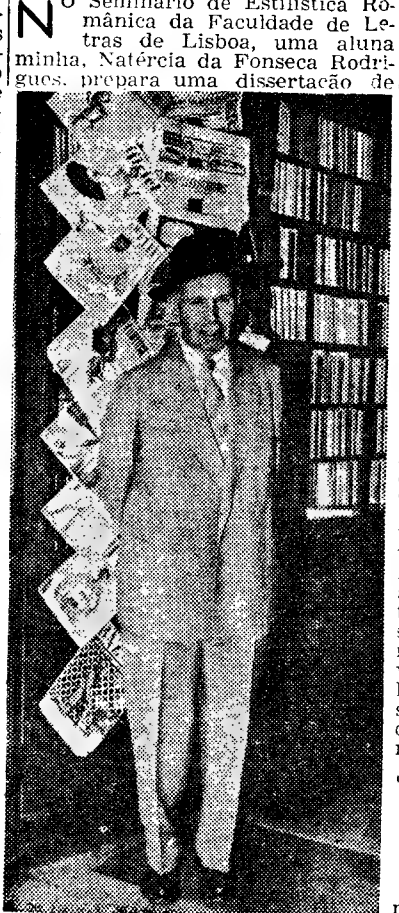
O exemplo de Aquilino é, neste sentido, muito importante: bastará observar como a aliciante veemência materialista dos seus temas faz corpo comum com uma linguagem das mais conscientemente construídas da literatura portuguesa.

O vasto publico que a sua obra conquistou é desmentido bastante para os que o acusam de inacessível. É que a comunicação entre um autor e o publico depende precisamente da conjugação dos diversos níveis da obra, sem a qual esta não poderá preencher a sua função. É naquilo a que é costume chamar hermetismo ou inacessibilidade está muitas vezes a verdadeira força comunicativa do escritor.

•

Jacinto Prado Coelho

NO Seminário de Estilística Românica da Faculdade de Letras de Lisboa, uma aluna minha, Natércia da Fonseca Rodrigues, prepara uma dissertação de licenciatura sobre as variantes das sucessivas edições do *Jardim das Tormentas* — trabalho que deverá estar concluído dentro de poucos meses, e que servirá de base para uma edição crítica que o Centro de Estudos Filológicos se propõe publicar. Julgo que não seria possível celebrar de modo mais condigno o cinquentenário da carreira literária do portentoso escritor. Só estudando com paciência beneditina e apurado sentido dos matizes estilísticos as inúmeras variantes das obras de Aquilino se recebe intacta a lição da sua exemplar consciência estética, se avalia bem a sua espantosa fecundidade e se vê concretamente a que directrizes obedeceu a evolução da sua arte, pondo-se totalmente em evidência com que mestria insuperável tira partido das virtualidades da língua, na gama riquíssima que vai dos arcaísmos aos plebeísmos e ás formas eruditas, dos esquemas clássicos da frase á livre, azougada sintaxe popular. Por temperamento ou por formação, desagrada-me ás vezes o tom disfemístico em que o biógrafo de Camilo fala do bicho-homem, outras vezes os bruscos saltos de nível estilístico, por exemplo, o termo rasteiro dissonante, por destoar do assunto, ou em contraste violento com a palavra de coturno que vinha antes. Mas nunca deixa de se me impor, até me deslumbrar, a linguagem com que o autor ergue o seu universo romanesco, linguagem que constitui ela própria um mundo denso e seivoso — síntese nova de experiências ancestrais, de vários estratos de cultura, de situações humanas diversas, de modos de pensar, de sentir, de proceder, que foram sedimentando na língua com o dobar dos séculos. Um mundo recheado de nomes alusivos a coisas e seres nossos, castiços. As ideologias passam; a obra de Aquilino, essa ficará, arrancada ás contingências, rija e frondosa como um velho roble, portuguesa até ao cerne, tão portuguesa que dispensa protestos oratórios de nacionalismo. Ainda mais: a sua arte, opulenta e, ao mesmo tempo, feita de subtis intenções de pormenor, instintiva e simultâneamente saboreada, confere sentido humano e poético aos valores castiços em que se enraíza. Dela emerge uma figura humana solidária com o autor — um homem de espinha direita e pés fincados na terra, pronto a derrubar ídolos e a dar testemunho das grandes, terríveis verdades ético-sociais, e com religioso respeito pelas forças genesíacas e pelos valores mágicos da palavra.



À porta da Livraria Bertrand onde Mestre Aquilino faz lugar de encontro com amigos de acidental tertúlia

«Prémio Salento» em Itália

O «Prémio Salento», instituído pela administração da província de Lecce, na Itália, foi atribuido ao escritor Nino Palumbo, pela obra «Le Giornate Lunghe». O valor do prémio é de um milhão de liras, ou seja, o equivalente a cerca de 45 contos.

•

João de Freitas Branco

AQUILINO Ribeiro é, para mim, um autor difícil, na mesma medida em que me faz ver quanto preciso ainda de enriquecer o meu vocabulário. Mas, se outros escritores me obrigam a tirar menos significados, também é verdade que me deixam ás vezes uma impressão de pretensiosismo e de aspiração a uma aristocracia literária artificial. Aquilino, pelo contrário, fala-me sempre como um artista da palavra que, instalado na mais alta jerarquia das nossas letras, permanece junto do Povo português. Pode soar a paradoxo este breve depoimento, que tem no entanto a sua lógica. É que muitos de nós, os que escrevemos para letra de forma, desconhecemos preciosidades da língua materna familiares a não sei quantas centenas de milhares de analfabetos

•

João José Cochofel

A minha opinião acerca de Aquilino? — A de que ele é uma das maiores figuras de toda a literatura portuguesa, um renovador e um reinventor da língua que falamos, um gigante que domina, de muito alto, com qualquer coisa de tutelar, o ultimo meio século das letras nacionais.

Estarei a exagerar? Não sei. Limito-me a dar a minha opinião, simples e franca, como me foi pedido. Mas muito gostava eu de adivinhar o que pensarão a este respeito, daqui a cem ou duzentos anos, os nossos futuros filólogos e historiadores...

•

Joaquim Paço d'Arcos

FELICITO-ME pela iniciativa que tomei, na presidência da Sociedade Portuguesa de Escritores, da aquisição ao pintor Rui Filipe do retrato a óleo de Mestre Aquilino Ribeiro. Parecia-me imprescindível que a agremiação que deve reunir todos os escritores portugueses prestasse ao seu fundador a homenagem da admiração e do reconhecimento que todos nós lhe devemos. Admiração pela sua obra de grandeza sem par em nossos dias; reconhecimento por uma vida inteira ao serviço das letras portuguesas, com fidelidade exemplar e paixão vivificadora. Que a vida e a obra se prolonguem para orgulho e proveito de todos nós.

•

José Gomes Ferreira

Á pelos meus quinze anos, mal encetava eu os tentames da infancia literária quando alguém de bom gosto me ofereceu o *Jardim das Tormentas* — exemplar que conservo com o meu nome escrito no anterrosto em letra hirta e perra de quem ainda não tinha acertado com o recorte *natural* da assinatura para a posteridade». (Na aventura artística, como se sabe, começa-se sempre pelo apuro e preocupações dessas bagatelas).

Ora, o *Jardim das Tormentas* exerceu funda influência no meu destino literário, não apenas pela lição de autenticidade castiça que se despendia de cada frase, mas principalmente por que me abalou a ilusão ingénua de que *escrever era fácil*. De chofre, percebi que não bastaria entregar-me ás delícias do ritmo verbal do Acaso para engendrar e produzir obras-primas. Na minha cabecinha de escrevinhador balbuciante surgiu a ideia de *ofício* como indispensável á aparente espontaneidade do artista. E na lógica do meu mundo (como, afinal na dos outros, segundo verifiquei depois) Aquilino passou a pertencer, por direito de sucessão, á dinastia sagrada Camilo-Eça... Nunca mais deixei de lê-lo com o encanto orgulhoso de estar a assistir, pedregulho por pedregulho, livro por livro, á construção dum dos mais potentosos monumentos literários portugueses de todos os tempos, com as garras bem mergulhadas no barro das «origens, dos clássicos e do povo».

Hoje, a minha admiração por Aquilino não se firma somente nas razões de verdade universal que a todos deslumbra na sua Obra, onde arde, como em nenhuma outra, a Fogueira da Língua Viva. Creio agora que a maior originalidade de Aquilino reside em representar — e pela primeira vez na História da Literatura Portuguesa — os cinco ou seis milhões de camponeses da nossa Terra, classe que, até ele aparecer, nunca havia aberto bico no romance, salvo numa ou noutra contrafacção para comprazimento do burguês reinante.

Na verdade, em Aquilino — que mal disfarça o desprezo manifesto pelos escribas e bonifrates pequenos-burgueses — fala sempre o camponês, um camponês evoluído, claro, que não se inibe de descer, de quando em quando, á cidade, para pisar, rude, os salões, os cafés, os tribunais, as ideias, o intrincado do transito sem respeito por «visões» anteriores que não se assemelhem ás que os tais cinco ou seis milhões lhe meteram no sangue e nos olhos.

E quem não o ler a esta luz não o entenderá, nunca poderá entender completamente os seus romances citadinos.

No que respeita ao resto — quando nos conta, com aquela crueldade antidemagógica dos artistas verdadeiros, as paixões, as raivas, a avareza, as misérias, os heroismos, a mesquinhice cainha dos seus amados camponeses — não me temo de empregar o termo justo para o classificar: genial.

•

Lima de Freitas

É para mim uma honra ter colaborado como ilustrador com Mestre Aquilino Ribeiro, que considero uma figura ímpar na nossa literatura, um dos grandes escritores que temos tido. Nele, ser *homem de letras* não é uma amputação, antes um acrescentamento de ser *homem*: exemplo difícil e generoso para todos os jovens. Trabalhador da língua portuguesa, de cujas riquezas subterraneas extraiu grandes blocos de granito, Mestre Aquilino aparece-me nos seus livros como uma força, como uma árvore de grande porte, com as raízes no nosso povo e o espírito aberto aos ventos da História.

Daqui lhe tributo a minha grande admiração.

•

Mário Soares

NO momento em que se comemoram os cinquenta anos de uma vida literária fecundíssima e, de diversos quadrantes, se erguem justos louvores á obra portentosa do escritor — o maior, da língua portuguesa, em nossos dias! — apraz-me destacar uma faceta da figura mental de Aquilino, particularmente relevante a meus olhos: a intransigência cívica do republicano. Fiel a si próprio e aos seus princípios, democrata, *pé fresco*, anticlerical, largamente aberto aos anseios de promoção humana que marcam a nossa época, e, sem demagogia, incondicional, na defesa dos desfavorecidos, mestre Aquilino tem tido, ao longo de uma vida longa, a coragem exemplar da sua independência.

Assim, numa hora em que se festeja o escritor hoje indiscutível, património e glória das letras pátrias,

Na vida do autor de *Quando os Lobos Uivam* o culto inteiriçado da cidadania entrelaça-se na actividade do escritor, fundindo-se, naturalmente, com ela num só bloco granítico que permanece, contra ventos e marés, numa linha de coerência que vem desde os tempos distantes em que era *apenas* o lendário fugitivo da esquadra do Caminho Novo até aos dias de hoje em que é mestre incontestado de escritores portugueses e candidato escolhido por tantos deles ao prémio Nobel

HOMENAGEM A AQUILINO RIBEIRO

Quando o homem
diz a terra e a permite

a confirma
resiste
e entreabre

quando diz a coragem
e a vive
reafirma o direito á igualdade

MARIA TERESA HORTA

COMO NASCEU «JARDIM DAS TORMENTAS»

— o primeiro livro de Aquilino Ribeiro publicado há cinquenta anos

SE quisesse ser exacto com os meus três leitores fiéis quanto á forma como decorreram os primórdios da minha carreira, não saberia. O meu livro de estreia foi «Jardim das Tormentas», e vejo-me lá longe, Boul. Montparnasse, no fundo do horizonte cronológico, a entregar o original ao velho Aillaud, assistido do livreiro carioca Francisco Alves, rico Mecenas que legou fortuna e haveres á Academia Brasileira. Cobrados os direitos de autor, não sei quanto tempo fui no «Quartier-Latin» Príncipe da Grã-Ventura; um dia, talvez nem o dia cheio; mas tive uma bela corte á volta.

Saiu esse livro, feixe de pequenas novelas, em Paris, prefaciado por Malheiro Dias, que o inculcara e apadrinhara junto dos editores. A propósito, escrevera-me ele: «Julgo que a ocasião é unica para dar um exemplo a esta bi-lateral intolerancia monárquica e republicana, puxando-lhe severamente as orelhas. Ah, como tudo seria fácil se os homens de inteligência se entendessem!». Estavam de moda os «Jardins» em literatura: «Jardin des Suplices», Jardin d'Epicure», Jardim de minha avó torta, e recebeu este flagelado nome, tão ao sabor do temperamento português, a julgar pela «História Trágico-Marítima». Em despeito do título, deste Maria vai com as outras, se a estreia tinha alguma coisa de recomendável estava na originalidade. Sempre me esforcei em não me parecer com os demais, não trazer gravata de que visse segunda do mesmo padrão, de não pensar como o geral, sobretudo, de não escrever como os infinitos Félix Pereira da nossa acreditada praça. Eu, antes de mais nada. Eu, ainda que tivesse de viver e morrer singularmente a rufar um arrebentado tambor. E o segredo da minha perpétua rebeldia está nisto.

Tive a sorte de surpreender Aillaud e sócio a uma das horas mais amenas do dia. Acabavam de sair do restaurante, e não há — tanto mais que Aillaud gostava da «bonne chère» — para propiciar um negócio como o palato regalado com um almoço á francesa, comidas leves e ultra-sápidas, vinhos suavemente aromáticos, um Sauterne, um velho Bordeus, cujos espíritos parecem ser do lagar de Platão. A culinária, digna de nome, tem, além do mais, isto de louvável, ao passo que retempera as energias físicas, sublima as faculdades boas do homem e recalca as más.

Com a mais lata surpresa ouvi a Aillaud, que era um sapiente e benigno homem, destes que Anatole France define pelas costas: «un bon dos» — e que melhor se é no anverso que está inscrito o valor das moedas? — uns olhos grandes, papudos, á flor do rosto, que paravam a contemplar-nos como corvos pretos do seu poleiro, esta pergunta divina:

— Quanto quer sobre preço de capa?

Lembro-me que rebateu por junto, na edição, uns 250 fr., ao tempo um capital apreciável, equivalente a 50 mil réis, da quantia que lhe pedi. E no dia seguinte depus na sua secretária contra espécies o original gatafunhado, uns três ou quatro cadernos ainda em primeira lavra, numa letrinha miuda e caótica como mancheia de milho painço entornado no alqueire. «Gloria in excelsis!».

Como não havia de rejubilar, eu e os anjos, com o respeitável peculio — classifiquemo-lo assim, submetendo-o á lei da oportunidade — o estudante que vive da mesada e passa os ultimos dias do mês de ouvido á escuta de cada rumor no patamar, de cada pancada na porta: é, não é, o «facteur des mandats-poste», o homem providencial e magnífico que tira da caixa negra, oblonga, os francos salvadores?

Se eu não fosse um rapaz com vinte e poucos anos, trataria de economizar aquele dinheiro. Mas em Paris, nesta idade, poupar é ilusório. Ilusório e revelador de maus instintos. Toca a derretê-lo dignamente. Veio a «malta» toda: o pintor Manuel Jardim e Renée; Brochard e Crucciani com as duas Louise e com Suzanne. Depois de um jantar, heliogabalesco para os nossos hábitos comezinhos, alguém propôs que se fosse até Enghien. Enghien, ás portas de Paris, gare do Norte, com um casino em que havia «dancing», jogo, «canotage», chamava quem pretendia divertir-se sem gastar mundos e fundos. Uma miniatura de Monte Carlo ou Quitandinha. E fomos. Enquanto uns meteram para o lago, eu meti para a roleta. Brinca, brincando, acabei por me deixar enviscar. Á 1 h. da manhã tinha diante de mim um monte de fichas que Suzanne avaliou por alto em 30 000 fr.

A partir de certa altura ela fartava-se de me puxar pelo casaco:

— Põe-te ao fresco...

Continuei a jogar, porfiadamente como uma personagem de Balzac. A que padrão me guindava eu? A roda da fortuna parecia perplexa. Não atendi a que pudesse desandar.

— Vem-te embora, palerma! — tornava com mais força a boa rapariga.

Ás 4 h. não me restava na algibeira com que mandar cantar um cego. Regressámos por Asnières, longo como dar a volta ao mundo, lançando de quando em quando vozes cínicas ao vento, que eram no fundo a espuma verde do nosso desconsolo. Fora preciso que Jardim rapasse entre o cotão dos bolsos as passagens de terceira. Serviu-me de emenda. Jurei nunca mais jogar e mantive a palavra... já lá vai mais de um carro de anos. Força de vontade? Sim, força de vontade. Mas, como tudo hoje no mundo, a começar pela vida, é uma carta de jogar, eu nunca passei da cepa torta.

E em Paris o refrão de sempre recomeçou. Sorbonne e Bal Bullier, o verbo e a sua hora de vidairada, o Chartier e Suzanne, «petite brune» que casou com um milionário libanês e encontrei certo dia na Ópera, afogada em peles caras e coberta de tão relucidas jóias que fiquei estarrecido. O forasteiro que em Paris queira desfrutar um belo espectáculo — não vem no Baedeker — ai pelas 8 h. da noite tire-se dos seus cuidados, torneje do Boul. St-Michel para a Rue Soufflot, e, á esquerda, antes de chegar á igreja de St. Etienne-du-Mont, quando se avista a torre de Clóvis, entre na casa iluminada por largas janelas transversais. É a Biblioteca de Ste-Geneviève, a quem Ferdinand Denis legou a sua bela colecção de livros portugueses. Á ilharga do Panthéon, com a igreja de fachada ao gosto do Renascimento, ao fundo, mais adiante sobre sudeste a torre romanica, a Faculdade de Direito e o Liceu Louis-le-Grand por emparo a Nascente e Poente, que assombroso caixilho para os sonhos e ambições de um rapaz de vinte anos!? Precisamente eu morei anos consecutivos, depois de meses em Montmartre, na R. Descartes, rua estreita do tempo dos prebostes, em face do hotel onde Verlaine teve durante muito tempo o seu ninho de hujo, que já nele morrera o rouxinol.

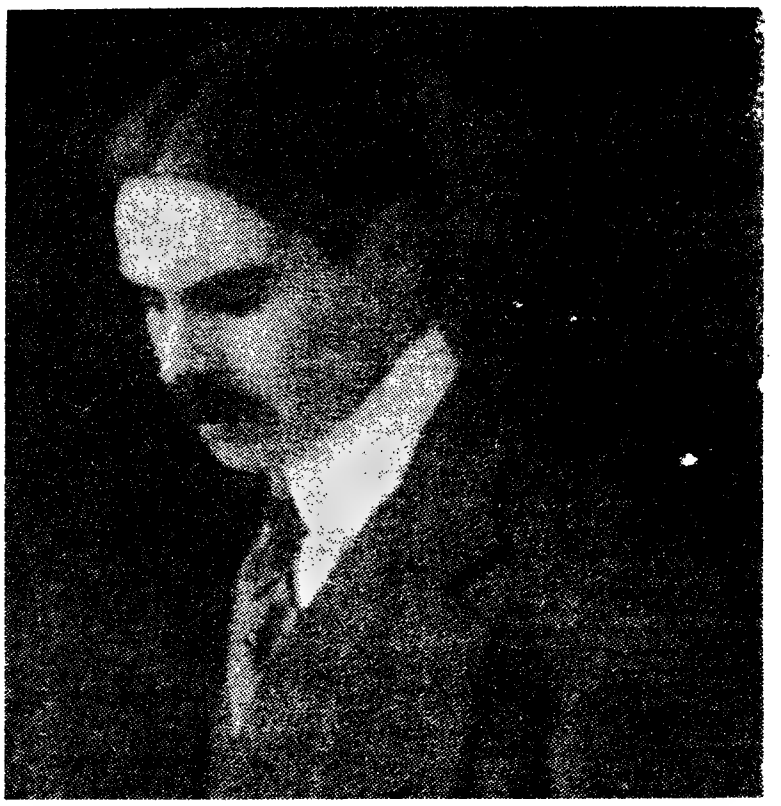
A sala da Biblioteca composta de duas grandes secções, separadas a todo o longo por uma alta estante, encimada de vasos de Sèvres, á noite coalhava-se de leitores. A secção Sul era especialmente frequentada por estudantes. As faculdades possuiam livrarias próprias, mas esta era mais internacional e mundana. Reuniam-se ali as mais lindas raparigas de cinco partes do mundo. Quem as apartou para aquela sala ou como acontecia tão especioso fenómeno? Não sei. Talvez fosse Minerva, que é uma realidade espiritual como outra qualquer. Elas estudavam ou faziam que estudavam, aliás isso é o que tinha menos interesse. Creio que estudavam. O certo era encontrarem-se ali em barda sedutores palminhos de cara e esgalgadas tigres de mulher, para todos os géneros e todos os paladares. Desde a japonesa, com olhos em amendoa e tez de marfim velho, á moscovita com a pele branca e veludosa das açucenas e uma palheta azul na íris, fugitiva como o horizonte das estepes. Eram o rebanho feminino das «Mil e uma noites»; o príncipe Arun-al-Raschid tinha por onde escolher. Eu admirava-as. Mas estas admirações de natureza sensual em Paris duram o que duram os efluvios capitosos de uma rosa. Inebriamento após inebriamento, fica-se mitridatizado ao tóxico da voluptuosidade.

Na Ste-Geneviève compus boa parte do «Jardim das Tormentas», mormente as novelas que ressaem da mera observação objectiva e relevam, sem pedantaria, que nunca soube o que eram tais chumaceiras, da cultura geral.

Também das vezes que tinha exercício com Durand, que explicava na Sorbonne «De finibus», para levar o meu tema em regra, o que implicava sebenta por um lado e brio por outro, ia ali compulsar as obras de Cícero. Mas com as relações, a tarefa nem sempre era cómoda. Lá vinha esta ou aquele desafiar-nos para o cinema ou o «cabaret». Umas noites por outras gostava de ir recrear-me com as patacoadas trovadorescas de Xavier Privas e Montegus. Puxar á nora, vamos, mas cristãmente. Abancava também na «Source», Boul. St-Michel, café em que se concentravam Europa e América. O café do Panthéon era peculiar aos estudantes de Direito Mais acima, na Clôserie des Lilas, pontificava Paul Fort, mal se pressentindo a aurora do cubismo nas artes plásticas. Picasso não rompera ainda a crisálida. Na «Rive Gauche», de Café para Café, a intercomunicação era constante e cordial. Lembro-me que um belo Camara, já caricaturista afamado da «Assiette au beurre», a anunciar-me a exposição de trabalhos no seu «atelier» da Avenue du Maine.

Depois de ouvir uns dias entre outros Durckeim, Georges Dumas, Lalande, Levy Brhul, Brunswick, Picavet, o inefável Durand no latim, e já não sei quem lia Maine de Byran, soberbo batalhão filosofal, com um ou outro condiscípulo da Faculdade espalhava-me no «Boul-Mich», em tais e tais «bistros», cafés e cervejarias. Pela primeira vez um avião sobrevoou Paris.

(«Abóboras no Telhado» — Aquilino Ribeiro).



Retrato de Aquilino Ribeiro no ano em que foi publicado «Jardim das Tormentas»

As obras de Aquilino Ribeiro

- **Jardim das Tormentas** — Contos
- **A Via Sinuosa** — Romance
- **Lápides Partidas** — Romance
- **Terras do Demo** — Romance
- **Filhas de Babilónia** — Novelas
- **Estrada de Santiago** — Novelas
- **O galante século XVIII** — Versão comentada
- **O Romance da Raposa** — Romaninho infantil
- **Andam Faunos pelos Bosques** — Romance
- **O Homem que Matou o Diabo** — Romance
- **Batalha sem Fim** — Romance
- **As Três Mulheres de Sansão** — Novelas
- **Maria Benigna** — Romance
- **É a Guerra** — Diário
- **Alemanha Ensanguentada** — Viagem
- **Quando ao Gavião Cai a Pena** — Contos
- **Arca de Noé. III Classe** — Contos infantis
- **Aventura Maravilhosa** — Romance
- **S. Banaboião, Anacoreta e Mártir** — Romance
- **Anastácio da Cunha, o Lente Penitenciado** — Biografia
- **A Retirada dos Dez Mil** — Tradução e Prefácio
- **O Príncipe Perfeito** — Tradução e Prefácio
- **Por Obra e Graça** — Estudos
- **Em Prol de Aristóteles** — Tradução e Prefácio
- **O Servo de Deus e a Casa Roubada** — Novelas
- **Os Avós dos Nossos Avós** — História
- **Volframio** — Romance
- **O Livro do Menino-Deus** — História e Etnografia
- **Aldeia** — Crónicas
- **Caminhos Errados** — Novelas
- **Mónica** — Romance
- **O Arcanjo Negro** — Romance
- **Constantino de Bragança** — História
- **Geiras** — Monografia
- **Cinco Reis de Gente** — Romance
- **Uma luz ao longe** — Romance
- **Camões, Camilo, Eça e Alguns Mais** — Estudos críticos
- **Luís de Camões, fabuloso-verdadeiro** — Ensaio
- **Portugueses das Sete Partidas** — História
- **Geografia Sentimental** — História e folclore
- **Leal da Camara** — Biografia
- **Príncipes de Portugal** — História
- **Humildade Gloriosa** — Romance
- **Arcas Encoiradas** — Estudos
- **O Homem da Nave** — Crónicas
- **Abóboras no Telhado** — Crítica e polémica
- **O Romance de Camilo** — Biografia (3 vols.)
- **Novelas Exemplares** — Tradução e prefácio
- **A Casa Grande de Romarigães** — Crónica romanceada
- **O Malhadinhas** — Novelas
- **Quando os Lobos Uivam** — Romance
- **Dom Frei Bertolameu** — Biografia
- **D. Quixote de la Mancha** — Tradução (3 vols.)
- **No Cavalo de Pau com Sancho Pança** — Ensaio
- **De Meca a Freixo de Espada á Cinta** — Ensaios
- **Tombo no Inferno — O Manto de Nossa Senhora** — Teatro

Para publicação próxima:

- **Um Escritor Confessa-se** — Memórias
- **O Livro de Marianinha** — Literatura infantil
- **Aboborões no Telhado** — Crítica e polémica
- **O Bispo de Viseu** — Memórias e prefácio

EFEMÉRIDES

1885—Nascimento de Aquilino Ribeiro, em 13 de Setembro, na povoação de Carregal da Tabosa, concelho de Sernancelhe.

1895—Vai residir com seus pais para Soutosa, na serra da Nave, concelho de Moimenta da Beira.

1900—Ingressa no Colégio Roseira, em Lamego.

1902—Estuda em Viseu; entra, em Outubro, no Seminário de Beja, para frequentar o curso teológico.

1904—Regressa a Soutosa, convivendo durane dois anos com as serras e serranos da Beira Alta.

1906—Vem residir em Lisboa.

1907—Entra na actividade política, é preso e evade-se da esquadra do Caminho Novo.

1908—Consegue exilar-se para França, onde permanece seis anos, com interregnos de estadias em Portugal e na Alemanha.

1913—Primeiro casamento, na Alemanha. Publica «Jardim das Tormentas».

1914—Nascimento do primeiro filho, hoje dr. Aníbal Ribeiro.

1915—Inicia a actividade de professor, no Liceu de Camões, em Lisboa.

1918—Publicação de «A Via Sinuosa».

1919—Entra para o quadro de funcionários da Biblioteca Nacional, a convite de Raul Proença. Publica «Terras do Demo».

1921—Faz parte do grupo fundador da revista «Seara Nova».

1922—Publica com grande êxito «Estrada de Santiago».

1927—Participa na organização revolucionária do movimento de 7 de Fevereiro. Segundo exílio em França.

1928—Regressa a Portugal e é preso; evade-se do presídio de Fontelo e refugia-se novamente em Paris.

1929—Segundo casamento, em Paris, com D. Jerónima Dantas Machado, filha do presidente da Republica, dr. Bernardino Machado.

1930—Nascimento do seu segundo filho, hoje eng. Aquilino Ribeiro Machado. Publica «O Homem que matou o Diabo».

1931—Reside na Galiza. Publica «Batalha sem Fim».

1932—Regressa a Lisboa e inicia uma fase de intensa criação literária.

1933—Publica «Maria Benigna».

1935—É eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

1939—Publica «Mónica».

1943-45—Publica «Os Avós dos nossos Avós», «Volframio», «Lápides Partidas», etc.

1947—Publica «O Arcanjo Negro».

1948-55—Publica romances, volumes de crónicas, estudos históricos, polémicas, etc.

1952—Viagem ao Brasil, de Março a Junho, recebendo calorosas homenagens nos meios sociais e literários.

1956—Edição de «O Romance de Camilo».

1957—É editada com larga repercussão «A Casa Grande de Romarigães».

1958—Publica o romance «Quando os Lobos Uivam». É processado judicialmente.

1960—É proposto como candidato para o Prémio Nobel, em consequência de um vasto movimento dos escritores portugueses e com numerosas adesões de lusófilos no estrangeiro.

1963—Publica «Tombo no Inferno — O Manto de Nossa Senhora». Inicia-se a celebração do cinquentenário de vida literária.

A prosa de Aquilino frente à Natureza

por Mário de Azevedo Gomes

PARA aqueles a quem a vida profissional, desde que vivida com intensidade, coração e cérebro, faz aproximados da *terra mater* — da planície ao vale e á montanha, da campina e agro cultivado ao domínio da floresta, extreme ou de feição mista, silvo-pastoril e até ao bravio dos altos cerros — é de admitir, como reacção própria, que, através da obra aquiliana, mais distingam e exaltem quer a rara sensibilidade, quer o poder de observação, quer por fim a mestria insuperável nos descritivos que ali se patenteiam, frente a essa natureza envolvente que a todos irmana no mesmo culto de fortes raízes ancestrais.

Autor e criador de beleza, havendo sofrido como poucos a influência modeladora do ambiente em que se fez homem, da íntima comunhão com ele deve ter brotado, pujante, um dos veios mais puros da sua arte superior.

Acontece, assim — estou a incluir-me, já se deixa ver, no numero daqueles profissionais e venho depor, humildemente, para corresponder tão só á honra de um convite — acontece, assim, sempre que romance ou simples novela, saídos da pena de Aquilino, hajam que estruturar-se tendo como pano de fundo trechos da sua tão querida Beira serrana, que venham a brilhar com a maior fulgência aqueles atributos da personalidade do escritor; é isto natural. Mas, que se desloque o observador e o artista para meio diverso, acaso menos familiar — exemplo magnífico «A Casa Grande de Romarigães» — e desde logo, prontamente, com a mesma capacidade de análise e vibratilidade igual dos sentidos, se afirmam as virtudes portentosas da descrição.

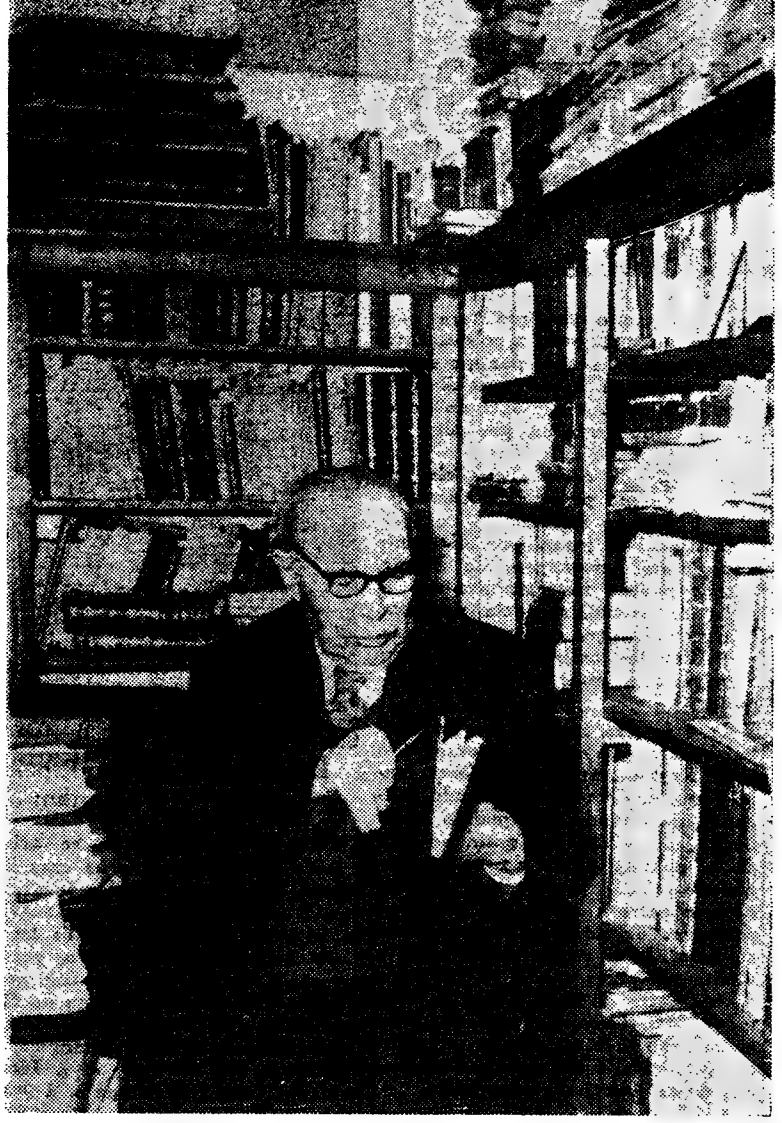
Se me permito insistir nesta faceta do talento de Aquilino Ribeiro, na sua aptidão para inventar a forma adequada que dê relevo e vida ao objecto por cada vez em causa, é porque me parece ser esta — referindo-me, sempre, apenas ao citado campo da *terra mater* — a característica com que melhor se afere a grandeza do Mestre.

Apuramento da sensibilidade, poder de observação, outros cultores da Natureza, e por fora do mundo da literatura, os possuem, e podem felizmente continuar possuindo, em alto grau. Mas daí á representação capaz daquilo que se viu, sentiu, apreendeu, em momentos de maior emotividade... que distancia!

Por vezes, como que fica apenas no subconsciente um vago registo, esboço confuso de certo detalhe. E eis que, de subito, a magia do escritor, com a mais rica linguagem, rica do sentido da justeza e força evocativa, nos põe diante dos olhos a imagem perfeita da realidade entrevista, imagem enobrecida, bem entendido, da luz que projecta nela essa arte sublime de bem escrever.

Que tal magia tivesse podido exercitá-la, no tempo em que vivemos, um escritor da nossa língua, para benefício imediato dos contemporaneos que somos dele, é para dar graças ao destino que neste particular, ao menos, nos foi tão propício.

Quanto ao escritor, Aquilino Ribeiro, é a Nação inteira que lhe deve gratidão pelo muito que enriqueceu o património comum, precisamente no que ele tem de mais duradoiro e melhor servidor das futuras gerações de portugueses.



Aquilino possui uma preciosa biblioteca e consulta os seus livros com fervorosa devoção

Saudação a mestre Aquilino

por JOSÉ RÉGIO

DECERTO é necessário que a literatura de cada povo se renove. Que nela surjam novas correntes, novas personalidades, novas concepções ou visões da vida e do homem. A literatura está sempre em movimento, mesmo quando apresente uma superfície tranquila —, como o oceano. E por outro lado não é menos necessário que toda a novidade, para que se não reduza a *pastiche* e cabotinismo (ainda bem que estes vocábulos não são portugueses!), se levante de uma base sólida com alicerces fundos; que uma tradição autentica renasça, com outras formas ou caras, mesmo onde parece vencida; que o desenraizado tenha raízes; que haja elos vivos, mesmo quando invisíveis, entre o que de grande foi construido e o que se está construindo ou construirá; que o oceano sempre em movimento não deixe, em suma, de ser o oceano.

Aquilino Ribeiro é hoje, entre nós, a mais poderosa afirmação desses alicerces fundos, dessa tradição que nada tem de convencional ou retórico, dessas raízes que não inibem nenhuma originalidade, desses elos vivos entre passado, presente, futuro. Nos tempos do humor negro, da pintura abstracta e da musica e poesia concretas, das novas vagas, da resolução da vida em absurdo, da substituição da criação artística pelas experiências na mesa anatómica da arte, mestre Aquilino continua a ser o que mais ou menos se anunciava há cinquenta anos: um dos mais admiráveis trabalhadores da nossa língua — irmão dos nossos grandes escritores do século passado — na qual tem vindo cunhando, para a nossa relativa eternidade, a sua medalha viva de duas faces: o homem primitivo e o letrado.

Através desses cinquenta anos de trabalho sustentado por uma irresistível vocação criadora, sem duvida tem havido flutuações e variedade na obra de Aquilino Ribeiro. Mas sempre o rustico de poderosos instintos a que chamamos primários por fundamentais — paisagista, animalista, humanista pagão e lírico, talvez sem par na nossa literatura — nela se impõe a par do letrado propenso a investigações e reconstituições aliás muito pessoais, ao cultivo da ironia, da fantasia e da sátira, a incursões várias no campo da intelectualidade ou da vida citadina. Há quém pense que os escritores assim se repetem — e que deveriam renovar-se. Por mim, nunca vi renovação nos escritores verdadeiramente originais — pois a originalidade não é senão uma fidelidade ás fontes profundas da criação pessoal — que não fosse ou mera aparência, ou simples revelação de aspectos ainda mal perceptíveis. Os escritores verdadeiramente originais, como é Aquilino, não precisam de pretensões a renovação, para serem novos, isto é: para sempre terem que nos dizer. Não se lhes gasta a seiva, enquanto não caem de vez. E caindo, já se sabe ou já está dito: é como as árvores.

Homenagem de Nuno Simões

QUANDO há meio século, — onde isso vai! — no *Diário de Coimbra*, dirigido por Miguel Braga e em que colaboraram alguns jornalistas que haviam depois de dirigir outros, — tive o gosto de ser dos primeiros a saudar Aquilino, cujo cetro de prosador Malheiro Dias assinalara como já magistralmente empunhado no *Jardim das Tormentas*, fácil era prever a obra singular que havia de seguir-se a essas maravilhosas páginas. E ela veio, sem que a abundancia, alguma vez lhe prejudicasse a alta qualidade.

Bastou que o talento do moço escolar, inconformista e rebelde que no exílio florescera, desse lugar ao grande artista da palavra escrita que, em Aquilino primaverava.

A terra donde ele provinha era pobre. Mas — «terra pobre — fruto nobre». E que nobreza de imaginação, que riqueza de sensibilidade e que beleza de forma na pintura de corpos e de almas que ele colheu do natural, rebuscou na sua memória ou fez surgir, em plena humanidade, na sua própria e excelsa criação!

E se assim foi nas figuras e nos cenários em que as movimentou, a natureza e as paisagens em que deteve a sua atenção e quantas vezes parece que até suspendeu o seu deslumbramento, desafiando o dos leitores, deram-lhe telas modelares de antologia como as melhores — e por vezes superando-as — dos nossos mestres prosadores e dos alheios.

A sua obra temos de agradecer-lha todos como portugueses. Constitui ela uma inapreciável contribuição para a nossa literatura e para o esplendor da língua portuguesa, o que tanto monta dizer para a glória e eternidade dos povos que a falam.

NUNO SIMÕES

A lição do labor exemp

de um gande

por MANU

PASSADOS estes cinquenta anos de intensa, fecunda e admirável actividade literária, quando já tão larga perspectiva se abre da sua obra monumental, Aquilino levanta-se ante nós inteiro, impondo-se nas verdadeiras proporções da sua forte estatura, assim como na lição exemplarissima do trabalho tenaz, no amor e perseverança da bela arte em que militou. No quadro da literatura portuguesa contemporanea, a sua sombra alarga-se, estende-se, torna-se desmedida. Desde a publicação do *Jardim das Tormentas*, em plena e agitada mocidade, até aos ultimos livros, impetuosos, magníficos, quentes da mesma seiva original, todo o caminho da obra o vemos traçado, tal como o correr de um grande rio através os acidentes da terra, no seu constante e irresistível impulso de atingir o que de longe anseia.

O mesmo natural ímpeto que faz com que as águas avancem em seu curso, aqui remansosas e límpidas, reflectindo luminosamente o azul pacificador do céu, para além, de subito, se revoltarem numa cachoeira, ou, ruidosas e iradas, tombarem na vertigem dos profundos declives, tudo se desenvolve como o crescer de uma potente, farta e indomável energia da natureza, portentosa não apenas pelo veio inesgotável donde brota — pelo caudal magnífico —, mas também, e acaso sobretudo, pela variada beleza e assombro do seu curso, que no mapa da nossa história literária se desenha com a mesma figuração com que nas cartas geográficas se representam os grandes e caudalosos rios. Da nascente á foz, crescem, engrossam, vão abrindo implacávelmente o seu sulco, no trajecto que os leva ao imenso mar — ao mar onde tudo, tudo na vida desagua.

É assim a vasta e bela obra de Aquilino Ribeiro, que, neste meio século de trabalho aturado, estuante e poderoso, o grande escritor tem vindo amassando, página e página, livro a livro. Agora, nos anos de velhice — de velhice frutuosa, rija e fera —, o rio da sua obra parece que se alarga num amplo estuário, em que as águas ganham a cor mais intensa e profunda do mar, correm com placidez majestosa e segura, confiantes, serenas, experimentadas e ricas do trajecto percorrido. Dá gosto contemplá-la no seu imponente espectáculo de conjunto, a essa obra forte, poderosa, que em verdade, tal como um rio em seu percurso, tem vindo a atravessar a terra portuguesa, espelhando quanto foi encontrando pelo caminho, quer da grandeza e formosura dos montes, quer do obscuro e tanta vez pavoroso drama dos homens, em imagens e quadros tão impressivos, flagrantes pelo movimento e colorido, que quase sempre parecem mais fortes, vincados e empolgantes em sua condensação — e é este o prodígio da autentica arte — do que os cenários da própria Natureza. Neste povo simples e feraz, nesta energia de alma temperada ao sopro da terra á sua maneira comovida, também do perpétuo sofrimento dos homens reside a inconfundível originalidade do escritor, como brota a sua afirmação humana, no que de tão aprazível e sentido, de vigoroso sedutor nos oferecem os seus livros.

Nas caminhos percorridos, em realidade, é sempre com a terra o homem que nós deparamos, presos no seu abraço indissoluvel, como na sua vera e impressionante expressão, com o que têm ao mesmo tempo de correntio e excepcionalmente humano, com frequência bravio, ao afirmar-se na sua agreste rusticidade. A obra — e esta virtude, porventura, em primeira força a caracteriza — impregna-a o hálito forte da terra e o pulsar do seu sangue que é o viver do povo. Tudo nos é representado no vigor de um estilo próprio, original, inconfundível pela energia e a autenticidade. O escritor minou no monte e minou na alma dos homens a nascente donde brota a obra, e da o que ela tem de profundamente arrancado do coração vivo das coisas, cavado no cerne deste grosso madeiro que é a nossa índole de peninsulares — a verdadeira alma deste mundo, com as suas particularidades ao mesmo passo distintas bizonhas. Ele minou fundo, cavou na rocha granítica dos montes e no viver empedernido das mais mísseras criaturas humanas, e no seu afanoso labor acontece que por vezes a pedra chispa, ferida do ferro que a lavra — a pedra verte o mesmo quente sangue da carne dilacerada. Do mais fundo da alma ás realizações formais, tudo se talha na mesma matéria, que ao primeiro olhar dir-se-ia indomável, rebelde á mão do artista.

De onde hoje escrevo estas linhas — de um alto das serranias do Douro —, eu adivinho para além do rio o mundo que deu vida aos seus livros, vejo as pregas em que a montanha se enruga, lá do planalto descarnado e rude, batido do tempo, petrificado pelas idades, com seu impressivo, que p desde o con vada em su dia se deix um artista za e da me dali que tuc rio se pôs declives — neste meio e prodigiosa te e exemp anima da e brava.

Eis porqu e sentida e prende ao g velho e rec funda, resp deslumbram que ficará do nosso te vés das sor e caliginoso para além e rememor dos seus ac homem e padecer. -Montes, co são as pro se conserv humilde po escritor sou do seu ve expressão rácter.

A muitos lino será p da. Mas cu tante contr nossa cultu zado apego como outro maneirame bro da lin os seus liv beleza do s tir e do s logo, e des e na grand ma, e de qu não é sená em que en

Este dia chove e tro não me de serros que nesce o rio pre figura tuguês, ma obra do g de novo se enviar a m

A esposa do escritor, D. Jerónima Dantas Machado Ribe colabora dedicadamente com seu marido

...exemplar

...n grande escritor

por MANUEL MENDES

...e quadr... seu impressionante carácter primi-
...s pelo m... tivo, que parece que assim ficou
...quase se... desde o começo do mundo, conser-
...vincad... vada em sua virgindade, para um
...condens... dia se deixar possuir pela mão de
...gio da a... um artista seu, da mesma nature-
...s cenárk... za e da mesma indómita raça. Foi
...ste pod... dali que tudo nasceu, que o grande
...nergia d... rio se pôs a correr pelos vales e
...da terra ... declives — a correr e a engrossar
..., também... neste meio século de labuta insana
...s homens... e prodigiosa, de trabalho permanen-
...riginalid... te e exemplar. Tudo no escritor se
...ota a su... anima da mesma força admirável
...te de t... e brava.

...igoroso... Eis porque não é sem a mais viva
...rus livros... e sentida emoção, por quanto me
...ridos, en... prende ao grande escritor — afecto
...a terra ... velho e reconhecido, admiração pro-
...mos, n... funda, respeito devido ao mestre,
...duvel, e... deslumbramento pela grande obra
...ssionant... que ficará como um marco cimeiro
...ao mes... do nosso tempo —, que daqui, atra-
...excepci... vés das sombras deste dia cinzento
...requênci... e caliginoso, eu saudo as terras que
...a agrest... para além das serranias adivinho
...sta virt... e rememoro, no movimento brusco
...ira forç... dos seus acidentes, como cismo no
...a o hál... homem e no seu rustico e antigo
...r do se... padecer. A Beira Alta e Trás-os-
...povo. ... -Montes, como ele algures escreveu,
...no vigo... são as províncias onde mais vivas
...ginal, in... se conservaram as tradições do
...a auten... humilde povo português, e que o
...no mon... escritor soube ressuscitar, na força
...omens ... do seu verdadeiro significado, na
...ra, e da... expressão mais quente do seu ca-
...damente... rácter.

...das coi... A muitos títulos a obra de Aqui-
...e grosso... lino será por longo tempo recorda-
...le de pe... da. Mas cuido que a mais impor-
...ra alma... tante contribuição que ela traz á
...articula... nossa cultura é decerto este enrai-
...stintas e... zado apego á terra e ao homem,
..., eavou... como outro nunca houve, tão sobre-
...tes e no... maneiramente expresso no assom-
...is mise... bro da linguagem em que verteu
...no seu... os seus livros, e nos transmite a
...por ve... beleza do seu imaginar, do seu sen-
...do ferro... tir e do seu cuidar. Aí o vemos
...e o mes... logo, e desde o início, na inteireza
...e dilace... e na grande energia do que o ani-
...alma ás... ma, e de que a vasta e potente obra
...se talha... não é senão a forma imorredoira
...primeir... em que encarna.
...l, rebe...

Este dia escuro de Inverno — chove e troveja por estes montes — não me deixa ver para além dos serros que me separam lá donde nesce o rio caudaloso que para sempre figurará no mapa literário português, mas basta-me rememorar a obra do grande escritor para tudo de novo sentir e amar, e daqui lhe enviar a minha comovida saudação.

...ntas Machado Ribeiro, seu marido

Aquilino Ribeiro entregue ao seu trabalho de fecunda e admirável criação literária

Depois de sair do seminário

(Continuação da 17.ª página)

ra que essa ideia é inata e intuitiva em nós, ipso facto se infere a existência de Deus. Parece-me que é assim pouco mais ou menos que Santo Anselmo formulou o argumento ontológico.

Ficaram os três de olhos em mim e Bessa disse:

— Então não quis ser padre? Calculo... os lindos olhos dalguma pequena...?

— Não, a falar-lhe a verdade, não.

— Adm'ra! Quando assim se está possuído de ciência teológica, admira!

— A minha ciência teológica não vai longe. De resto, argumentos desta ordem saltam com dois sopros. Dentro de cada silogismo há mais ludíbrios do que os que pode criar a nossos olhos o espelho pendurado contra a luz na parede do nosso quarto. Quer V. Ex.ª que lhe desfie a proposição contrária á prova ontológica?

Eu vinha com a memória fresca da metafísica, mas Eduardo Coelho sorriu levantando no ar a mão espalmada.

— O senhor sabe muito para a sua idade... — disse Bessa.

— Fiz dogmática com nemine discrepante.

— Embora! Queria então ser repórter?

— Sim! Preciso de ganhar a vida...

— A literatura do jornal é uma literatura pataqueira. A filosofia para cá de nada serve. O importante para o repórter é ter umas unturas enciclopédicas de tudo... profanas, sobretudo profanas. E o indispensável é que escreva correctamente, com simplicidade e sem nefelibatismos... Está habituado a redigir?

— Alguma coisa.

— Olhe, nós temos o quadro au complet **— tornou o mesmo redactor, homem moreno e pequenino — mas tomamo-lo a contento...**

Perante o meu ar interrogativo, Noronha disse:

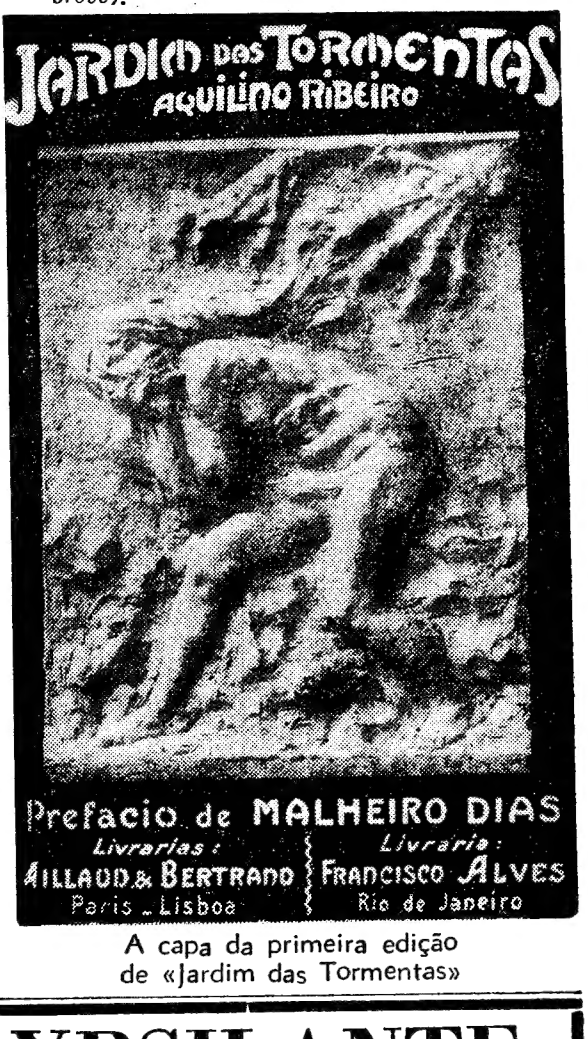
— Trabalha uns dias no jornal. Conforme se desempenhar do recado, a Administração contrata-o ou não. Se lhe serve...

— Perfeitamente. Quando posso começar?

— Amanhã, domingo, há uma festa no quartel de Bombeiros da Rua da Esperança. Sabe onde é? não sabe, mas pergunta. Quer-nos ir fazer a reportagem?

Fui fazer a reportagem da inauguração duma escada Magyrus **ou já não sei de quê que contendia com o futuro auspicioso ou o passado glorioso da benemerente instituição. Fiz ainda a reportagem de um incêndio no Ferragial; duns roubos de galinhas, para os Terramotos. O repórter, o tal caído em perplexidade, esladroou, tosquiou o relato do que tinha de luxurioso, positivamente matéria de escândalo para a prosa tabelada, clássica, eterna enquanto Portugal for Portugal e houver folhas noticiosas:** Com a presença de S. Majestade El-rei, de S. E. R. o Cardeal-Patriarca, membros do Governo e outras altas individualidades, realiza-se amanhã, **etc., etc.**

(Trecho inédito das «memórias» de Aquilino Ribeiro, cuja publicação, sob o título «Um Escritor confessa-se» deve ser iniciada em breve).



A capa da primeira edição de «Jardim das Tormentas»

DIÁRIO DO SR. YPSILANTE

«... A publicação deste diário não me põe qualquer problema de consciência. É evidentemente possível que os herdeiros do Sr. Ypsilante não a aprovem. Mesmo assim, teriam ainda de demonstrar a autenticidade destes escritos e assim, estabelecer que transpus os limites das modestas liberdades concedidas à literatura dos nossos dias...»

arcádia

ANDRÉ KEDROS

Colecção ENCONTRO — volume n.º 24 — 45$00 à venda nas livrarias

«Jardim das Tormentas»

(Continuação da 17.ª página)

a ultima página do seu livro, como se me despedisse com saudade de alguém. Conservo ainda vivas as intelectuais emoções que a sua arte me provocou. Esta ruma de páginas, humidas do prelo, considero-a como um organismo animado pelos seus pensamentos e aparatosamente vestida pela luxuosa beleza da sua arte.» E. mais adiante: *«...Eu preciso declarar-lhe sem mais formalidades, sem cuidar em pensar se estes dizeres o sensibilizam ou ensoberbecem, que esta linguagem vibrátil, nervosíssima, onde há cordas sonoras que vibram ás ondulações mais imperceptíveis, dos seus contos, soa aos meus ouvidos como a linguagem de um Cellini da prosa, e quem a escreveu na sua idade juvenil é, desde agora, um dos grandes virtuoses do estilo.»*

O acolhimento que «Jardim das Tormentas» encontrou, na crítica e no publico, abriu lhe prontamente as largas portas da glória literária. Mais tarde, num «Solilóquio autobiográfico-literário», o próprio Aquilino Ribeiro caracterizou assim esse seu primeiro livro:

«O meu primeiro livro, contos, teve por título, Jardim das Tormentas. *Com isso evocava Mirbeau que admiro ainda. O principiante, á procura de um título, acaba muitas vezes por escolher um, que não é senão o pobre eco, ou a má adaptação, do título de uma obra célebre.*

Editado em Paris, em 1913, foi saudado pela crítica como um bom presságio. Na realidade, anuncia a minha obra. Revela os meus gostos e as minhas tendências sociais, as influências sofridas, os assuntos que já me atraíam e que, com a continuação, viria a tratar. Foi a première *do meu teatro de fantoches. O homem infeliz, o eterno sofredor e, por outro lado, o homem erguido acima da sua condição por um golpe da sorte ou da vontade, esses tipos principais na minha obra, fazem aqui a sua aparição. Já aí me mostro apaixonado da Natureza, á maneira dos impressionistas. A Natureza goza, nos meus livros, de uma insuspeita personalidade. Para mim o homem só conta no seu meio, tanto físico como social. Quero-o evolucionando no cenário que lhe é próprio. E cada ser ou cada coisa á volta, um amigo, um cão, uma árvore, desempenham o seu pequeno papel, têm pelo menos importancia documental.*

Podia-se, fácilmente, assinalar neste livro, além da influência de Anatole France e um pouco de Barrès, a de Tolstoi e dos portugueses Fialho e Eça. Neste «jardim» circulam, com efeito, os vagabundos e os sonhadores que se encontram em todos os meus romances, mas ao lado desta gente, que professa um desprezo plausível pelo Mundo, há aqueles, mais numerosos, que trincam ávidamente a maçã da vida. Esses são projecções do meu eu. Tanto amo a vida nos seus prazeres eternos, aqueles que já conhecia o nosso pai Adão, a boa mesa, o amor, a ociosidade depois do trabalho, como nas belas coisas que nos oferece o progresso, a máquinazinha com que escrevo os meus livros, e o automóvel que me permite transportar-me para a minha casa serrana. De resto, ama-se a vida com certa precaridade. E' uma espécie de paludismo.»

A obra de Aquilino Ribeiro prosseguiu os seus rumos, como força da natureza que nenhuns obstáculos conseguissem deter. E, no livro de mais recente publicação — apresentando-se ainda sob uma faceta nova: a de dramaturgo — pode o glorioso mestre da nossa literatura neste século escrever com justa convicção: *«A Balzac bastaria a* Comédie Humaine *para ficar célebre, Camilo a* Brasileira de Prazins. *Eu não teria necessidade de mais que da* Via Sinuosa *e* Andam Faunos pelos Bosques *para ser tido em conta e discutido.»* Poderia, mesmo, afirmar que bastaria *Jardim das Tormentas* para que o seu nome ficasse gravado entre os grandes mestres da prosa e da criação ficcionista em língua portuguesa. Mas, em lugar disso, é um majestoso e vasto monumento literário que se ergue nos sessenta volumes da obra completa de Aquilino — monumento a desafiar o tempo e a assinalar-lhe uma vitoriosa e inabalável posteridade.

SAUDADE DE GOMEZ DE LA SERNA

«EL SEÑOR RAMÓN» E A TERTÚLIA DO CAFÉ POMBO

por JOSÉ REIS

De Ramón Gomez de la Serna bem se pode afirmar que nunca pediu o que quer que fosse para si, e menos ainda se submeteu a políticas, partidos ou literaturas, sempre preferindo ser ele, natural, simples, sincero, amigo e grato. Era um dos quatro «ramones» imortais da Espanha contemporanea. Primeiro desapareceu Valle Inclán, depois seguiu-se-lhe Pérez de Ayala; apenas resiste — e que seja por muitos anos mais — Ramón Menéndez Pidal quase a completar 94 anos.

Ramón há muito que suspirava por regressar a Espanha. Sentia que não podia viver longe da sua Pátria, e sobretudo de Madrid, capital a que dedicou vários livros. Em Madrid criou alguns «cultos» que ficaram famosos: o *rastro* foi um deles. O outro foi a «Tertulia Pombo», a mais variada tertulia literária, com enorme frequência e onde se ia especialmente para ouvir Gomez de la Serna. Novos e velhos — mais estes do que aqueles — não faltavam á tertulia.

Então, Ramón irrompia impetuosamente no campo da literatura com os livros «El novelista», «Gran Hotel» e «El doctor inverosímil» que mostram a personalidade original do seu autor.

Gomez de la Serna tinha um estilo simples, rico de vocabulário — e para o caracterizar ainda mais — com palavras por ele inventadas.

O café Pombo estava situado na calle de Carretas, uma das mais concorridas. A sala era ampla, mas tinha pouca luz; permanecia mergulhada em penumbra — mesmo nos dias luminosos de Primavera — e o seu aspecto velho — mais próprio é afirmar-se: gasto — não convidava novos clientes. Eles passavam, olhavam e seguiam outro caminho.

A tertulia do café Pombo efectuava-se aos sábados, sempre presidida por «el señor Ramón» — assim denominavam os criados a Ramón Gomez de la Serna.

Como era Ramón?

Baixo, quase atarracado, forte; na cabeça destacavam-se as feições animadas por um constante sorriso. Havia, também, um ar petulante a contrastar profundamente com a simpatia que irradiava logo ao primeiro relance.

Como o café Pombo era bastante frio no Inverno, Ramón aparecia de capa madrilena — a famosa «capa» — e empunhando um bastão de punho prateado. A cada passo fazia soar o bastão no solo. Na cabeça um chapéu largo que lhe ficava de maravilha. Ramón Gomez de la Serna era o grande senhor e o grande animador da tertulia do café Pombo.

Quando falava nunca atacava quem quer que fosse — sabia *dar uma no cravo e outra na ferradura* — com muita elegancia de expressão e de gestos.

Um dia Ramón deixou Madrid, a sua cidade, a capital onde se sentia irreal, onde sonhava e de onde nunca gostaria de ter saído. Foi para a Argentina e contra o que se possa pensar, o destino a que se votou não teve qualquer antecedente político, resultou de uma necessidade doméstica. Sua esposa Luisa Sofovich não se sentia bem em Espanha.

Madrid chorou a partida de Ramón Gomez de la Serna. Ele viveu no «desterro» sempre saudoso da sua Pátria e muito saudoso da sua cidade, das ruas e das pessoas, das casas e dos jardins — do típico dos bairros madrilenos. Aos amigos e conhecidos Ramón afirmava constantemente a sua intenção de voltar breve a Madrid onde queria morrer. Chorado Ramón!

Madrid inteiro pôs luto quando o corpo de Ramón Gomez de la Serna desembarcou no aeroporto de Barajas. Chovia muito naquele dia. Se Ramón pudesse ter visto Madrid encontrar-lhe-ia muitas modificações e algumas talvez lhe causassem enormes desgostos.

«Jornal do Fundão»

Com a sua dinamica orientação actual, continua o «Jornal do Fundão» a publicar regularmente as suas páginas de literatura e artes, em que colaboram alguns destacados valores das novas gerações literárias Na sua mais recente edição incluem-se artigos de Francisco de Sousa Neves sobre a «Noite dos Poetas» realizada na Sociedade Nacional de Belas-Artes; de Vasco Granja sobre «Panorama do Cinema Brasileiro; de E. M. de Melo e Castro sobre «Poesia»; um desenho caricatural de Luís Jardim e comentários ou informações diversas.

Merece especial referência, pelo seu largo significado nacional, a entrevista Modo»

Em ALCANENA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOAQUIM RAMOS VIEIRA.

FIO DE PRUMO

A missão do professor

por MANUEL DE CAMPOS PEREIRA

Há livros que, por traduzirem exactamente confissões espontaneas, constituem autênticos catecismos de cultura e de civismo.

Ainda há pouco, e neste mesmo jornal, tive ocasião de aconselhar a leitura de uma obra que, embora de aparente fachada desconcertante e insólita, poderá influir no leitor atento por forma construtiva e até criadora de sãos princípios. É o caso das confissões de Isadora Duncan — livro de tal audácia e autenticidade que o perplexo servirá de sinónimo de moralizante e esclarecedor dos infortunios e mistérios da vida.

Muitas vezes o chamado «franco-atirador», lançado ao mar do Mundo com a unica e frágil tábua que é a sua consciência, tem o poder, pelos seus comportamento e coragem, de fixar normas que os vindouros, se estritamente as não seguem, pelo menos as admiram numa espécie de ansiedade do que desejariam ser. E isto já seria muito.

Trata-se do «livre-arbítrio» em plena acção, cujas pedras brancas, arremessadas ao acaso numa obsessão de ideal, poderiam erigir um monumento eterno. Cristo, de certo modo, outra coisa não foi do que um «franco-atirador», de cujo opróbio, sofrido em penhor da mais justa causa de fraternidade e de igualdade, conseguiu sobre um escárnio erguer uma religião.

E o que é o professorado senão a semente de uma religião que parte do ignorado para a sabedoria da vida?! Que são ou devem ser os professores senão apóstolos que, ao retardador do tempo, pegam numa criança e a encaminham das trevas do desconhecido para o sol da «inteligência», da cultura e da civilização?! Pode haver melhor oftalmologista do que esse que ilumina a cegueira dos ignorantes e os inicia no incomparável sabor do pão do espírito?

Isto vem a propósito de um ansioso movimento de amor que sei estar-se processando, á volta do «Diário», de Sebastião da Gama, porque grande parte das alunas dos liceus, vêem nesse ingénuo livro do apostolado o exemplo vivo do que elas desejariam encontrar nas suas professoras: compreensão, consciência e brandura. Mais ainda do que isso: simpatia, cordialidade e clima maternal.

Não quero dizer que estes predicados escasseiem integralmente no professorado a que me refiro, mas posso afirmar que não abundam em qualquer estabelecimento de ensino do País. E permito-me considerar tal procedimento um erro grave.

Nas citadas confissões de Sebastião da Gama, disse ele esta belíssima frase:

«Para ser professor, também é preciso ter as mãos purificadas. A toda a hora temos de tocar em flores. A toda a hora a poesia nos visita».

É desta e de outras belezas humanas que está repleto o «Diário» de Sebastião da Gama, e que os professores, sobretudo aqueles que mais contactam com crianças e adolescentes, deviam tomar como seu catecismo do apostolado que ministram. As crianças ou adolescentes estão sedentos de bondade e amor, através dos quais a sabedoria melhor pode insinuar-se nos cérebros em formação intelectual. Até a severidade pode ser sinónimo de amor, se for bem entendida e entoada nesse poema eterno e tantas vezes ignorado que se chama «ensinar». Pois foi esse poema que, entre muitos outros, Sebastião da Gama escreveu. Mas parecia-me ainda mais util do que figurar nas antologias, que ele andasse de mão em mão dos professores de todo o País, já que a sua ingenuidade aparente tanto se confunde com a palavra de Cristo nos seus anseios de fraternidade.

Não podemos esquecer que as crianças aprendem com a mesma facilidade o bem e o mal, ou melhor este do que aquele, e que só pela instilação da bondade pode salvar-se o futuro.

Fragmento de Romance

por ALMEIDA FARIA

N da R. — *Este trecho de romance do jovem escritor, há pouco consagrado com o Prémio de Revelação da Sociedade Portuguesa de Escritores, recebeu o Prémio do Conto nos Jogos Florais do «Dia do Estudante», em 1962.*

De madrugada ainda levantar-se, descer para a cozinha, enregar o trabalho reacendendo lume no fogão, lavar a louça que ficou da véspera, com sobejos de comida em monte sobre a pia (durante o Inverno a água gela, corta os ossos da gente, faz doer ás vezes até pelo braço acima (deve de ser reumático mesmo) ao cotovelo, e só depois sair para o quintal em que os pardais já cantam sobre o carrapateiro, filhar da vassoura e, com ela, varrer a capoeira e aos bichos dar farelos e mais ração avondo (de manhã as capoeiras têm sempre um certo cheiro azedo como alguns quartos de homem) e também ao pintassilgo mudar a água para beber, pôr a tina do banho, dar-lhe ou alpista ou uma folha de alface ou atão ambas, retirar o papel que, ao fundo da gaiola, se enche de cagadelas dia a dia e de casca de alpista, voltar depois ao quarto, lá em cima, a fim de pentear-se, pintar-se se ele a espera, pôr arrelicas e se aparelhar do casaco comprido, cinzento e desbotado de dez anos, meter a carteira na algibeira, descer de novo a escada em caracol para a cozinha, botar a água ao lume já pegado, pegar na alcofa dentre cestos e cabanejos, bilhas, tarefas, potes grandes de azeite ou azeitona e alguidares com todos os tamanhos, vermelhos e vidrados, largos para a matança e para o sangue, tachos de cobre, fulvos, em pé contra a parede de fumo nunca escura, branca, branca, caiada e mais caiada, em seguida descer por vez segunda os degraus do quintal, abrir o pesado portão fechado á chave, soltar os cães esquentados da noite para rua, ir pela rua velha e árida á derêtura caminho da praça do mercado, comprar o que de véspera a senhora, a cuja obediência ela está, na lista de papel pardo assentara, com uma letra grossa, carne de vaca ou vitela para bifes, hortaliça, pescados o que houver, etc., o costume, comprar sem muito ou sequer nada refilar, porque não vale a pena, não lhe pagam palavras (trabalho tão sòmente), meter dois dedos de paleio com esta e com aquela, mais apaniguadas, com o conversado se o tem pela altura (nos dois ultimos anos teve vários, a frescura já foge) ou com outro algum pretendente que por acaso apareça a cheirá-la, voltar ao fim de meia hora, o máximo uma hora para casa, pousar as compras no poial de mármore, o peixe, as couves, os alhos, o lacão, ferver o leite e entrementes fazer torradas para os meninos (no tempo das laranjas espremer aí uma duzia delas, os meninos são cinco), preparar o caldo de maizena e vianda de leite, e os flocos de aveia, migar o pão prás sopas dos mais novos, esfregar o chão de pedra da cozinha e a mesa da cozinha, antes de pôr a toalha aos quadrados para o dejejum, tirar o grão e o bacalhau que ficaram de molho desde a véspera ou ir ao quintal uma vez mais, no qual agora o gato, estático, silencioso e muito atento, caça infrutiferamente borboletas, ir de faca em punho e debaixo do braço o alguidar (é preciso sempre ter cuidado, não bater com ele no corrimão da escada, assim partiu já dois que teve de pagar e uma porrada de massa lhe custaram e este está já rachado, quiçá da água quente, com dois gatos grandes ali ao pé da borda), voltar com a galinha morta ou ferida de morte dentro do alguidar, a cabeça entre as asas como um sono, deitar-lhe água a ferver, tirar do lume o leite, o caldo de maizena, guardar a louça que quase já secou, servir o primeiro almoço aos meninos que gritam, depois de no quintal terem jogado um bocado ao botão, ao berlinde, ao pião ou á pancada, conforme a época do ano, ficando com feridas negras ou feridas de sangue nos joelhos, ou atão depois de serralha ao grilo cantarrista terem dado, se em tempo deles é, que quer tanto dizer como na Primavera, em seguida, quando finalmente eles se vão, meter a louça suja na pia da lavagem, depenar a galinha, pô-la ao lume porque ás vezes é dura, sentar-se enfim no duro banco de pedra ao canto da janela, de guilhotina aberta, mastigando uma bucha de pão com queijo ou chouriço ou banha (o que há) e entre os dedos humidos um pucaro de lata com café de soja e com isto tudo devem de ser dez horas e o estômago a dar-lhe horas desde as seis, por isso anda largando o osso nesta bruta labuta todo o santo dia que inda vai no começo mas que um dia, espera, talvez quando casar, há-de acabar. Tem os olhos cerrados e, cansadamente, reconstitui os gastos gestos a fazer. Sabe que no quarto existe já alguma pouca claridade. Entra pela fresta da janela o frio do sol nascendo. Não há sombra de duvida. Horas de pôr-se a pé. Horas de começar. Horas de ser. São mais que horas.

À porta da livraria

● UM ROMANCE COLECTIVO

Na colecção Livros do Brasil vai ser editada em breve uma obra de invulgar estrutura e significado: um romance em que colaboraram 10 dos maiores prosadores brasileiros da actualidade. Trata-se de «O Mistério dos MMM», em que, sob a coordenação de João Condé, colaboraram Viriato Corrêa, Dinah Silveira de Queiroz, Lucio Cardoso, Herberto Sales, Jorge Amado, José Condé, João Guimarães Rosa, Antônio Callado, Orígenes Lessa e Rachel de Queiroz. Como surgiu a ideia de levar á prática a colaboração de dez escritores brasileiros de primeira linha num dos mais curiosos romances colectivos da literatura de expressão portuguesa? João Condé, o célebre autor de «Arquivos Implacáveis», em breve nota que antecede o livro, assinala que é esta a segunda experiência que promove no género. A primeira veio a publico em 1949 sob o título «O Homem das Três Cicatrizes» e foi apresentada como folhetim no suplemento literário do jornal «A Manhã».

Neste novo romance colectivo, cada um dos colaboradores procurou criar as situações mais embaraçosas para o outro, o que faz lembrar as dificuldades que o velho Eça transferia ao seu companheiro Ramalho na feitura de «O Mistério da Estrada de Cintra».

Mas dessa porfia de talento e imaginação, ganhou o leitor um livro realmente vivo e palpitante, um livro que ficará entre os melhores, no género, já escritos em língua portuguesa.

● CIENCIA SOVIÉTICA

As realizações técnicas da ciência russa constituem hoje motivo de veemente interesse em todo o mundo civilizado. «Filosofia e Ciências da Natureza na União Soviética», da autoria do padre Gustav A. Wetter, S. J., obra recentemente publicada na «Enciclopédia LBL», está encontrando vivo interesse junto do publico ledor. Em cada capítulo deste notável estudo encontram-se dois momentos fundamentais — a parte expositiva e a parte crítica. «Filosofia e Ciências da Natureza na União Soviética» é portanto uma obra de divulgação e de problematização, cujo tema central é constituído pelas questões mais relevantes de uma posição filosófica que é tão importante para a nossa época como foi o Cartesianismo para o século XVII.

● A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JESUS

Vai ser dado a publico brevemente o volume «A Vida Quotidiana na Palestina no Tempo de Jesus», da autoria do conhecido doutrinador e historiador do cristianismo Daniel Rops. E' uma edição de Livros do Brasil, *na sua já extensa e brilhante série «A Vida Quotidiana».*

AVISO AOS EXMOS. SENHORES CARREGADORES E RECEBEDORES

Adicional de inverno («winter surcharge») no tráfego dos portos da zona Hamburgo/Dunquerque para os portos portugueses

As linhas abaixo indicadas, membros da North Continent-Portugal Conference (Southbound), têm a satisfação de informar os Ex.mos Senhores Carregadores e Recebedores de que decidiram suprimir, com efeito para embarques a partir de 25 de Fevereiro de 1963, o adicional de 15 % que vinham aplicando sobre as taxas de frete em vigor.

Companhia de Navegação Carregadores Açoreanos, Ponta Delgada e Lisboa;

Companhia Colonial de Navegação, Lisboa;

Constantine Lijn (Cornelider's Scheepvaart Mij. N. V.), Rotterdam;

Det Forenede Dampskibs-Selskab A/S, Copenhagen (associeted member);

Deutsche Dampfschiffahrts-Gesellschaft «Hansa», Bremen;

Express Lines (Armement L. Hermans S. A.), Antwerp e Bruges;

Gibson-Rankine Line, Leith;

Koninklijke Nederlandsche Stoomboot Maatschappij N. V., Amsterdam;

Lusitania Lijn (Hudig & Pieters'Algemeene Scheepvaart Mij. N. V.), Rotterdam;

Dampfschiffahrts-Gesellscha «Neptun», Bremen;

Oldenburg-Portugiesische Dampfschiffs-Rhederei, Kusen, Heitmann & Cie., K. G., Hamburgo;

Portugal Lijn (Van Nievelt, Gbudriaan & Co.), Rotterdam;

Sociedade Geral de Comércio, Industria e Transportes SARL, Lisboa.

As comemorações do cinquentenário da vida literária de Aquilino Ribeiro

Na Sociedade Portuguesa de Escritores realizou-se ontem uma reunião com representantes da Imprensa e da Rádio para divulgação pública dos trabalhos preparatórios em curso com vista á celebração do cinquentenário de vida literária de Aquilino Ribeiro. Como assinalou, em nome do grupo de amigos e admiradores que tomou a iniciativa das comemorações, o sr. dr. Nuno Simões, justifica este acontecimento que os actos de homenagem a promover tomem a amplitude de uma larga consagração nacional do grande Mestre da nossa literatura de hoje e de sempre, conjugando-se para esse fim todas as iniciativas de pessoas e instituições que desejarem associar-se a eles.

Retrato de Aquilino Ribeiro, pintado em 1951 por Rui Filipe, que será descerrado solenemente na Sociedade Portuguesa de Escritores em 9 de Março

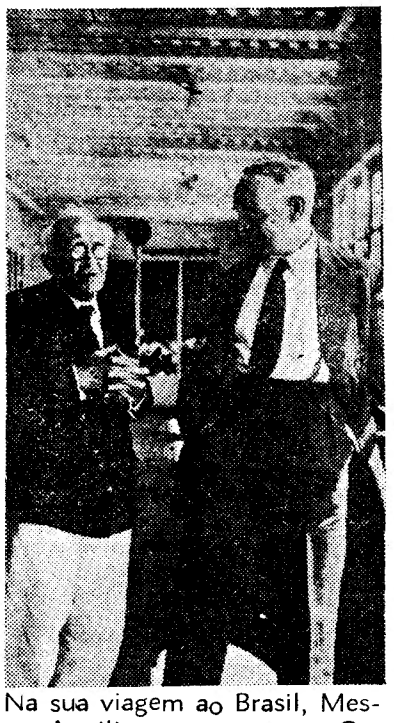
Com o objectivo de coordenar, impulsionar e apoiar, pelos meios que estiverem ao seu alcance, os actos a promover em Portugal e no Brasil por motivo do cinquentenário da obra de Aquilino Ribeiro, constituiu-se uma comissão orientadora de que fazem parte as seguintes individualidades: dr. Nuno Simões, actual presidente da assembleia geral da Sociedade Portuguesa de Escritores; Assis Esperança, Alexandre Cabral, António Quadros, Leão Penedo e Branquinho da Fonseca, como membros da primeira direcção da Sociedade, que foi presidida por Aquilino Ribeiro; Ferreira de Castro, Matilde Rosa Araújo, Manuel da Fonseca, João José Cochofel, Manuel Ferreira e Fausto Lopo de Carvalho, como componentes da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores; Joaquim Paço d'Arcos, presidente da direcção anterior; dr. Luís Borges de Castro, presidente da direcção do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros; e um representante da Livraria Bertrand, editora da obra de Aquilino Ribeiro.

Uma Comissão de Iniciativa, constituída pelos escritores Alves Redol, Manuel Mendes, Carlos de Oliveira, Raul Rego e Alvaro Salema, prestará a sua colaboração á comissão anteriormente designada.

Entre as celebrações projectadas ou já em organização incluem-se o descerramento na Sociedade Portuguesa de Escritores, no dia 9 de Março próximo, pelas 18 horas, do retrato a óleo do escritor, da autoria do pintor Rui Filipe; uma visita de amigos e admiradores de Aquilino á sua residência, em homenagem colectiva cuja data será oportunamente fixada; a realização de uma exposição biblio-iconográfica, possivelmente na Sociedade Nacional de Belas-Artes; a cunhagem de uma medalha comemorativa; a realização de um filme sobre o escritor e a sua obra; e outras iniciativas em estudo, para as quais se espera a colaboração de diversas entidades portuguesas e brasileiras.

No final da sua exposição acentuou o sr. dr. Nuno Simões que é da Imprensa e da Rádio, das instituições de cultura e de educação popular, das publicações literárias e de todas as demais pessoas ou entidades interessadas, que as comissões constituídas aguardam o melhor apoio para a consagração da personalidade e da obra de Aquilino Ribeiro. Nesse sentido, e dirigindo-lhes este apelo, as comissões acima referidas põem os seus préstimos possíveis á disposição de todos os que quiserem, por qualquer forma, associar-se á celebração do glorioso escritor neste ano do cinquentenário da sua actividade literária.

Busto de Aquilino Ribeiro, por Santos Farinha



Na sua viagem ao Brasil, Mestre Aquilino encontrou em Gago Coutinho um companheiro encantador

•

O colaborador constante do «Diário de Lisboa»

(Continuação da 17.ª página)

representativos colaboradores. Nesse numero inicial, em apresentação na primeira página, escrevia-se destacadamente:

«*Aquilino Ribeiro, romancista brilhantíssimo que de há muito conquistou um lugar de primazia nas letras portuguesas, inicia hoje nas colunas do* Diário de Lisboa *a publicação de «O Esconjuro», interessantíssima novela regional que deve registar um inigualável êxito. «O Esconjuro», modelo de prosa cintilante cheia de colorido e de vigor, encerra inumeros quadros em que um invulgar espírito de observação se faz sentir. Publicando em folhetins o belo trabalho do consagrado autor de «Terras do Demo», o* Diário de Lisboa *oferece aos seus leitores verdadeira preciosidade literária*».

O vínculo entre o jornal e o escritor ficou definitivamente lançado desde esse dia remoto de há quarenta e dois anos. Aquilino Ribeiro não deixou de afirmar, desde então, que o *Diário de Lisboa* é «o seu jornal». E a estreita e amiga convivência não cessou de testemunhar-se, daí em diante, na continuidade de uma colaboração que é expoente inapagável da presença do nosso jornal na vida literária portuguesa. Artigos, cartas, entrevistas, séries de crónicas, trechos de obras inéditas, assinalam ao longo dos anos os laços que sempre ligaram o glorioso mestre da nossa literatura e o *Diário de Lisboa*. Destacamos, especialmente, os seus trabalhos «Medicina para todos», publicado em 1934; «A crise do livro», em 1936; «Brito Camacho e as Colónias»; «João Chagas»; a defesa do romance «Volframio» contra os volframistas: as razões do seu estudo sobre Camões; projectos literários em 1959; contos e comentários em diversas datas; e, mais recentemente, a série de crónicas «Cruzes e Cunhos», com que foi reatada uma colaboração regular a prosseguir no futuro, trazendo ás páginas deste *Suplemento* Literário a mensagem sempre juvenil, flagrante e magistral do grande escritor.

Por todas as razões mas, particularmente, como seu amigo de largos anos e seu colaborador, o *Diário de Lisboa* devia gratamente a Aquilino Ribeiro esta homenagem de inalterável admiração.

Aquilino Ribeiro fixado pela câmara de filmar

Ao completar 50 anos de actividade literária, Aquilino Ribeiro vai falar pela primeira vez para as camaras de filmar. O jovem cineasta Fernando Lopes vai realizar um pequeno filme-documento, no qual serão registadas algumas imagens do autor do «Malhadinhas» na sua actividade quotidiana e registadas algumas palavras oportunas do escritor.

Este filme, cujo interesse imediato é manifesto, constituirá um precioso documentto para a posteridade, pois já é tempo de pensar no interesse de registar em filme a galeria das nossas mais representativas figuras das artes e das letras. O filme será, segundo supomos, subsidiado pela Livraria Bertrand — exemplo digno de ser seguido por outras editoras, nos casos em que os autores mereçam, como mestre Aquilino, tal iniciativa.

Numa das suas frequentes visitas ao «Diário de Lisboa», Aquilino Ribeiro conversou largamente com um grupo de leitores do nosso suplemento juvenil

ESCAPARATE

(De 19 a 26 de Fevereiro)

Autores portugueses

Título — «O Encontro das Marinharias Oriental e Ocidental na Era dos Descobrimentos».
Autor — Capitão C. A. Moura Brás.
Editora — Sociedade de Geografia de Lisboa.
Numero de páginas — 79.
Preço — 30$00.

Título — «Monção».
Autor — Vimala Devi.
Editora — Dedalo.
Colecção — Dedalo, n.º 3.
Numero de páginas — 165.
Preço — 35$00.

Autores estrangeiros

Título — «Biografia do Mar» (O Mar e a sua Influência na História Humana).
Autor — Richard Carrington.
Tradutor — Dr. Alberto Candeias.
Editora — Livros do Brasil.
Numero de páginas — 285.
Preço — 55$00.

Título — «Filosofia e Ciências da Natureza na União Soviética».
Autor — Gustav A. Wetter S. J.
Tradutor — Alvaro Serpa Pinto Miranda.
Editora — Livros do Brasil.
Numero de páginas — 155.
Preço — 20$00.

Título — «Billy Budd».
Autor — Herman Melville.
Tradutor — José Estêvão Sasportes.
Editora — Livros do Brasil.
Numero de páginas — 152.
Preço — 12$50.

Título — «O Estranho Caso da Velha Curiosa».
Autor — Agatha Christie.
Tradução — Mascarenhas Barreto.
Editora — Livros do Brasil.
Numero de páginas — 216.
Preço — 12$50.

Título — «Tiro aos Pombos».
Autor — Giose Rimanelli.
Tradutor — Alberto Bravo.
Editora — Minerva
Colecção — Autores do Nosso Tempo.
Numero de páginas — 328.
Preço — 30$00.

Título — «Homicídio nas Termas».
Autor — Rex Stout
Tradutor — Eduardo Saló.
Editor — Livros do Brasil.
Colecção — Xis, n. 125.
Numero de páginas — 226.
Preço — 12$50.

Título — «Os Miseráveis».
Autor — Vítor Hugo.
Tradutor — A. M. Guimarães.
Editora — Minerva.
Colecção — Biblioteca Popular Minerva, n.º 15.
Numero de páginas — 238.
Preço — 12$50.

Título — «A Víbora de Milão».
Autor — Maejorie Bowen.
Tradutor — Fernando de Castro Ferro.
Editor — Estudios Cor.
Colecção — Cor de Bolso, n.º 6.
Numero de páginas — 428.
Preço — 25$00.

Título — «O Sono».
Autor — Aimé Albert.
Tradutor — Alexandre Elias.
Editora — Estudios Cor.
Numero de páginas — 124.

LIVROS NOVOS

«DICIONÁRIO DE BOLSO PORTUGUÊS-FRANCÊS E FRANCÊS - PORTUGUÊS»

E' valiosa e util iniciativa da *Livraria Bertrand* a edição de um Dicionário de Bolso de português-francês e francês-português, em formato e arranjo gráfico que lhe asseguram relevante interesse para largo publico. O Dicionário foi elaborado pelo professor Ersílio Cardoso e, além da criteriosa escolha do vocabulário, inclui sumários guias de pronuncia, nomes e adjectivos geográficos, listas de verbos irregulares, numeros ordinais e cardinais, abreviaturas correntes, etc. Como instrumento linguístico utilitário, o volume é excelentemente ordenado e apresentado — e interessa igualmente ás actividades escolares e na vida usual, quer para portugueses como para franceses.

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«Tombo no Inferno — O Manto de Nossa Senhora»

Teatro de Aquilino Ribeiro

Trazendo a público, pela primeira vez, um volume de teatro — precisamente quando completa e se celebram cinquenta anos de vida literária intensa e fecunda — Aquilino Ribeiro dá renovado testemunho de uma pujança criadora de que não se esgotam as revelações surpreendentes. Como Valéry evocando a trajectória prodigiosa de Victor Hugo, poderá dizer-se de Aquilino que «este homem é a própria força» e que para a medir é necessário considerar toda a história de uma literatura. Ao contista, ao romancista, ao construtor dos largos frescos de evocação histórica, ao biógrafo que vai arrancar do sedimento das visões formalistas a realidade de homens vivos no bem e no mal, ao narrador de histórias para crianças, ao cronista das urbes e dos segredos telúricos, ao prosador poderoso e sem par veio juntar-se ainda, em adiantada idade, o dramaturgo. Á margem de quaisquer juízos de valor sobre as peças teatrais agora publicadas, este facto constitui, por si mesmo, um acontecimento de empolgante significação.

«Tombo no Inferno» é um quadro vigoroso de superstição e crueza de gentes rusticas, em que se desenrola o espectáculo dos rudes contrastes, da natureza humana, tal como Aquilino os representou em «Terras do Demo» e «Andam Faunos pelos Bosques». Não acrescenta, talvez, novas perspectivas a essa típica visão, áspera e viril, do *theatrum mundi*, representada numa novelística de inconfundível personalidade; diminui-lhe, necessáriamente, pela própria índole da estrutura dialogal do teatro, a forte e capitosa presença da Natureza, condensada através do romance ou do conto numa prosa descritiva que lhe conserva as cruas sugestões, os perfumes e o alento vivo; mas o conflito mais directo das figuras em cena, a teia do diálogo e o movimentar concentrado das figuras em estreito espaço fazem avultar melhor, em contrapartida, o desenho flagrante e imediato das personagens, com os seus vícios, paixões, misérias ou inesperadas grandezas.

A peça nasceu, como Aquilino Ribeiro descreve saborosamente no antelóquio, de uma circunstancia biográfica que o fez aproximar-se de conhecido actor e empresário teatral. Por sugestão deste congeminou o escritor, há largos anos, um drama rustico embebido da mesma seiva dos seus romances de mais fundas raízes serranas:

«...Os anos, levados na implacável torrente, foram fluindo, a vida operando mais revoluções que o próprio planeta, e o meu drama nunca passou do esboço, ensaibrado num recife de papeis velhos. Há coisa de meses aconteceu-me, em hora desenfadada, ir dar com ele. Passei-o pelos olhos e suscitou-me a ideia de que estava ali, de algum modo, a descoberta de novo Continente na carreira do escritor, saturada dos outros géneros de ficção. E pus mãos á obra. Assim nasceu e se formou Tombo no Inferno».

Mais adiante assinala Aquilino Ribeiro que a peça teve por inspiração ambiental um vetusto rito dos seus rincões da Beira:

«Foi o Tombo no Inferno *construido sobre um episódio de fé e superstição, cuja realidade se situa já bastante aquém do dia de hoje. Eu ainda presenciei, quando rapazinho, uma dessas cerimónias que se escudariam, a nossos olhos positivos, até certo ponto, no princípio científico da cauterização, desvirtuado com o tempo. Igual ao Ferro Santo havia a medicina teológica da Cabeça Santa ou da chave do Sacrário, que os párocos eram solicitados a introduzir na boca dos meninos como processo de os curarem dos sapinhos. A autoridade eclesiástica baniu do seu ritual estas práticas obsoletas. Mas, para mim tudo isso não foi mais que o acessório ou o circunstancial. O meu escopo foi dar a angustia e desespero do homem pletórico de vida, não a amando menos que um César, surpreendido, como por um bandoleiro á esquina, pelo ucasse da morte. Tudo o que faz, afirmar e desdizer-se, contradições, apelos e protestos, são as vascas da sua agonia moral. Se tive o condão de interpretar semelhante estado, dou por bem empregadas as horas de espírito investidas no trabalho».*

Aquilino Ribeiro na época em que escrevia os contos de «Jardim das Tormentas»

Para corresponder a esse intento tem a peça mobilidade de cenas, cadência certa de componência e caracterização de personagens, pressuposto de encenações realistas em que confluem massas de gente anónima, animais, cenários rusticos. É plausível que a representação no palco faça sentir um alongamento demasiado de algumas cenas, como a do protagonista rogando que lhe abram a porta do ergástulo. Excessivamente extensas, também, se afiguram as falas de algumas personagens — como se o processo do romancista, do narrador do real, se sobrepusesse á necessária economia da transposição dramática. E é de notar, ainda, que o pitoresco formal do vocabulário aquiliano de forma por vezes a naturalidade da linguagem, que se destina a ser ouvida por um publico e não interpretada por leitores. É a força criadora do prosador e do novelista que faz assim prevalecer a sua presença na obra do dramaturgo ainda não representado — uma virtualidade de escritor invadindo a figuração cénica.

Quanto á pecinha em um acto «O Manto de Nossa Senhora», elucida Aquilino Ribeiro que não fez mais que «exumá-la do cafarnaum de vinte anos»:

«Esta espécie de bluette *foi-me pedida por Araujo Pereira, a quem estava obrigado pela sua intervenção prestimosa quando me evadi pela primeira vez dos ferros da tirania. Submetida ao sílabo reinante de um comediógrafo, de larga e nacionalista tessitura na sua produção, soprada já por auras precursoras que se tornariam em breve ventos alísios, permitiu-se pôr no índex certas passagens... Fechei a peçasita na gaveta e lá tem dormitado há longos anos... Mas tinha sido feita para retribuir uma gentileza, e aqui reaparece a confessar a sua missão, mal espanejada, quase sem lhe trocar uma palavra».*

O ambiente da peça é, igualmente, de primitivismo rustico, com seu cunho de violência natural, de paixões rudes e de empirismo tradicional dos sentimentos ou das reacções que eles despertam. Também nela transparece, mas com menos mescla de ironia e de caricatura social do que em «Tombo no Inferno», a nítida filosofia de compreensão da natureza humana, com seu fundo de irreparáveis instintos, que o escritor recolheu desde a sua génese literária na observação do mundo rustico. Há neste drama uma personagem que a exprime, quando exclama: «É o peito da gente que é um ninho de víboras». E será curioso, para os que vierem argumentar que o «clima» dramático do teatro de Aquilino é inactual [illegible] o seu processo de figuração dos conflitos muito restritivo, verificar as afinidades que o aparentam ao teatro de Bernardo Santareno, designadamente no «Crime da Aldeia Velha». Só ocorre que o autor agora desvendado de «Tombo no Inferno» lhes imprime menor ou mais comedida exasperação temperamental, tantas vezes deformadora das realidades humanas na sua expressão vivente — e os envolve num casticismo de linguagem de que coube ao génio de prosador de Aquilino o segredo incoercível.

Decerto que há pontos vulneráveis no teatro de Aquilino Ribeiro, como os acima anotados. O próprio autor assinala, com a sua varonil compenetração: «*O teatro é, sem duvida, uma arte diferente do romance e não terço armas pelo que fiz*». Mas estas duas peças, de franca imaginativa no enquadramento do real observado são ainda, com as suas possíveis vulnerabilidades, o testemunho de uma vocação criadora que pelo tempo fora se tem afirmado em realizações mais esplendorosa, que se desdobra em diversidades de géneros sob a têmpera sempre una da personalidade singular que as gerou — e se mantém em plena fecundidade para revividos frutos. São ainda do antelóquio do volume de teatro agora publicado estas palavras expressivas:

«...Um genuino homem de letras é como os poços de que se tira água de regadio. Uma vez despejado, nova linfa acode de suas fontes originais e secretas, e enche-o. Se não acode tão abundantemente como na boa sazão, nunca se acha exausto. A árvore do espírito, quando castiça e afeita a produzir, dá frutos até morrer. Ora eu, prestes a cumprir os meus cinquenta anos de oficial num ofício de inglória matação, não sendo a cordilheira mirabolante, nem a árvore miraculosa, conservo ainda com relativa têmpera a enzada com que tenho virado a leiva literária».

A mão de portentosa robustez que há cinquenta anos levantou do humus de uma natureza literária riquíssima, gerada das raízes mais fundas da terra e do povo e opulentada por uma vida de irrequieta experiência, esse maravilhoso friso augural que é «Jardim das Tormentas», está viva e fremente para novas lavras. Virão em breve as «memórias», fixando a auto-evocação de uma existência a que não faltou o sabor ardente do romanesco; as páginas enternecidas e risonhas para Marianinha; a ressurreição em literatura documental desse outro vigoroso combatente no mundo imediato que foi o Bispo de Viseu; e, mais volumes de novelas, de crítica e polémica, de crónica e espéculo da realidade experiencial. O teatro de Aquilino Ribeiro, editado neste princípio de ano do cinquentenário de vida literária do escritor, é mais um ramo acrescentado á árvore frondosa. E outros vão nascendo sempre, num prodígio de vitalidade que tanto se reflecte na obra em continuada ascensão como na atitude do homem perante a vida de todos os homens — na beleza consubstancial da criação artística e da mensagem generosa do cidadão. *(Livraria Bertrand, Lisboa).*

Um retrato recente do escritor em perene e sempre renovada actividade criadora

Registo

● *Na série de histórias para crianças «Arca de Noé, III Classe», de Aquilino Ribeiro, em que há poucas semanas ainda foi apresentada pela* Livraria Bertrand *o volumezinho «História do Macaco Trocista e do Elefante que não era para graças», foi agora reeditada a narrativa «História do Coelho Pardinho que ficou sem rabo». Em peripécias de jocosa aventura, a que o grande mestre da prosa faz insuflar a verve de uma imaginação flagrante, defrontam-se os bichos nos seus conflitos e tranquibérnias, movidos por instintos que risonhamente se assemelham aos motivos dos acertos e desacertos humanos. Obras minusculas na tessitura, há nestes contos a grandeza de significado que lhes advém da intenção — a de recrear pequenos leitores sugerindo-lhes a complexidade multiforme da vida e da experiência que cada um terá de construir ou de aceitar através dela.*

A aventura do «coelhinho que ficou sem rabo» tem, igualmente, a sua alegoria compenetrante: «...as mamãs coelhas foram dizer para casa que queriam os seus meninos sem rabo. E como não há nada mais pegadiço que a moda, aconteceu pegar o toquinho branco, ágil e esperto como borboleta, em vez do antigo penacho real. E o coelho pardo, no ripanço da velhice, sete olhos para todas as coisas, considerava com amena filosofia que algumas vezes um capricho, outras um acaso, feliz ou infeliz, pouco importa, tem tanta força que torce a face ao mundo».

Assim finaliza esta história para crianças, que mestre Aquilino impregnou do sabor aliciante da sua prosa e de uma sabedoria que se volta com gostoso sorriso para a petizada tão grata ao seu sentimento de avó.

O romance de Virgílio Martinho, além das suas qualidades estilísticas, romanescas, possui uma qualidade inestimável: a criação de personagens de grande autenticidade humana.

O GRANDE CIDADÃO

de

VIRGÍLIO MARTINHO

volume n.º 34/35 da colecção

AUTORES PORTUGUESES

uma edição **arcádia**

A' venda nas Livrarias

O bilhete turístico «FÉRIAS SOLNEVE»

que compreende transporte, alojamento, refeições e seguro, permite-lhe passar um agradável fim de semana na Covilhã e Serra da Estrela.

Partida de Lisboa ao sábado e regresso da Covilhã ao domingo ou á 2.ª feira, aos preços de, respectivamente, 300$00 ou 367$50.

Peça folheto descritivo nas estações do Rossio ou de Santa Apolónia, nos Despachos Centrais da C. P. ou nas Agências de Viagens autorizadas